



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA

**A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM POSIÇÃO DE CODA NO FALAR
BARRODURENSE**

TERESINA – PI
2024

CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA

**A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM POSIÇÃO DE CODA NO FALAR
BARRODURENSE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Letras, sob orientação da Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva.

Área de Concentração: Linguagem e Cultura

Linha de Pesquisa: Estudos da linguagem: descrição e ensino

TERESINA – PI
2024

S586p Silva, Carliane Barbosa dos Santos.
A palatalização do /S/ em posição de coda no falar barrodurense /
Carliane Barbosa dos Santos Silva. – 2024.
154 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Piauí – UESPI,
Programa de Mestrado Acadêmico em Letras, *Campus* Poeta Torquato
Neto, Teresina-PI, 2024.
“Orientadora: Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva.”
“Área de Concentração: Linguagem e Cultura.”

1. Palatalização do /S/. 2. Estilos de fala. 3. Teoria da variação.
4. Variáveis linguísticas e extralinguísticas. I. Título.

CDD: 469.02



TERMO DE APROVAÇÃO

CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA

Esta dissertação foi defendida às 09:00h, do dia 27 de março de 2024, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. A candidata apresentou o trabalho para a Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após a deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho aprovado.

Documento assinado digitalmente
gov.br ALMA DO NASCIMENTO SILVA
Data: 04/06/2024 09:30:09-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr(a).Ailma do Nascimento Silva – UESPI
Orientador(a)

Professor(a) Dr(a). Cláudia Regina Brescancini – PUCRS
Membro Externo

Documento assinado digitalmente
gov.br SHIRLEI MARLY ALVES
Data: 04/06/2024 09:23:20-0300
verifique em <https://validar.it.gov.br>

Professor(a) Dr(a). Shirlei Marly Alves – UESPI
Membro Interno

Professor(a) Dr(a). Franklin de Oliveira Silva – UFPI
Suplente

Visto da Coordenação:

Dr. Franklin Oliveira Silva (Matrícula: 286.154-2)
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras da UESPI

Ao meu esposo, João Paulo, por todo
companheirismo.

AGRADECIMENTOS

Às 8h01 do dia 17/08/2023, iniciei a escrita da seção que considero mais bela em um trabalho acadêmico. É isso mesmo, faltando no mínimo seis meses para concluir o curso, comecei a expressar, por meio de palavras, o quanto sou grata por todas as contribuições que recebi durante esse processo. Começo cedo, porque não poderia deixar o cansaço e a ansiedade, comuns na reta final, simplificarem o que de simples não tem nada. GRATIDÃO!

Quem me conhece sabe, porque já me ouviram falar várias vezes, que a seção de uma dissertação que eu sempre lia primeiro era o agradecimento. Pois bem, o fazer ciência não mudou essa minha concepção; pelo contrário, a fortaleceu, pois senti o peso do processo, mas, junto com ele, a força daqueles que me impulsionavam a seguir em frente. Todos os que serão citados aqui, acreditem, tiveram enorme contribuição em tornar esse momento possível. Digo mais, sem vocês, eu não teria conseguido. GRATIDÃO!

Agradeço especialmente ao meu DEUS, fonte de toda minha fé, força e persistência. Sem Ele, nenhuma conquista seria possível. GRATIDÃO!

Agradeço ao meu pai, Manoel Barbosa (in memoriam), que, mesmo sem ter tido acesso ao ensino formal, conseguiu transmitir o valor da educação aos seus filhos. GRATIDÃO!

Agradeço à minha mãe, Maria Círia, exemplo de ser humano e compreensão. Soube entender toda ausência que as circunstâncias me impuseram. GRATIDÃO!

Agradeço ao meu esposo, João Paulo, pelo apoio incondicional e compreensão a mim dispensada durante a vida e, sobretudo, nesses dois últimos anos. Esteve presente desde a inscrição até a defesa. Em muitos momentos, acumulou o papel de pai e mãe para que eu pudesse me dedicar ao máximo aos estudos! GRATIDÃO!

Agradeço à minha filha Giovana, por compreender meus momentos de angústia e me dar forças nas horas em que não consegui ser tão forte, por ler meus textos e me ajudar a melhorá-los. GRATIDÃO!

Agradeço à minha filha Melissa, por respeitar meus momentos de estudo e ser compreensiva com os momentos em que estive ausente, e até por entender, às vezes, que não pude acompanhá-la em festinhas de aniversário. Acredito que ela foi a mais afetada por minhas ausências, mas, com Deus, encarou da melhor maneira possível. GRATIDÃO!

Agradeço à minha irmã, Clemylda, por ter me ajudado desde a leitura do projeto para a seleção até em cada momento de angústia, que são característicos de um curso como esse. Sua marca está em cada passo que dei, até mesmo nas lágrimas que rolaram nos momentos em que

não consegui segurá-las. Seu apoio foi fundamental para que eu chegasse bem a este momento. GRATIDÃO!

Agradeço à minha irmã, Maria Ylênia, que sempre me deu forças para seguir em frente, mesmo reconhecendo a complexidade de tudo o que eu estava passando. Sempre deixou claro que eu conseguiria, e isso me fortaleceu. GRATIDÃO!

Agradeço à dona Corina, minha sogra, ao Antônio, meu sogro, e ao Luíz, meu cunhado, por terem cuidado tão bem da minha filha em todos os momentos que precisei deles. GRATIDÃO!

Agradeço ao meu cunhado Jusciê, que, para mim, é um irmão, a pessoa que assumiu a responsabilidade de levar e buscar a Melissa na escola quando eu e o pai dela não podíamos. Agradeço por ter me recebido bem em todas as visitas de meio-dia, o único momento que eu tinha, e por nunca ter me dito não em todas as vezes que recorri a ele. GRATIDÃO!

Agradeço à minha amiga Estela por ter me apoiado e me ouvido em todos os momentos em que precisei de força e até mesmo por compreender que não podíamos mais conversar a qualquer momento. GRATIDÃO!

Agradeço à minha amiga Grazi, por ter acreditado em mim e deixado isso muito claro a todo momento. Como ela mesma disse várias vezes, “não importa quão difícil seja, eu tenho certeza de que você vai conseguir.” Suas palavras ecoaram e me fizeram forte nos momentos de dúvida. GRATIDÃO!

Agradeço ao meu amigo João Gabriel, por sua inestimável contribuição e prontidão, esta última me ensinou que eu tenho muito a evoluir como ser humano. GRATIDÃO!

Agradeço, especialmente, aos moradores de Barro Duro pela colaboração, disponibilidade e pelos inestimáveis dados coletados durante a entrevista. GRATIDÃO!

Agradeço à minha orientadora, Ailma do Nascimento, por suas contribuições nesta pesquisa. GRATIDÃO!

Agradeço aos colegas de Mestrado por todos os bons momentos que vivemos juntos, pelas discussões teóricas, mas, especialmente, pelos cafés que promoveram maravilhosos momentos de descontração. GRATIDÃO!

Agradeço a todos os professores do Mestrado. GRATIDÃO!

Agradeço, especialmente, à professora Bárbara Olímpia, por ter sido uma brilhante professora e por ter servido de estímulo para eu acreditar que todo esse sacrifício valeria a pena. GRATIDÃO!

Agradeço ao professor Franklin de Oliveira, por ter sido um excelente professor.
GRATIDÃO!

Agradeço às professoras Dra. Shirlei Marly Alves e Dra. Cláudia Regina Brescancini pelo aceite em contribuir com o meu trabalho. Obrigada a essa banca tão significativa para mim! GRATIDÃO!

Agradeço às prefeituras municipais de Barro Duro e Olho D'água e à Secretaria Estadual de Educação do Piauí pela concessão das licenças. Seus apoios potencializaram o meu desenvolvimento intelectual. GRATIDÃO!

Nunca pensei em desistir, mesmo me questionando se valeria a pena tanto sacrifício, e, nesses momentos de dúvida, meu DEUS me dizia: "Confia e segue em frente, você vai conseguir!" E aqui estou, com um sentimento de gratidão transcendente por um DEUS que me fez forte como nunca pensei que pudesse ser. OBRIGADA, SENHOR!

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social (LABOV, 2008, p. 140).

RESUMO

Esta dissertação é um estudo da palatalização do /S/ em posição de coda, na qual propomos realizar uma análise sociolinguística desse objeto. Para tanto, fundamentamo-nos na Teoria da Variação, sobretudo nas concepções de Labov (2008 [1972]), Tarallo (2007 [1985]), Alckmin (2021 [2017]) e Mollica (2021 [2003]). A descrição fonológica das variantes envolvidas é realizada, principalmente, por meio da Fonologia Autossegmental, com enfoque na Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995). O tratamento da palatalização do /S/ tem como parâmetro os trabalhos de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Macedo (2004), Monteiro (2009), Bassi (2011), Hora (2016), Lima (2017), Almeida (2019) e Cunha e Sales (2020). Como objetivo geral, propomos analisar o processo fonológico da palatalização do /S/ em posição de coda no falar barrodurense. A amostra é constituída por 1118 ocorrências das variantes coletadas por meio de entrevista individual gravada e da leitura de uma lista de palavras, realizadas com 16 participantes, estratificados por gênero, faixa etária e escolaridade. Como variáveis linguísticas independentes, elegemos: contexto fonológico antecedente, contexto fonológico seguinte, posição da fricativa na palavra, classe morfológica, número de sílabas e posição da fricativa em relação à sílaba tônica. As variáveis extralinguísticas controladas foram: gênero, sexo, faixa etária, escolaridade e instrumento. Para o tratamento estatístico dos dados, utilizamos o Programa *Goldvarb X*, no qual foi realizado o cálculo das porcentagens e dos pesos relativos de cada fator. Os resultados alcançados revelaram que a palatalização do /S/ é condicionada, predominantemente, por fatores linguísticos, uma vez que as variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária e escolaridade se revelaram irrelevantes para a realização desse fenômeno. Deste último grupo, somente a variável instrumento se revelou relevante, com o fator "entrevista de experiência pessoal" despontando como favorável, demonstrando que a variante alveolopalatal é detentora de baixo prestígio nessa comunidade de fala, pois sua produção é favorecida pelo estilo de fala menos monitorado que emerge durante a entrevista e é desfavorecida pelo estilo de fala mais formal que surge durante a leitura da lista de palavras. Linguisticamente, esse processo é favorecido, sobretudo, pelo contexto fonológico seguinte, constituído pela coronal /t/, e pelos fatores: coda medial, palavras dissílabas, posição pretônica, vogais labiais e vogal dorsal. No dialeto de Barro Duro, predomina a realização da variante alveolar [s]; contudo, a variante alveolopalatal [ʃ] é categórica diante da coronal /t/.

Palavras-chave: Palatalização do /S/; Estilos de fala; Variáveis linguísticas e extralinguísticas; Teoria da Variação.

ABSTRACT

This master's thesis is a study of the palatalization of /S/ in coda position, in which we propose to conduct a sociolinguistic analysis of this phenomenon. To this end, we base our work on the Theory of Variation, particularly the concepts of Labov (2008 [1972]), Tarallo (2007 [1985]), Alckmin (2021 [2017]), and Mollica (2021 [2003]). The phonological description of the variants involved is primarily carried out through Autosegmental Phonology, with a focus on Feature Geometry, by Clements and Hume (1995). The treatment of the palatalization of /S/ is based on the works of Brescancini (1996), Scherre and Macedo (2000), Macedo (2004), Monteiro (2009), Bassi (2011), Hora (2016), Lima (2017), Almeida (2019), and Cunha and Sales (2020). As a general objective, we propose to analyze the phonological process of the palatalization of /S/ in coda position in Barro Duro speech. The sample consists of 1118 occurrences of the variants collected through recorded individual interviews and the reading of a word list, conducted with 16 participants, stratified by gender, age group, and education level. As independent linguistic variables, we selected: preceding phonological context, following phonological context, position of the fricative in the word, morphological class, number of syllables, and position of the fricative in relation to the stressed syllable. The controlled extralinguistic variables were: gender, sex, age group, education level, and instrument. For the statistical analysis of the data, we used the Goldvarb X Program, in which the percentages and relative weights of each factor were calculated. The results revealed that the palatalization of /S/ is predominantly conditioned by linguistic factors, as the extralinguistic variables gender, age group, and education level were found to be irrelevant for the realization of this phenomenon. From this group, only the variable instrument was found to be relevant, with the factor "personal experience interview" emerging as favorable, demonstrating that the alveopalatal variant has low prestige in this speech community, as its production is favored by the less monitored speech style that emerges during the interview and is disfavored by the more formal speech style that arises during the reading of the word list. Linguistically, this process is favored primarily by the following phonological context, constituted by the coronal /t/, and by the factors: medial coda, disyllabic words, pretonic position, labial vowels, and dorsal vowel. In the Barro Duro dialect, the alveolar variant [s] predominates; however, the alveopalatal variant [ʃ] is categorical before the coronal /t/.

Keywords: Palatalization of /S/; Speech styles; Linguistic and extralinguistic variables; Theory of Variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Regra de assimilação de vozeamento.....	36
Figura 2 – Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica.....	40
Figura 3 – Escala de sonoridade.....	41
Figura 4 – Representação da organização hierárquica de consonantes e vogais.....	51
Figura 5 – Representação dos graus de sonoridade dos segmentos.....	52
Figura 6 – Representação dos níveis de altura das vogais.....	54
Figura 7 – Representação dos níveis de altura das vogais do português brasileiro.....	54
Figura 8 – Representação da fricativa /s/.....	55
Figura 9 – Representação da fricativa /ʃ/.....	56
Figura 10 – Representação da assimilação do traço voz.....	59
Figura 11 – Representação das fricativas /s, ʃ/.....	60
Figura 12 – Representação da raiz /dbt/.....	62
Figura 13 – Representação das linhas de associação.....	63
Figura 14 – Localização geográfica de Barro Duro.....	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição geral das variantes surdas da coronal /S/	115
Gráfico 2 – Realização da variante alveolar [s] com a coronal /t/ no contexto seguinte.....	122
Gráfico 3 – Aplicação das variantes alveolopalatal e alveolar por instrumento.....	123
Gráfico 4 – Distribuição das variantes [s] e [ʃ] em função da posição que ocupa na palavra....	125
Gráfico 5 – Número de sílabas: realizações alveolares e alveolopalatais	128
Gráfico 6 – Influência da tonicidade na aplicação das variantes do /S/	131
Gráfico 7 – Influência do contexto fonológico antecedente nas realizações alveolares e alveolopalatais.....	133

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Sibilantes do galego-português.....	23
Quadro 2 – Consoantes fricativas do português brasileiro.....	27
Quadro 3 – Matriz de traços das fricativas alveolares e alveolopalatais.....	36
Quadro 4 – Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos da palatalização do /S/ em posição de coda.....	93
Quadro 5 – Estratificação dos participantes.....	99
Quadro 6 – Lista de palavras.....	103
Quadro 7 – Codificação dos dados.....	108

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – A influência do contexto fonológico seguinte na realização da alveolopalatal [ʃ]	116
Tabela 2 – A influência da variável instrumento na produção da variante alveolopalatal....	119
Tabela 3 – Realização da alveolopalatal [ʃ] em função da posição na palavra	124
Tabela 4 – A influência do número de sílabas na palatalização do /S/	126
Tabela 5 – A influência da tonicidade na palatalização do /S/	130
Tabela 6 – Contexto fonológico antecedente e a realização da variante [ʃ]	132

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2 AS FRICATIVAS ALVEOLARES E ALVEOLOPALATAIS.....	22
2.1 AS FRICATIVAS SIBILANTES E CHIANTES DO GALEGO-PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	22
2.2 CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA DAS FRICATIVAS.....	26
2.3 CARACTERIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS FRICATIVAS.....	28
2.3.1 Perspectiva estruturalista.....	28
2.3.2 Análise fonêmica.....	31
2.3.3 Abordagem gerativista.....	33
2.4 A POSIÇÃO DO /S/ NA SÍLABA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	39
2.5 A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA ALVEOLAR NO BRASIL: ORIGEM, PROPAGAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA.....	46
2.6 OS SEGMENTOS NA PERSPECTIVA DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL.....	50
2.6.1 Tipos de segmentos.....	55
2.6.2 Palatalização do /S/.....	59
2.6.3 Processos fonológicos e princípios.....	62
3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA.....	66
3.1 TEORIA DA VARIAÇÃO.....	66
3.1.1 Estudos sociolinguísticos labovianos.....	76
3.1.2 A motivação social de uma mudança sonora.....	76
3.1.3 A estratificação social do (r) nas lojas de departamento de Nova York.....	77
3.2 METODOLOGIA SOCIOLINGUÍSTICA.....	78
3.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL.....	81
3.4 A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM POSIÇÃO DE CODA: ALGUNS ESTUDOS.....	86
3.4.1 Palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no Português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis - uma abordagem não linear.....	86
3.4.2 Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o – S pós-vocálico no Rio de Janeiro.....	87
3.4.3 A produção palato-alveolar do /S/ nas vozes do Amapá.....	88
3.4.4 A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolinguística.....	89

3.4.5 Palatalização do /S/ na região Nordeste.....	90
3.4.5.1 A palatalização do /S/ em coda no falar culto recifense.....	90
3.4.5.2 Processo de palatalização das fricativas na Paraíba.....	91
3.4.5.3 O jogo na comunidade de Caravelas-BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica.....	91
3.4.5.4 O /S/ em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento-BA e Sapé- BA: uma análise sociolinguística.....	93
3.4.5.5 Produção do /S/ pós-vocálico em São José do Mipibu – RN.....	94
4 METODOLOGIA.....	97
4.1 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA.....	97
4.2 COMUNIDADE DE FALA ESCOLHIDA.....	97
4.3 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	100
4.3.1 Critérios de inclusão.....	100
4.3.2 Critérios de exclusão.....	100
4.3.3 Perfil dos participantes.....	100
4.4 INSTRUMENTOS.....	101
4.4.1 Entrevista.....	102
4.4.2 As questões.....	102
4.4.3 Lista de palavras.....	104
4.5 AS VARIÁVEIS	107
4.5.1 Variáveis linguísticas dependentes.....	107
4.5.2 Variáveis linguísticas independentes	107
4.5.2.1 Contexto fonológico antecedente.....	108
4.5.2.2 Contexto fonológico seguinte.....	108
4.5.2.3 Posição da fricativa na palavra.....	108
4.5.2.4 Classe morfológica	109
4.5.2.5 Número de sílabas	109
4.5.2.6 Posição da fricativa em relação à sílaba tônica	109
4.5.3 Variáveis extralinguísticas.....	110
4.5.3.1 Sexo/gênero	110
4.5.3.2 Escolaridade.....	111
4.5.3.3 Faixa etária	111
4.5.3.4 Instrumento	112

4.6 TRATAMENTO DOS DADOS.....	109
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	113
5.1 A AMOSTRA.....	113
5.2 FREQUÊNCIA GLOBAL DAS VARIANTES SURDAS DO /S/	115
5.3 VARIÁVEIS RELEVANTES.....	117
5.3.1 Variável contexto fonológico seguinte	117
5.3.2 Variável instrumento.....	120
5.3.3 Variável posição da fricativa na palavra.....	125
5.3.4 Variável número de sílabas.....	127
5.3.5 Variável posição da fricativa em relação à sílaba tônica	129
5.3.6 Variável contexto fonológico antecedente	132
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
7 REFERÊNCIAS	139
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE	143
APÊNDICE B - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE ...	146
APÊNDICE C – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SOCIAL	159
APÊNDICE D – ROTEIRO DE ENTREVISTA	150
APÊNDICE E – LISTA DE PALAVRAS	151
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	152

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca da heterogeneidade linguística é um trabalho que tem sido abraçado pelos sociolinguistas. É digno de nota que essa variação não passa despercebida pelos falantes, todavia muitos deles concebem-na como erro de uso e não como uma característica inerente a todas as línguas. É oportuno enfatizar que os sociolinguistas, com a descrição das variantes, contribuem com a promoção da concepção de que a heterogeneidade linguística, além de não ser um erro, ocorre de maneira regulada. Assim sendo, desde os primeiros estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Labov, em meados de 1960, muitas variedades e mudanças linguísticas têm sido investigadas e descritas. São estudos que reiteram a heterogeneidade sistemática da língua, bem como a relaciona com fatores internos e externos da linguagem.

É visível que o falar brasileiro é bastante diversificado, constituído por vários dialetos, de modo que evidenciar suas particularidades revela-se um desafio que os estudos variacionistas se propõem a empreender. Essa evidenciação é fundamental para trabalhar a concepção de língua como objeto heterogêneo e para assegurar (ou orientar) o respeito à fala de cada indivíduo.

Estudos variacionistas realizados no Brasil, como os de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Macedo (2004) e Monteiro (2009) promovem a descrição dos dialetos que compõem o português brasileiro. Para descrevê-los, os sociolinguistas concentram suas pesquisas na investigação das variações e mudanças pelas quais passou, e ainda está passando, a língua nas diversas comunidades de fala do país. Essas pesquisas contribuem para a desmistificação da concepção de homogeneidade da língua e, também, para o respeito e valorização da diversidade linguística.

O /S/ em posição de coda, no português, está sujeito ao processo fonológico de palatalização, o qual dá origem às variantes alveolopalatais [ʃ] e [ʒ], que têm sua sonoridade determinada pelo contexto seguinte como consequência do processo de assimilação de vozeamento. Essas variantes coexistem em muitas comunidades de fala brasileiras, mediante um processo de alternância de predominância entre elas. Em algumas comunidades, prevalece a variante [s] e, em outras, a variante [ʃ].

Côncios da importância do conhecimento dessas variantes do português brasileiro pela sociedade, adotamos como objeto de pesquisa a palatalização do /S/ em posição de coda no falar barroduense, município do Estado do Piauí, localizado na região Nordeste. É válido

destacar que esta pesquisa se dedica somente ao estudo da variante alveolopalatal surda [ʃ] e da variante alveolar surda [s]. As sonoras [ʒ] e [z] não estão em discussão nesta pesquisa.

Dois argumentos subsidiaram a decisão de pesquisar somente as variantes alveolopalatal e alveolar surda. O primeiro deles foi o contexto em que a palatalização se realiza em maior proporção. Esse ambiente é, segundo resultados de várias pesquisas com esse objeto, o contexto seguinte [-voz]. Logo, a variante [ʃ] é mais produzida que a [ʒ]. Dentre as investigações que chegaram a essa conclusão, destacamos a de Brescancini (1996), a de Macedo (2004) e a de Bassi (2011). Nessas pesquisas, a produção da variante alveolopalatal surda superou a produção da alveolopalatal sonora. O outro argumento que reforçou nossa decisão foi o conhecimento, ainda que empírico, que possuímos do dialeto barrodurense, tendo em vista que a produção da variante alveolopalatal sonora parece não fazer parte do repertório linguístico dos falantes dessa comunidade de fala.

A investigação sobre o fenômeno linguístico foi norteada pelas seguintes perguntas:

- Como as variáveis linguísticas e extralinguísticas influenciam a palatalização do /S/ em posição de coda silábica?
- Qual a interferência do segmento /t/ como contexto fonológico seguinte no processo de palatalização do /S/ em posição de coda?
- A alveolopalatal [ʃ] é uma variante categórica diante da coronal /t/?
- Qual estilo de fala favorece a produção alveolopalatal?
- Qual das variantes é considerada de prestígio nessa comunidade de fala?

Com base no conhecimento empírico sobre o dialeto de Barro Duro, descrevemo-lo a partir das seguintes hipóteses:

Básica:

No dialeto barrudorense, a produção da variante [ʃ] realiza-se como categórica quando o contexto seguinte é constituído pela coronal /t/

Secundárias:

- A variante alveolar é predominante nessa comunidade de fala;
- O contexto antecedente que mais favorece a palatalização do /S/ é constituído pelas vogais labiais;
- A posição de coda medial da fricativa é a mais favorecedora da realização alveolopalatal;
- O substantivo é a classe morfológica que mais favorece a palatalização do /S/;
- As palavras trissílabas são as mais favorecedoras da realização alveolopalatal;

- A posição pretônica da fricativa é a mais favorecedora da realização alveolopalatal;
- O gênero feminino é o que mais favorece a produção alveolopalatal;
- O ensino fundamental é a faixa de escolaridade que mais favorece a palatalização do /S/;
- A faixa etária mais velha é a que mais favorece a palatalização do /S/;
- A produção alveolopalatal é favorecida pelo estilo de fala menos monitorado;
- A variante alveolar é considerada de prestígio nessa comunidade de fala.

Diante disso, elegemos como objetivo geral: analisar o processo fonológico de palatalização do /S/ em posição de coda. Com vistas a atender ao objetivo geral, adotamos alguns objetivos específicos, a saber:

- Descrever a palatalização do /S/ evocada na posição de coda, considerando a evidência empírica de que este é um fenômeno categórico no dialeto diante de determinados contextos consonantais;
- Identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que favorecem e as que desfavorecem a palatalização do /S/ em posição de coda;
- Verificar a proeminência dos articuladores do segmento seguinte no processo de palatalização do /S/ em posição de coda;
- Descobrir se há um estilo de fala que favorece a produção da variante alveolopalatal [ʃ];
- Identificar a variante considerada de prestígio nessa comunidade de fala;
- Cotejar diferenças, em termos de frequência, entre os resultados de nossa pesquisa com outras que apresentam a mesma variação do segmento nesta posição.

A vertente variacionista desta pesquisa fundamenta-se na Teoria da Variação (2008 [1972]), enquanto a descrição fonética e fonológica adota como embasamento principal a Fonologia Autossegmental, englobando a Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995).

A palatalização do /S/, em posição de coda, é um fenômeno linguístico que tem despertado a atenção de muitos pesquisadores brasileiros. Assim sendo, várias teses, dissertações e artigos versam sobre essa temática em nível nacional. Dentre esses estudos, destacamos os de Brescancini (1996a; 2003b), realizados em Santa Catarina, Scherre e Macedo (2000) no Rio de Janeiro, e o de Demerval da Hora (2016), na Paraíba. Todavia, visitando a literatura sobre o fenômeno, não identificamos nenhum estudo com essa temática realizado na comunidade de fala piauiense.

Para atingir os objetivos propostos neste estudo, adotamos a metodologia variacionista. Para tanto, realizamos o tratamento estatístico dos dados por meio do Programa *Goldvab X*. Salientamos que os dados foram analisados por duas perspectivas, a saber: quantitativa e qualitativa.

A pesquisa que propomos tem sua relevância assentada no ineditismo temático para descrição do falar no estado, visto que essas variantes - até o momento - não foram adotadas como objeto de pesquisa no dialeto piauiense. Ademais, compreender as variantes da língua do país representa o primeiro passo em direção à valorização da diversidade linguística, ao respeito pelos diversos falares e ao combate ao preconceito linguístico. Além disso, ao descrevermos variantes do dialeto piauiense, contribuímos com o entendimento de que não existem falares superiores a outros, mas sim que todos os dialetos são capazes de cumprir plenamente a função comunicativa.

Em vista dessa realidade, nos propomos a pesquisar as variantes alveolares e alveolopalatais (surdas) na comunidade de fala de Barro Duro, um município piauiense. Investigação essa que contribuirá para a descrição do dialeto barrodureense, ao mesmo tempo em que pretende preencher um pequeno espaço da grande lacuna que existe de pesquisas variacionistas nas comunidades de fala do Piauí.

As amostras de fala coletadas poderão contribuir com a formação de um banco de dados do dialeto piauiense, algo que favorecerá o desenvolvimento de futuras pesquisas sociolinguísticas, sobretudo aquelas que investigam o dialeto de Barro Duro.

Mediante o exposto, esta dissertação apresenta a seguinte estrutura:

No primeiro capítulo, discorremos sobre as fricativas alveolares e alveolopalatais, realizando uma caracterização fonética e fonológica desses segmentos, ao mesmo tempo em que descrevemos o processo fonológico de palatalização do /S/ que origina a variante alveolopalatal.

No segundo capítulo, abordamos a Teoria da Variação e discutimos algumas pesquisas que adotam como objeto de estudo as variantes alveolares e alveolopalatais.

No terceiro capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa, na qual descrevemos o perfil dos participantes, os instrumentos de coletas de dados utilizados, o programa estatístico e o tratamento estatístico dos dados, bem como as variáveis dependentes e independentes, linguísticas e extralinguísticas, adotadas neste estudo.

No quarto capítulo, realizamos a análise e discussão dos resultados, apresentamos os percentuais e pesos das variáveis dependentes e independentes controladas, bem como expomos

os resultados do cotejamento realizado entre os percentuais das variáveis controladas nessa pesquisa com os das outras investigações que embasaram este estudo.

Por fim, no quinto e último capítulo, explanamos as considerações finais do estudo, apresentando os resultados alcançados.

2 AS FRICATIVAS ALVEOLARES E ALVEOLOPALATAIS

Neste capítulo, realizamos uma abordagem histórica das fricativas sibilantes e chiantes, descrevemos fonética e fonologicamente as fricativas alveolares e alveopalatais, evidenciando o processo de palatalização do /S/ sob os vieses estruturalista, gerativista e autosegmental, com o propósito de mostrar como os distintos modelos teóricos descrevem o processo fonológico em estudo. Abordamos, também, sobre sílaba, uma vez que o objeto deste estudo se realiza em uma posição silábica específica.

2.1 AS FRICATIVAS SIBILANTES E CHIANTES DO GALEGO-PORTUGUÊS AO PORTUGUÊS BRASILEIRO

O português brasileiro, conforme defende Teyssier (2014 [1982]), é uma língua que teve origem no galego-português que, por sua vez, foi originado do latim. Muitas mudanças ocorreram no sistema linguístico do latim para o galego-português; contudo, aqui, tratamos apenas, sucintamente, sobre as mudanças pelas quais passaram as fricativas sibilantes e chiantes de uma língua para outra.

É oportuno ressaltar que as mudanças no latim imperial não ocorreram de forma homogênea em todas as regiões e línguas que derivaram dele, nem tampouco se restringiram a uma única modificação, pois alguns fonemas ou grupos de fonemas passaram por mudanças gradativas. Como exemplos, temos os grupos *pl*, *cl* e *fl*. Conforme descrito por Teyssier (2014 [1982]), os primeiros fonemas dos grupos *pl*, *cl* e *fl* tiveram como primeira modificação a palatalização do /l/, esta ocorreu nas regiões que falavam o galego-português, o leonês e o castelhano.

Após a palatalização do *l*, esses grupos passaram por mais uma transformação, que consistiu na perda do primeiro segmento, respectivamente *p*, *c*, *l*. Com essa mudança, palavras como *plaga* e *clave* passaram a ser produzidas respectivamente, como *llaga* e *llave*. A segunda modificação sofrida por tais segmentos foi em menor proporção, visto que atingiu somente o castelhano e a parte oriental do leonês. O galego português não registrou essa mudança. Em vista disso, permaneciam na língua os grupos *pl*, *cl* e *fl*, sendo o *l* palatalizado.

Tratamos até o momento de duas das três transformações pelas quais passaram os grupos de fonemas em discussão, todavia eles foram alvo de uma terceira modificação, a qual consideramos a mais radical. Segundo explicita Teyssier (2014, [1982]), os grupos *pl*, *cl* e *fl*

foram substituídos pela africada [tʃ]. Como consequência dessa mudança, as palavras *plaga*, *clave* e *flama* se transformaram, respectivamente, em [tʃaga], [tʃave], [tʃama]. Essa evolução ocorreu somente no galego-português e no leonês ocidental. Portanto, como consequência das transformações sofridas, os grupos *pl*, *cl* e *fl* adquiriram duas configurações diferentes.

O latim imperial apresentou muitas inovações fonéticas provocadas pelo processo de palatalização que resultaram em inserções de fonemas no galego-português. Dentre os segmentos que sofreram modificação, destacamos, consoante Teyssier (2014 [1972], p. 12), “/ts/, /dz/, /dʒ/.” A modificação sofrida por esses fonemas se deu por meio da perda do primeiro segmento, os quais passaram respectivamente aos fonemas /s/, /z/ e /ʒ/. Desse modo, compreendemos que a palatalização foi um dos processos fonológicos responsáveis por provocar mudanças no sistema sonoro do latim imperial.

Em virtude dos fatos mencionados, o galego português passou a dispor, em seu sistema linguístico, de quatro fonemas sibilantes, os quais são apresentadas em Teyssier (2014 [1982]):

Quadro 1 – Sibilantes do galego-português

	Pré-dorsodentais	Ápico-alveolares
Surdas	/s/ escrito com ç e c antes de e e i ex: paço	/s/ escrito s – ss- ex: passo
Sonoras	/z/ escrito com z ex: cozer	//ʒ/ escrito – s- ex: coser

Fonte: Teyssier (2004 [1982], p. 42).

Houve um período em que esses quatro fonemas não provocavam dúvidas quanto aos seus usos, visto que suas aplicações se mostravam bem especificadas e compreendidas pelos falantes, os quais permaneceram sem nenhuma alteração no sistema, até início do século XVI. Contudo, em meados do mesmo século, a situação começou a mudar, visto que os usuários trocavam constantemente esses fonemas na escrita. Segundo relata Teyssier (2014 [1982]), as pré-dorsodentais surdas começaram a ser confundidas com as ápico-alveolares surdas, assim como as pré-dorsodentais sonoras passaram a ser utilizadas no lugar das ápico-alveolares também sonoras.

Essa confusão na escrita não era bem-vista pelos gramáticos da época, que tentaram conservar no sistema as quatro sibilantes. Dentre os estudiosos mencionados, Teyssier (2014

[1980]) destaca Pero de Magalhães. Todavia, os gramáticos perderam a batalha e não demorou muito para que as primeiras mudanças começassem a surgir.

É válido destacar que o processo de mudança pelo qual passaram as sibilantes ocorreu de forma bastante heterogênea. Em algumas regiões, resistiram as pré-dorsodentais; em outras, as ápico-alveolares; e há até mesmo regiões em que permaneceram as quatro sibilantes.

Teyssier (2014 [1980]) relata que, no Centro e no Sul do país, as pré-dorsodentais permaneceram no sistema, enquanto as ápico-alveolares foram deixadas de lado. Enquanto isso, na zona que engloba do Noroeste ao Centro-Leste, ocorreu o inverso: as pré-dorsodentais foram abandonadas e as ápico-alveolares resistiram. Já na região Nordeste do país, as sibilantes não sofreram mudanças.

Diante do exposto, identificamos que as sibilantes são utilizadas no país de três maneiras distintas. Essa heterogeneidade no uso por região promoveu uma divisão linguística de Portugal em áreas, tendo como base o emprego das sibilantes pelos falantes. De acordo com Teyssier (2014 [1982]), Portugal está dividido nas áreas Centro-Sul, Zona do Noroeste-Centro-Leste e Zona arcaica do Nordeste.

Portanto, afirmamos que o uso das sibilantes é bastante diversificado, uma vez que, em algumas regiões, houve a redução de quatro para duas, mas, também, existem aquelas que conservaram o uso dos quatro fonemas, assim como ocorria no início do século XVI. Todavia, não podemos precisar quais motivos causaram a redução das sibilantes nas regiões mencionadas, tampouco a razão pela qual as quatro sibilantes se conservaram na Zona arcaica do Nordeste.

A africada palatal [tʃ] do galego português era representada ortograficamente por *ch*, a exemplo do que pode ser observado na palavra *chamariz*. Até o século XVI, essa grafia não representava nenhuma confusão no sistema, contudo, com a queda do segmento “t”, a africada palatal passou a ser confundida com a constrictiva [ʃ]. Esta era representada ortograficamente por *x*, como, por exemplo, a palavra *abaixar*. Sobre o assunto, advoga Teyssier (2014 [1982], p. 45), “A partir do século XVII, porém, vai ocorrer o desaparecimento de [tʃ], que perde o seu elemento inicial e se confunde, assim, com [ʃ].” É relevante salientar que essa mudança não ocorreu de forma homogênea em todo o país, visto que a africada ainda permanecia na fala de alguns falantes, embora de forma isolada em algumas regiões e em menor proporção que a constrictiva.

Como consequência dessa confusão, algumas palavras que eram escritas com *ch* passaram a ser escritas e pronunciadas com *x*, atitude que não foi aprovada por alguns

gramáticos da época, que tentavam preservar a escrita e a pronúncia estabelecidas no sistema. Dentre esses gramáticos, encontra-se D. Luís Caetano de Lima, que não foi bem-sucedido na tentativa de preservar a pronúncia e a escrita da africada, um aspecto com o qual concordamos, conforme Teyssier (2014 [1982]) relata que muitos gramáticos se manifestaram a favor da pronúncia africada do 'ch', porém não tiveram êxito. É evidente que o uso da língua pelos falantes é capaz de produzir mudanças no sistema, visto que nem mesmo os gramáticos conseguem impedir variações na escrita e pronúncia das palavras.

É válido frisar que na posição de coda, as sibilantes /s, z/ do português passaram a ser produzidas como chiantes. As duas realizações são variações fonéticas de um mesmo fonema, portanto, a alternância entre elas é motivada pelo contexto em que se encontram. Como explicita Teyssier (2014 [1982]), a chiante surda [š] é utilizada quando o segmento seguinte é surdo e quando o /s/ se encontra em posição de coda final, já a sonora [ž] é usada somente quando é seguida por um segmento sonoro. Diante desse raciocínio, podemos inferir que a chiante surda [š] é mais recorrente, dado que ela se realiza em dois contextos, enquanto a sonora [ž] é produzida somente em um.

Sublinhamos que as pré-dorsodentais /s, z/ assumiram características diferentes no interior das sílabas. O fator determinante dessa distinção era a posição ocupada pelos segmentos, como evidencia Teyssier (2014 [1982], p. 66), “No português europeu normal de hoje, todos os s e todos os z implosivos – ou seja, em posição final de sílaba – são pronunciados como chiantes ([š] ou [ž])” (grifo nosso). Nas outras posições, esses segmentos não sofreram alteração em sua pronúncia, o som chiante produzido por eles restringiu-se a posição implosiva, havendo para esses segmentos quatro pronúncias possíveis, duas sibilantes e duas chiantes.

Acrescentamos, a esse respeito, que as sibilantes, assim como as chiantes, podem ser surdas ou sonoras; o vozeamento delas é determinado pelo contexto seguinte e até mesmo pela ausência desse contexto. Como explicita Teyssier (2014 [1982], p. 46), “A regra de repartição é a seguinte: a surda [š] em final absoluta (ex.: atrás, uma vez) ou diante de uma consoante surda (ex.: vista, faz frio); a sonora [ž] diante de uma consoante sonora (ex.: mesmo, atrás dele).” As palavras do autor comprovam que a escolha por um dos segmentos [š, ž] é determinada pelo vozeamento do segmento seguinte e pela ausência desse contexto.

Por volta de 1530, os portugueses iniciaram a colonização do Brasil, começando pelo litoral paulista. Durante esse período, duas línguas eram faladas nas terras brasileiras: o português, pelo europeu colonizador, e o tupi, pelos índios, que já habitavam o Brasil. Em meados do século XVIII, os portugueses elegeram o português como língua oficial e proibiram

o uso do tupi. O português falado no Brasil apresentava algumas diferenças em relação ao português europeu, entre elas destacamos a pronúncia dos [s, z] implósivos. De acordo com Teyssier (2014), ao contrário do que ocorre no português europeu, em que todos os [s, z] implósivos são pronunciados como chiantes, no português brasileiro, na maioria das regiões, eles são sibilantes.

A literatura não é assertiva quanto à maneira pela qual as pronúncias sibilantes e chiantes do /S/ em posição implósiva chegaram ao Brasil; todavia, algumas hipóteses sobre como ocorreu a produção chiante no português europeu nos permitem fazer algumas inferências. Dentre essas suposições, consideramos mais provável a defendida por Teyssier (2014, p. 67), que afirma ser mais provável que os /s/ e /z/ implósivos tenham sido inicialmente sibilantes e que, em uma época mais tardia, compreendida entre o século XVI e a data do primeiro testemunho (Verney, 1746), teria ocorrido o chiantismo. Desse modo, presumimos que, no período da vinda dos portugueses ao Brasil, por volta de 1530, eles pronunciavam o /S/ implósivo como sibilante.

Entretanto, em 1808, quando a Corte Portuguesa desembarcou em terras brasileiras, em Portugal já se produzia o /S/ na posição de coda também como chiante. Nesse sentido, Verney (1746) advoga que, no português europeu, tanto o “s” quanto o “z” em posição implósiva eram pronunciados como chiantes. Logo, os brasileiros foram expostos às duas realizações desse segmento nessa posição, e até hoje sibilantes e chiantes coexistem na língua, sendo pronunciados na posição de coda de forma alternada pelos falantes brasileiros.

Ademais, é relevante destacar que a pronúncia das chiantes em posição implósiva no Brasil adquiriu características diferentes da pronúncia realizada em Portugal. Teyssier (2014 [1972]) relata que, em algumas pronúncias do /s/ implósivo no Brasil, é possível identificar a presença de um iode na posição anterior ao segmento. Essa inovação fonética do português brasileiro só reforça a percepção da variabilidade do sistema linguístico.

Além de compreendermos as transformações pelas quais passaram as fricativas no português, retratadas em linhas anteriores, é também importante conhecermos as características articulatórias desses segmentos no português brasileiro. À vista disso, discutiremos na seção seguinte essa caracterização.

2.2 CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA DAS FRICATIVAS

Os segmentos consonantais são produzidos com uma obstrução da passagem do ar. Entretanto, por mais que essa seja uma característica articulatória comum a toda consoante, é importante enfatizar que essa obstrução não ocorre de maneira uniforme com todos os segmentos. Segundo Silva (2021[1999]), a obstrução nas cavidades supraglotais, ocorridas durante a produção dos segmentos consonantais, pode bloquear a passagem do ar totalmente ou parcialmente. Acrescentamos que esse tipo de obstrução gera uma subclassificação das consoantes. Quando a obstrução é total, os segmentos são classificados como oclusivos; quando é parcial, são denominados fricativos.

Consoante mencionam Seara, Nunes e Volcão (2015, p. 73), a fricativa é definida como “consoante produzida com um estreitamento do canal bucal, formando uma oclusão apenas parcial, realizada pelos articuladores, fazendo com que a passagem do fluxo de ar nas cavidades supraglóticas gere um ruído de fricção.” Os articuladores envolvidos na produção dos sons fricativos são: lábios, dentes, língua, alvéolos, palato duro, véu palatino, úvula e glote.

Ademais, ressaltamos que, dependendo do ponto de articulação e do traço voz, as fricativas recebem uma classificação, a qual se encontra ilustrada no Quadro 2 proposto por Silva (2021[1999]):

Quadro 2 – Consoantes fricativas do português brasileiro

Ponto de Articulação	Sonoridade	Símbolo Fonético
Labiodental	Surda	[f]
Labiodental	Sonora	[v]
Alveolar	Surda	[s]
Alveolar	Sonora	[z]
Alveopalatal	Surda	[ʃ]
Alveopalatal	Sonora	[ʒ]
Velar	Surda	[X]
Velar	Sonora	[Y]
Glotal	Surda	[h]
Glotal	Sonora	[h̥]

Fonte: Silva (2021[1999], p. 37).

Observamos que os segmentos alveolares /s/ e /z/ diferem entre si somente pelo traço voz, sendo que são respectivamente [- voz] e [+ voz]; o mesmo ocorre entre os segmentos alveolopalatais /ʃ/ e /ʒ/, respectivamente [- voz] e [+ voz].

Na produção das consoantes alveolares, conforme Silva (2021[1999]), os articuladores envolvidos são o ápice da língua e os alvéolos, respectivamente, articulador ativo e passivo. Essa realização do /S/, devido ao som que produz, é também chamada de sibilante. Quanto aos articuladores das consoantes alveolopalatais, Silva (2021[1999]) afirma que a parte média da língua desempenha o papel de articulador ativo, e a parte final do palato duro o de articulador passivo. Em virtude do som produzido pelo [ʃ], este é chamado de chiante. Ao compararmos os articuladores ativos e passivos envolvidos em ambas as realizações do /S/, percebemos que, da realização alveolar para alveolopalatal, há um recuo dos articuladores em direção à parte mais interna da boca.

Compreendermos as propriedades fonológicas das fricativas alveolares e alveolopalatais, pelo viés estruturalista, faz-se relevante em virtude de o Estruturalismo ser um modelo teórico que produziu um vasto conhecimento sobre a fonologia do sistema linguístico. Assim sendo, a fonêmica também tem grande importância no que se refere à organização dos sons. Côncios da necessidade de discussão dessas temáticas, estas serão colocadas em pauta na seção seguinte.

2.3 CARACTERIZAÇÃO FONOLÓGICA DAS FRICATIVAS

Com o passar do tempo e o surgimento de novas teorias linguísticas, as fricativas, assim como as outras classes de fonemas, passaram a ser caracterizadas de maneira distinta. O que não significa rompimento com a caracterização anterior, mas sim uma perspectiva diferente. Cada uma delas tem sua importância para a compreensão do sistema sonoro da língua.

2.3.1 Perspectiva Estruturalista

Para iniciarmos as discussões fonológicas sobre os segmentos fricativos, partiremos das semelhanças entre esses sons e os oclusivos, sobre os quais acompanhamos os dizeres de Camara Jr. (1970, p. 38):

Do ponto de vista fonológico, e auditivo antes que articulatorio, oclusivas e fricativas têm em comum as circunstâncias de serem francamente consonânticas (com efeito

auditivo de forte embaraço à corrente de ar, que nas oclusivas é o de uma plosão, e nas constrictivas de uma fricção).

As oclusivas e fricativas, na perspectiva mattosiana, são consideradas francamente consonânticas devido à obstrução total ou parcial da corrente de ar durante a prolação desses segmentos. Ressaltamos que uma das diferenças entre elas reside no grau de obstrução da passagem do ar, a qual é total nas oclusivas e parcial nas fricativas.

O som produzido pelas fricativas em discussão é resultado de uma constrição entre os articuladores ativos e passivos, a qual é definida por Camara Jr. (1970, p. 36) como “aproximação muito grande entre dois órgãos fonadores [...]”. Durante a prolação desses segmentos, os articuladores ativos e passivos quase se juntam.

A constrição inerente à produção dos segmentos fricativos /s/ - /z/ e /ʃ/ e /ʒ/ provoca um ruído de fricção que, em decorrência da diferença de articuladores envolvidos, se manifesta com características diferentes nas alveolares e nas alveolopalatais. Em virtude disso, esses segmentos recebem mais de uma classificação, conforme explanado por Camara Jr. (1970). Os fonemas /s/ - /z/ e /ʃ/ (x em xícara) - /ʒ/ em (j em jaula) são classificados auditivamente como sibilantes e chiantes, respectivamente, e, articulatoriamente, o primeiro par é classificado como constrictivo alveolar, e o segundo como constrictivo palatal.

Com a afirmação do referido autor, compreendemos que os segmentos fricativos elencados recebem duas classificações: uma que considera o ponto de articulação, critério comum à classificação de todos os segmentos do português brasileiro, e outra que se baseia nas características do som produzido, o que é uma peculiaridade desses segmentos, visto que, em sua maioria, os segmentos são classificados apenas com base nos articuladores e no modo de articulação.

Para Camara Jr. (1970, p. 41):

As 4 sibilantes portuguesas se reduzem a uma única, ou antes a duas, mas a neutralização da oposição entre elas fica surda diante de pausa ou de consoante surda (ex: apanhe as folhas! /apa'n,iasfô'l,as/) e sonora diante de consoante sonora (ex: que rasgão! /kirazgauN/). Quanto à posição entre consoante anterior (ou seja, sibilante) e posterior (ou seja, chiante), ela cessa em proveito de uma das modalidades, conforme o dialeto regional.

As oposições entre as sibilantes são feitas em pares; assim, no par /s/ e /z/, a oposição ocorre pela sonoridade, visto que o primeiro é surdo e o segundo é sonoro. Além disso, as sibilantes assimilam essa característica do segmento seguinte. No par /s'/ e /z'/, a oposição

também se realiza por meio do vozeamento, dado que eles são, respectivamente, surdo e sonoro. Já a oposição entre os pares /s/ e /z/ e /s'/ e /z'/ se estabelece pelo traço de anterioridade, uma vez que o primeiro é [+ anterior] e o segundo é [- anterior]. Essa alternância é provocada pela mudança dos articuladores passivos e pela parte da língua atuante nessas articulações.

É oportuno dizer que as oposições entre as sibilantes e chiantes podem ser neutralizadas. Comungando dessa compreensão, Camara Jr. (1970, p. 41) advoga: "Podemos falar da neutralização entre as quatro consoantes em proveito de um único traço distintivo permanente: a fricção produzida pela língua." Portanto, as quatro sibilantes compartilham da mesma característica acústica, isto é, todas possuem um som prolongado que se assemelha a um assobio.

A perda da distintividade das fricativas sibilantes e chiantes em posição de coda é denominada neutralização, sobre a qual Camara Jr. (1970, p. 41-42) afirma: "O resultado de uma neutralização é o que Trubetzkoy e seus companheiros do Círculo Linguístico de Praga popularizaram com o nome de <<arquifonema>>." As fricativas /s/ -/z/ e /ʃ/ e /ʒ/ sofrem neutralização quando se encontram em posição de coda. Essa neutralização pode ser representada graficamente. Tomemos como exemplo as palavras *pista*, pi[s]ta e pi[ʃ]ta, em que a troca do [s] pelo [ʃ] não provoca distinção de significado, devendo ser representado fonologicamente com o arquifonema /S/: /piSta/. O mesmo ocorre com a palavra *cosmo* que pode ser pronunciada como co[s]mo ou co[ʒ]mo. Fonologicamente, deve apresentar a seguinte representação: /coSmo/. Consoante enfatizado por Camara Jr. (1970, p. 42), "A sua representação em transcrição fonêmica é pela letra do fonema não-marcado em maiúscula; no nosso caso, /S/." Portanto, sempre que essas fricativas estiverem em posição de coda, são representadas fonologicamente pelo arquifonema /S/.

2.3.2 Análise fonêmica

A organização dos sons da fala a qual conhecemos hoje foi, inicialmente, objeto de análise da Fonêmica. Conforme menciona Silva (2021 [1999], p. 118), "A Fonêmica foi o primeiro modelo teórico a tentar formalizar a cadeia de sons da fala." É importante mencionar que os sons de uma língua não se juntam para formar sílabas e palavras de forma aleatória; pelo contrário, as línguas possuem um sistema de regras que orienta como deve ocorrer essa junção. É essa organização o grande interesse desse modelo teórico. A propósito, Silva (2021 [1999])

afirma que a fonêmica objetiva analisar a organização dos sons da fala com base em hipóteses teóricas de propensão estruturalista.

O conhecimento empírico da maneira como os sons se associam representa um dos fatores que nos permitem identificar que uma palavra está escrita em português ou em outra língua. Diante disso, quando ouvirmos a palavra inglesa *speak*, imediatamente a identificamos como sendo de origem estrangeira. Isso é possível pelo fato de que ela contém a sequência de sons “sp”, que não é permitida em nossa língua.

Essa teoria postula quatro premissas básicas. De maneira sucinta, discorremos sobre as premissas 1, 2 e 3, considerando que elas se mostram como as mais relevantes para o presente estudo. Acerca da Premissa 1, afirma Silva (2021 [1999], p. 119), “Os sons tendem a ser modificados pelo ambiente em que se encontram.” Esse pressuposto é facilmente identificado em inúmeras palavras. Uma situação comum no português brasileiro ocorre com o segmento /S/ quando este se encontra em posição de coda; nesse contexto, ele assimila o traço de vozeamento do segmento que o sucede. Tomamos, como exemplo, as palavras *cesta* e *mesmo*, na palavra *cesta*, o segmento /S/ assimila o traço [-voz] do /t/ subsequente, enquanto que na palavra *mesmo*, o /S/ assimila o traço [+voz] do /m/ que o sucede. Logo, são pronunciados, respectivamente, como se[s]ta e me[z]mo.

É oportuno salientar que alguns contextos se mostram como mais suscetíveis à modificação do segmento. Nesse sentido, destaca Silva (2021 [1999], p. 120), “As posições, final de sílaba, morfema, palavras e sentença são ambientes em que os sons frequentemente sofrem alterações.”

Com base na representação exposta por Silva (2021 [1999]), o contexto em que ocorre a assimilação de vozeamento pelo /S/ é: __ \$ __, isto é, o segmento /s/ assimila o vozeamento do segmento seguinte, quando se encontra em limite de sílaba. O processo de assimilação é caracterizado pela autora em referência como o compartilhamento de propriedades articulatórias entre segmentos adjacentes.

A assimilação da nasalidade é um fenômeno comum no português brasileiro. Silva (2021[1999]) destaca que, além de a assimilação da nasalidade não ser unânime em todos os dialetos brasileiros, no dialeto em que ocorre, ela sofre ainda influência da tonicidade, sendo, na maioria dos casos, registrada quando a vogal compõe a sílaba tônica da palavra. Como exemplos, citamos as palavras *cama* e *cana*. Em acréscimo, a autora registra que há dialetos em que essa nasalidade não ocorre em nenhuma situação e cita, inclusive, que em alguns dialetos paulistas as vogais não são nasalizadas nesse contexto.

A premissa 2 incide sobre a simetria dos sons da língua. Conforme menciona Silva (2021 [1999], p. 122), “Os sistemas sonoros tendem a ser foneticamente simétricos.” De acordo com esse princípio, há uma forte tendência de que, para cada som da língua, haja um semelhante que se diferencie por, no máximo, duas propriedades. O português brasileiro é constituído por um sistema fonológico que atende a essa premissa; logo, é uma língua considerada simétrica, uma vez que para quase todos os sons que o constitui existe um outro que se distingue somente por uma ou até duas propriedades.

Para exemplificar a simetria do sistema sonoro do português brasileiro, elencamos os pares de segmentos [s, z] e [ʃ, ʒ] como exemplos. O primeiro par é constituído, respectivamente, por um segmento fricativo alveolar desvozeado e um segmento fricativo alveolar vozeado; o segundo par é composto, respectivamente, por um segmento fricativo alveolopalatal desvozeado e um segmento fricativo alveolopalatal vozeado. Como podemos identificar, a única distinção entre os segmentos mencionados de cada par é provocada pelo traço voz, respectivamente, [-voz] e [+voz]. Portanto, a simetria entre os pares [s, z] é estabelecida pelas propriedades fricativa e alveolar, enquanto no par [ʃ, ʒ], é promovida pelas propriedades fricativa e alveolopalatal.

É oportuno salientar que nem todas as línguas naturais são simétricas, dado que a simetria não é um princípio universal. As línguas podem ser simétricas, semi-simétricas e até mesmo assimétricas. Conforme destacado por Silva (2021), o japonês é uma língua semi-simétrica, visto que há uma vogal correspondente para cada vogal em termos de grau de altura, enquanto a assimetria se estabelece pelo grau de arredondamento dos lábios, uma vez que tanto as vogais anteriores quanto as posteriores são não arredondadas. Já o bardi é uma língua assimétrica devido à falta de correspondência entre a vogal média anterior e a vogal média posterior.

Muitos sons são produzidos pelos falantes em sua comunicação; contudo, nem todos eles possuem a capacidade de estabelecer distinção de significado. É sobre essa incapacidade, comum a alguns sons — a premissa 3 da fonêmica — que Silva (2021 [1999], p. 123) declara: “Os sons tendem a flutuar.” Dizemos que um som flutua quando ele não é capaz de provocar mudança de sentido. Esses sons funcionam no sistema como alofones, ou seja, são diferentes produções de um mesmo fonema. No português brasileiro, destacamos os sons [s, z, ʃ, ʒ] em posição de coda como sons flutuantes.

Enquanto isso, apresentamos os segmentos /f/ e /v/ do português brasileiro como exemplos de sons que não flutuam, ou seja, que atuam como fonemas na língua e, como tal,

possuem capacidade distintiva. A distinção entre eles reside no traço de vozeamento, uma vez que o /f/ é [-voz] e o /v/ é [+voz]. Portanto, fica evidente que o vozeamento é uma propriedade sonora capaz de estabelecer distinção de significado na língua em questão. Essa característica dos sons pode ser observada nas palavras "fila" [f]ila e "vila" [v]ila, visto que elas possuem significados diferentes.

É relevante esclarecer que a premissa 3, assim como as premissas 1 e 2, também não representa uma obrigatoriedade das línguas; tampouco a flutuação ou não do som está atrelada a essa ou àquela propriedade específica. Além disso, a flutuação do som pode ser promovida por propriedades distintas em cada língua. Como podemos observar no português, o vozeamento não provoca flutuação, o que não significa que em outras línguas ocorra o mesmo. Como afirma Silva (2021 [1999]), na língua krenak, o vozeamento possui diferentes graus, mas não são capazes de promover distinção.

A palatalização do /S/, objeto dessa investigação, possui uma estreita relação com a premissa 1 da fonêmica, visto que esta aponta o ambiente como capaz de provocar alteração nos sons. Vários estudos sociolinguísticos que investigaram esse fenômeno concluíram que o contexto fonológico antecedente é um fator capaz de favorecer a produção das alveolopalatais surdas e sonoras. Dentre esses estudos, destacamos a pesquisa de Lima (2017), na qual o contexto antecedente, constituído pela vogal alta posterior [u], se revelou como favorecedor da palatalização do /S/. Portanto, essa premissa ajuda a compreender e explicar esse processo linguístico.

Já a premissa 2, que se refere à simetria dos sons, fornece subsídios para a compreensão de que as fricativas sibilantes [s, z] e [ʃ, ʒ] são simétricas entre si, pois se distinguem por uma única propriedade: o vozeamento. Enquanto isso, a premissa 3, que incide sobre a incapacidade distintiva dos sons, é capaz de explicar a função de variante exercida pelas fricativas alveolares e alveolopalatais implosivas, uma vez que, na posição de coda, a substituição entre elas não provoca mudança de sentido.

A Teoria Gerativa (Chomsky; Halle, 1968) concedeu uma enorme contribuição à fonologia, sobretudo com a criação de uma matriz de traços utilizados para caracterizar os fonemas das línguas. Portanto, discutir os traços que evidenciam os sons do português brasileiro, com ênfase na referida matriz que retrata as fricativas alveolares e alveolopalatais, torna-se uma necessidade neste estudo. Por essa razão, eles serão discutidos na subseção que segue.

2.3.3 Abordagem gerativista

No modelo gerativo de Chomsky e Halle (1968), o fonema é caracterizado como um conjunto de traços. Como exemplo de traços que compõem esse conjunto, citamos os traços: silábico, nasal, posterior, baixo, coronal e contínuo. Consoante explicita Matzenauer (2005, p. 20), “Por terem função classificatória, distintiva, os traços são binários [...], isto é, cada traço é definido por dois pontos na escala física, representando um a presença, o outro, a ausência da propriedade.” Essa binaridade é facilmente percebida nos segmentos /s, z/, visto que são, respectivamente, [-voz] e [+ voz]. O primeiro representando a ausência de vozeamento e o segundo, a presença.

Para exemplificar a binaridade dos traços, recorreremos à matriz fonética dos segmentos /s/ e /ʃ/, em Silva (2021[1999], p. 196):

/s/	/ʃ/
- soante	- soante
- silábico	- silábico
+ consonantal	+ consonantal
+ coronal	+ coronal
+ anterior	- anterior
- alto	+ alto
- baixo	- baixo
- recuado	- recuado
- arredondado	- arredondado
- nasal	- nasal
- lateral	- lateral
+ contínuo	+ contínuo
- soltura retardada	- soltura retardada
- sonoro	- sonoro

Ao analisar as matrizes de traços dos segmentos /s/ e /ʃ/, observamos que um segmento é caracterizado por vários traços, os quais, de acordo com Chomsky e Halle (1968), não possuem uma organização hierárquica, podendo o segmento ser caracterizado pelos traços em

qualquer ordem, de modo que o traço soante, o primeiro que consta na matriz de traços do /s/ e do /ʃ/, poderia ocupar a última posição que nessa matriz está ocupada pelo traço sonoro.

Frisamos, a esse respeito, que nem todos os traços que formam o conjunto de traços, definido em Chomsky e Halle (1968), são utilizados para descrever os fonemas do português brasileiro. Conforme Matzenauer (2005, p. 20-21), para descrição do português brasileiro são utilizados os seguintes traços:

- Traços de Classes Principais
 - soante
 - silábico (em substituição a “vocálico”)
 - consonantal
- Traços de Cavidade
 - coronal
 - anterior
- Traços do corpo da língua:
 - alto
 - baixo
 - posterior
 - arredondado
- Traços de abertura secundária
 - nasal
 - lateral
- Traços de Modo de Articulação
 - contínuo
 - metástase retardada
 - tenso
- Traços de Fonte
 - vozeado
 - estridente
- Traços prosódicos
 - Acento
 - Tom
 - Duração

Identificamos que os conjuntos de traços definidos pelos autores são organizados em pequenos grupos: traços de classes principais, traços de cavidade, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos. É importante destacar que nem todos os segmentos possuem todos os traços em sua descrição, visto que há alguns que se aplicam à diferenciação de segmentos específicos, como é o caso do traço metástase retardada, que serve para distinguir plosivas de africadas e o do traço tenso, que é aplicado somente aos segmentos silábicos.

Com base no conjunto de traços utilizados na descrição do português brasileiro por Matzenauer (2005), que foi fundamentado no conjunto de traços de Chomsky e Halle (1968), elaboramos o Quadro 3, com a matriz de traços das fricativas alveolares e alveolopalatais.

Quadro 3 – Matriz de traços das fricativas alveolares e alveolopalatais

Traços	S	Z	ʃ	ʒ
Consonantal	+	+	+	+
Anterior	+	+	-	-
Coronal	+	+	+	+
Alto	-	-	+	+
Contínuo	+	+	+	+
Sonoro	-	+	-	+

Fonte: elaborado pela autora com base no conjunto de traços de Chomsky e Halle (1968).

Os segmentos alveolares /s/ e /z/ diferenciam-se somente pelo traço voz, visto que são surdo e sonoro, respectivamente. As alveolopalatais /ʃ/ e /ʒ/, igualmente, têm sua distinção estabelecida por esse mesmo traço, dado que o /ʃ/ é surdo e o /ʒ/ é sonoro. É oportuno enfatizar que esses segmentos em posição de coda sofrem um processo de assimilação de vozeamento, o qual pode ser melhor compreendido por meio da regra de vozeamento. Para ilustrá-la, recorreremos a Seara; Nunes e Volcão (2015):

Figura 1 – Regra de Assimilação de vozeamento

$$\left(\begin{array}{l} +\text{cons} \\ -\text{soant} \\ +\text{cor} \\ -\text{son} \end{array} \right) \rightarrow \left(+\text{son} \right) / \text{---} \cdot \left(\begin{array}{l} +\text{cons} \\ +\text{son} \end{array} \right)$$

Fonte: Seara; Nunes e Volcão (2015, p. 153).

De acordo com essa regra, as sibilantes fricativas em posição de coda adquirem o traço [+son] do segmento seguinte. Como consequência, quando o segmento seguinte é [+son], ela também se manifesta como segmento sonoro, ou seja, como [z] ou [ʒ]. Já quando o segmento seguinte é surdo, ela se manifesta também como segmento surdo, nesse caso como [s] ou [ʃ]. Para exemplificar esse processo, apontamos os exemplos cu[s]pe, cu[ʃ]pe e le[z]ma, le[ʒ]ma. A respeito da alternância entre as sibilantes surdas e sonoras, é importante dizer que ela é determinada pelo dialeto.

A distinção entre os segmentos [s] e [ʃ], que funcionam como variantes quando se encontram em posição de coda, reside nos traços de anterioridade e altura. O [s] é produzido na região anterior à região alveolopalatal, sendo, portanto, um segmento [+anterior], enquanto o [ʃ] é produzido na região alveolopalatal, por esse motivo é [-anterior]. Quanto ao traço de altura, o segmento /s/ é [-alto] e o segmento [ʃ] é [+alto]. A escolha entre esses dois segmentos é apenas dialetal, uma vez que, nesta posição, eles não funcionam como fonemas, e sim como alofones. Situação semelhante ocorre entre [z] e [ʒ], que também se distinguem pelos traços anterior e alto, visto que o /z/ é um segmento [+anterior] e [-alto] e o [ʒ] é [-anterior] e [+alto]. Na posição de coda, ambos atuam como alofones. Sobre o qual declaram Seara, Nunes e Volcão (2015, p. 101), “Dizemos que dois sons são alofones (variantes) de um determinado fonema quando sua oposição não implica em mudança de significado”. Por mais que os alofones não sejam capazes de distinguir significados, a escolha entre eles não ocorre de forma aleatória, isto é, há um contexto de produção para cada um deles.

Pontuamos que os alofones são classificados de acordo com o ambiente em que eles ocorrem, visto que podem ocorrer em um contexto específico ou não. Para Silva (2021[1999]), alofones ou variantes posicionais se manifestam somente em contextos pontuais. No português brasileiro, temos como exemplos de alofones posicionais o [tʃ] e o [t], visto que o primeiro ocorre somente diante da vogal *i*, e o segundo diante das outras vogais. Situação exemplificada nas produções das palavras time [tʃ]ime e tudo [t]udo, ao passo que, os alofones, que se realizam sem um contexto específico, são denominados de alofones ou variantes livres. Para Engelbert (2012), a variante livre não necessita de um contexto linguístico peculiar para ocorrer e, assim como a variante posicional, é incapaz de alterar o sentido. Assim sendo, é indiferente produzirmos ['kãmə] ou ['kamə]. Como podemos observar, o primeiro 'a' da palavra "cama" pode ser pronunciado como um segmento nasal ou oral. O contexto linguístico é o mesmo em

ambas as pronúncias; logo, essa variação não está relacionada com o ambiente linguístico.

Silva (2021) afirma que, no português brasileiro, há dois tipos de processos de alofonia de vozeamento, os quais recebem a denominação de processo de alofonia de vozeamento I e processo de alofonia de vozeamento II. A distinção entre os dois tipos de alofonia, I e II, incide sobre o segmento que sofre o processo: a alofonia I recai sobre o /R/ e a alofonia II, sobre o /S/. Entretanto, ambas ocorrem em posição de coda, que pode ser medial ou final. No processo de alofonia de vozeamento I, de acordo com Silva (2021[1999], p. 142), “As fricativas [x, ɣ, h, ɦ] quando em final de sílaba, concordam em vozeamento com a consoante seguinte.” A escolha entre os alofones [x, h] é somente dialetal, uma vez que ambos são desvozeados e, portanto, antecedem segmentos desvozeados. Tomemos como exemplo a palavra "porta", que pode ser pronunciada como po[x]ta ou po[h]ta. Enquanto isso, os alofones vozeados [ɣ, ɦ] precedem segmentos vozeados; a título de exemplo, a palavra "borda", dependendo do dialeto, é pronunciada como bo[ɦ]da ou bo[ɣ]da.

A alofonia de vozeamento II ocorre com os alofones [s, z, ʃ, ʒ]. Na visão de Silva (2021[1999]), as fricativas [s, z, ʃ, ʒ], em posição de coda, compartilham o traço voz com a consoante sequente. A alternância entre os alofones [s, ʃ] e entre [z, ʒ] depende do dialeto. Os alofones desvozeados antecedem segmentos também desvozeados. Por exemplo, a palavra "poste" pode ser pronunciada como po[s]te ou po[ʃ]te. Já os alofones vozeados [z, ʒ] precedem segmentos também vozeados, como ocorre com a palavra "pasma": pa[z]mo e pa[ʒ]mo.

A compreensão da estrutura silábica é uma necessidade que permeia vários estudos sociolinguísticos, especialmente os que objetivam descrever o comportamento de um fone em uma dada posição. Em virtude das fricativas alveolares e alveolopatais apresentarem um comportamento distinto na posição de coda, sentimos a necessidade de abordarmos a estrutura silábica nesta pesquisa. Logo, essa temática constituirá a pauta da seção subsequente.

2.4 A POSIÇÃO DO /s/ NA SÍLABA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Os fonemas que constituem uma língua se unem e formam as palavras. Estas podem ser compostas por uma ou mais sílabas, as quais são constituídas por um ou mais fonemas. Conforme mencionam Dubois *et al.* (1993 [1973], p. 547), “Chama-se sílaba a estrutura fundamental, na base de todo o agrupamento de fonemas da cadeia de fala.” É relevante trazer a essa discussão o informe de que a sílaba tem sua constituição baseada nas propriedades dos fonemas, que são categorizados em dois grandes grupos, a saber: vogal e consoante. O último

deles ainda é subdividido em subgrupos devido à diversidade de propriedades desses segmentos.

Para explicitar a estrutura da sílaba, também recorreremos à descrição de Mattoso (1970, p. 43):

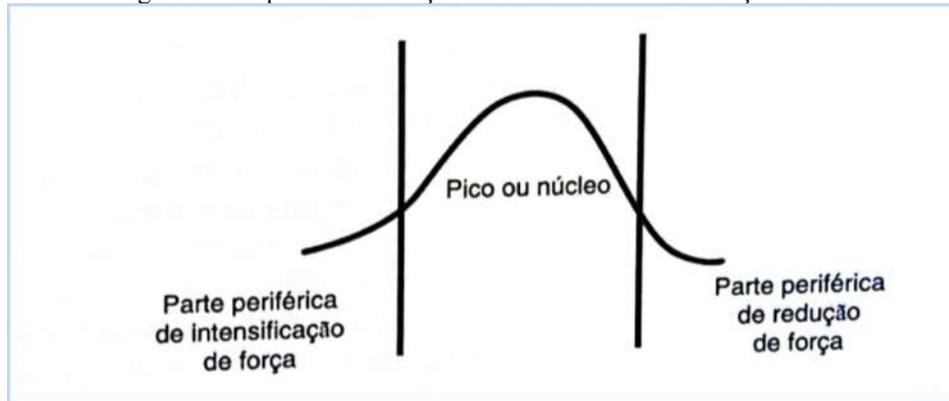
[...] um movimento de ascensão, ou crescente, culminando num ápice (o centro silábico) e seguido de um movimento decrescente, quer se trate do efeito auditivo, da força expiratória ou da tensão muscular, [...]. Por isso é normalmente a vogal, como o som mais sonoro, de maior fôrça expiratória, de articulação mais aberta e de mais firme tensão muscular, que funciona em tôdas as línguas como centro de sílaba, embora algumas consoantes, particularmente as que chamamos <<sonantes>>, não estejam necessariamente excluídas dessa posição.

A afirmação do autor explicita que os fonemas constituintes de uma língua não são produzidos com a mesma força expiratória e nem com a mesma tensão muscular. Por conseguinte, podemos afirmar que força expiratória e tensão muscular são fatores determinantes na organização silábica, visto que a sílaba, necessariamente, segue uma ordem crescente de sonoridade, lembrando que os sons mais sonoros são aqueles que demandam maior força expiratória e tensão muscular, aspecto que, em boa parte das línguas, coincide com as vogais. No português brasileiro, os segmentos que possuem essas características são as vogais e as glides. Contudo, os núcleos silábicos são sempre constituídos pelas vogais.

Comungando do mesmo entendimento de Mattoso, Silva (2021) descreve a sílaba como um movimento de força dos músculos que cresce até atingir um ápice, seguido por uma diminuição gradativa dessa força. Acrescentamos que a sílaba necessariamente deve conter o segmento que atingiu o limite máximo de força, visto que não existe sílaba sem que a força muscular tenha atingido seu ápice, o que, em outras palavras, significa que não existe sílaba sem núcleo.

Diferentemente do que ocorre no português brasileiro, no tocante à constituição do núcleo silábico, em outras línguas algumas consoantes ocupam essa posição, pois elas representam o ápice de força, propriedade que define o núcleo silábico. A estrutura silábica que acabamos de descrever pode melhor ser analisada por meio de um esquema que se encontra representado em Cagliari (1981), exposto a seguir:

Figura 2 – Esquema do esforço muscular e da curva da força silábica



Fonte: Cagliari (1981, p. 101).

Com base no esquema, evidenciamos que a sílaba pode ser constituída por até três partes: a primeira delas corresponde à parte de força ascendente, a segunda é a que atinge um ápice de força e a última é a de força regressiva. Entretanto, pontuamos que o único elemento essencial da sílaba é o ápice; as outras duas partes podem ou não existir.

A respeito da composição da sílaba, como declara Bisol (2013), as sílabas são constituídas por ataque e rima. Esta última deve obrigatoriamente conter um núcleo; a junção do ataque com o núcleo compõe o padrão universal CV. Diante da compreensão de que o núcleo é indispensável e está inserido na rima, concluímos que não há sílaba sem rimas. Para exemplificar a não obrigatoriedade do ataque para a existência da sílaba, tomemos como exemplo a sílaba “í” da palavra *sáida*, constituída somente pelo núcleo. Enfatizamos, pois, que o ataque pode ser constituído por um ou mais segmentos consonantais. A exemplo, temos – respectivamente – as sílabas “bo” de *bola* e “blu” de *blusa*. O mesmo, também, pode ocorrer com a rima, que além de, necessariamente, conter o núcleo, pode ou não possuir uma coda. Nesse caso, a coda pode ser composta por um ou mais segmentos. Os dois tipos de coda estão em destaque nas palavras “pasta” e “transporte”, respectivamente, com coda formada por um segmento, “s”, e por dois segmentos, “ns”.

Importante pontuar, a esse respeito, que as sílabas seguem regras universais de formação, as quais estabelecem os segmentos que podem ocupar cada uma das partes que as constituem. O conjunto dessas regras é denominado de Princípios Universais, sobre os quais explicita Bisol (2013, p. 26):

Os princípios universais constituem o seguinte conjunto: Princípio de sequenciamento de sonoridade (PSS), Princípio de Preservação de Estrutura (PE), Princípio de Maximização do Ataque (PMA), Princípio de Licenciamento Prosódico (PLP) e Princípio de Integridade Prosódica (PIP).

Esses princípios, conforme refere a autora, promovem os pontos comuns existentes nas sílabas das diversas línguas do mundo. Cada um possui sua importância e incide sob aspectos específicos que, juntos, garantem que as sílabas possuam semelhanças, mesmo pertencendo a línguas diferentes. Nesse sentido, cabe afirmar que esses princípios, dentro de suas limitações, aproximam uma língua de outra.

É oportuno enfatizar que o Princípio de Sequenciamento de Sonoridade (doravante PSS) assume papel relevante na compreensão da estrutura silábica. Em razão dessa importância, discorreremos sucintamente sobre PSS, visto que o conhecimento sobre a composição da sílaba contribui com o entendimento do fenômeno em estudo. Conforme menciona Bisol (2005), a condição de sequência de sonoridade, a qual estabelece que toda sílaba possui um núcleo constituído pelo segmento mais sonoro, sendo esse precedido por um segmento de grau de sonoridade crescente e seguido por outro de grau de sonoridade decrescente, permite saber quais segmentos podem compor os constituintes silábicos ataque, núcleo e coda. É em decorrência dessas normas, que, em muitas línguas, somente as vogais podem ocupar a função de núcleo silábico, visto que, em várias línguas, elas são os segmentos mais sonoros.

Compreendemos com o PSS que os segmentos constituintes de uma língua possuem graus de sonoridade distintos. Essa distinção provocou uma categorização dos segmentos em quatro grupos, que vão da escala 0 de sonoridade à escala 3, maior grau possível. Essa classificação pode ser observada em Bisol (2005):

Figura 3 – Escala de sonoridade

Vogal	>	Líquida	>	Nasal	>	Obstruente
3		2		1		0

Fonte: Bisol (2005, p. 111).

É importante salientar que essa escala organiza a constituição silábica. Por meio dela, compreendemos quais segmentos podem compor os constituintes silábicos — ataque e rima — e até mesmo a posição que cada um deles pode ocupar no interior de cada constituinte. Devido ao PSS, algumas restrições são impostas à composição das partes silábicas.

O PSS estabelece que a constituição do ataque simples é irrestrita. Para exemplificar essa falta de restrição, apontamos os fonemas /b/, /l/, /p/, /c/ e /n/, que compõem, respectivamente, os ataques das palavras "bola", "lata", "porta", "camisa" e "nada". Essa realidade é possível pelo fato de que todo segmento consonantal apresenta uma sonoridade

inferior à do segmento vocálico; logo, a sonoridade cresce em direção ao núcleo, uma vez que toda vogal possui grau 3 de sonoridade, enquanto as consoantes variam entre os graus 0 e 2.

Porém, quando o ataque é complexo, ou seja, constituído por dois segmentos, essa realidade muda, posto que os segmentos consonantais apresentam graus de sonoridades distintos. Neste caso, só podem ocupar a segunda posição no ataque as consoantes líquidas /l, r/ ou nasais /m, n, ɲ/. Todavia, no português brasileiro, somente as líquidas podem desempenhar esse papel. A título de exemplo de ataque complexo no português brasileiro, temos os ataques “bl e br”, respectivamente, presentes nas palavras *blusa* e *brita*. Entretanto, é relevante enfatizar que, além de sílabas obedecerem aos princípios universais, existem, em cada língua, regras peculiares que atuam no interior delas, o que garante algumas distinções entre as sílabas de línguas diferentes. Sobre essas regras específicas, discorreremos mais adiante.

Os ataques “bl e br”, presentes nas palavras citadas em linhas anteriores, dispõem de uma sequência de obstruinte e líquida, o que garante um movimento crescente de sonoridade em direção ao núcleo, respeitando, obviamente, o PSS.

Analogamente ao que ocorre com o ataque simples, a coda simples não apresenta nenhuma restrição em sua composição. De acordo com o PSS, todos os segmentos obstruintes podem ocupar a posição de coda simples, visto que eles estão na escala 0 de sonoridade, o que garante o decréscimo da sonoridade após o núcleo. Entretanto, quando a coda é complexa, o segundo segmento precisa ser menos sonoro que o primeiro. Com base nesse princípio, não são permitidas codas formadas pelas sequências “pm” e “pt”. A primeira sequência não é permitida pelo fato de a nasal “m” ser mais sonora que a obstruinte “p”, o que resulta em um aumento, e não em um decréscimo, da sonoridade como estabelece o PSS. Já a segunda sequência viola o PSS pelo fato de ambos os segmentos serem obstruintes, ou seja, ambos estão na escala 0 de sonoridade, situação que configura uma estabilidade de sonoridade.

Em virtude dos fatos mencionados, podemos afirmar que o PSS rege a silabação das palavras, uma vez que, por seu intermédio, sabemos quais segmentos podem desempenhar a função de núcleo, ataque e coda. No caso das duas últimas funções, esse princípio nos permite ainda saber quais os segmentos podem ocupar a primeira e a segunda posição quando o ataque e a coda forem complexos. Ao observarmos a silabação da palavra *cre-s-cer*, evidenciamos o PSS, visto que a sonoridade cresceu em direção ao núcleo e decresceu depois dele, dado que o /c/ é um fonema menos sonoro que o /r/, uma vez que tais segmentos estão, respectivamente, na escala 0 e 2 de sonoridade.

Salientamos que as sílabas das mais variadas línguas possuem características comuns. Entretanto, as línguas também possuem suas peculiaridades. Entre estas, citamos a formação dos constituintes silábicos, situação discutida por Engelbert (2012, p. 99):

Os componentes que podem ocupar o ataque, o núcleo e a coda variam de língua para língua. O ataque de uma sílaba pode ser composto de um número *x* de consoantes, a depender do que cada língua permita. Em português temos sílabas como **pa** e **pla**. Na rima, o núcleo é composto por vogais ou ditongos (como nas sílabas *pa* e *pai*), e a coda pode ser composta por um número *x* de consoantes, variando esse número de língua para cada língua, mas também o tipo de segmento que pode ocupar cada determinada posição silábica.

Compreendemos, com a autora em comento, que todos os constituintes silábicos são determinados por princípios universais. Todavia, a composição desses constituintes é estabelecida por restrições que as línguas elaboram isoladamente. Por esse motivo, há línguas, como o português, que só admitem núcleo silábico composto por uma vogal ou por uma vogal e uma semivogal, enquanto outras línguas admitem segmentos diferentes nessa função. Também ocorre distinção entre a quantidade de segmentos que compõem o ataque e a rima, bem como dos tipos de segmentos que podem compô-los.

A estrutura silábica do português é limitada a um máximo de seis segmentos, conforme podemos observar no molde silábico apresentado por Silva (2021, p. 154): “C1 C2 VV' C3 C4”. Nesse caso, enfatizamos que as consoantes são representadas pela letra C, permitindo-se, no máximo, dois segmentos no ataque e dois na coda. Assim, uma sílaba pode conter até quatro segmentos consonantais. O núcleo pode incluir até dois segmentos, sendo uma vogal e uma glide, representados, respectivamente, por V e V'. Sublinhamos que sílabas com seis segmentos não são muito comuns.

É importante recordar que os segmentos não podem ocupar qualquer posição nos constituintes. No caso do ataque, por exemplo, são aplicadas algumas restrições a sua composição. Além disso, é importante mencionar que elas não são as mesmas para o ataque simples e o complexo. Conforme esclarece Engelbert (2012, p. 103), “Quando a sílaba é CV, podem ocupar a posição de C todos os fonemas consonantais, exceto /r, ɲ, ʎ/. Esses três segmentos podem somente iniciar sílaba no meio de palavra (como em caro, banho ou em falho), a não ser quando utilizamos os empréstimos lhama e nhoque”. Observamos que há poucas restrições de constituição do ataque simples, pois somente três segmentos consonantais não podem ocupar essa posição. Ademais, essa restrição só se aplica quando o ataque acontece no início da palavra, o que nos remete à compreensão de que não há restrição de constituição

do ataque simples, quando este não está na posição inicial das palavras. Essa realidade é facilmente observada nos exemplos: *bola, cama, lata, mola, malha, caminhonete, sala, bule*, entre outros.

Diferentemente do que acontece com o ataque simples, o ataque complexo apresenta bem mais restrições, como demonstra Engelbert (2012, p. 103), “Se a sílaba for C1C2V, C1 é sempre uma oclusiva ou fricativa dental (/p, b, t, d, k, g, f, v/), e a C2 é sempre uma líquida (/l r /). Devemos ressaltar que /v r / e / t l / não ocorrem em início de palavras e que / v l / e / d l / não ocorrem a não ser em um nome próprio [...]”. Como podemos observar, somente seis segmentos podem ocupar a posição de C1 no ataque complexo, isso se o ataque não for no início de palavras. Enfatizamos que nem todas as combinações entre os segmentos aptos a ocuparem C1 e os aptos a ocuparem C2 são permitidas em todas as posições das palavras, nem em qualquer classe morfológica.

O português brasileiro admite dois tipos de coda, a saber: simples e complexa. Algumas restrições são impostas quanto aos segmentos que podem compor a coda simples, assim como há para os que podem ocupar a primeira e a segunda posição na coda complexa, sobre as quais advoga Engelbert (2012, p. 104), “Quando se trata de uma sílaba com um segmento na coda (VC, CVC, CCVC), a posição da consoante após a vogal, chamada de C3 no molde silábico, pode ser ocupada pelos arquifonemas /S/, /R/, /N/ e também pelo fonema /l/ (como em cesto, perto, ponto e salto).” É notório que há uma grande restrição quanto aos segmentos que podem compor a coda, mesmo quando esta é simples, dado que somente quatro segmentos são permitidos nessa posição. Enfatizamos que esses segmentos – que podem ocupar a primeira posição da coda complexa – desempenham, nessa situação específica, a função de alofones e, por esse motivo, são representados por arquifonemas. Como exemplos dessa condição, apontamos as palavras ka/R/ta e ka/S/pa.

É relevante destacar que a restrição quanto ao segundo elemento da coda complexa é, ainda, maior que a aplicada ao primeiro, pois há uma redução de quatro para um segmento. Somente um segmento pode ocupar a posição de segundo elemento da coda complexa, como explica Engelbert (2012, p. 104), “Só temos a posição de coda silábica ocupada por duas consoantes em português quando C3 for / l /, / R / e / N / e C4 for / S /, assim como acontece em solstício, perspicaz e transporte.” Ressaltamos, por conseguinte, que a coda complexa não ocorre com dois segmentos iguais, visto que não é possível a combinação do /s/ na posição de C3 com /s/ na posição C4. Logo, só há três composições de coda complexa admitidas no português, a saber: ls, rs e ns.

Conforme discorrido sobre a sílaba, é visível que esta não apresenta estrutura única, o que permite sua classificação em mais de uma categoria, sobre a qual advogam Seara, Nunes e Volcão (2015, p. 124):

Temos sílabas chamadas de simples (constituídas apenas pelo núcleo silábico ou pelo núcleo precedido pelo onset), complexas (cujo núcleo é seguido por um ou mais segmentos ou precedido por mais de uma consoante), abertas ou livres (quando apresentam uma rima não ramificada, ou seja, apenas um elemento no núcleo), e fechadas ou travadas (quando possuem rima ramificada, ou seja, mais de um segmento no núcleo ou preenchimento de coda).

Podemos perceber, com a afirmação das autoras, que a sílaba para ser simples não pode apresentar coda, apenas núcleo e onset. Este último precisa ser simples, ou seja, constituído por um único elemento. A título de exemplo, observemos as sílabas em destaque nas palavras *oca* e *bola*. As duas são compostas, respectivamente, por núcleo e por onset simples + núcleo. Logo, são classificadas como simples. Por conseguinte, entendemos que as sílabas têm sua complexidade garantida pela existência de onset complexo ou coda. Esta última pode tanto ser simples como complexa. Como exemplo de sílabas complexas, observamos as destacadas nas palavras seguintes: **bl**usa, **as**no, **pers**pectiva e **trans**porte. Respectivamente, compostas por onset complexo + núcleo, núcleo + coda simples e onset simples + coda complexa e onset complexo + coda complexa. Portanto, fica evidente que basta apenas a sílaba apresentar um desses fatores isolados para ser classificada como complexa, como é o caso da sílaba em destaque na palavra *espada*.

É oportuno mencionar que as sílabas também podem ser classificadas como abertas ou livres e fechadas ou travadas. Para essa classificação, a literatura considera tanto a composição do núcleo quanto a existência ou não de coda. Uma sílaba pode ser fechada ou travada mesmo sem possuir coda. Para isso, o núcleo precisa ser composto, ou seja, formado por um ditongo. Sob esse prisma, podemos afirmar que toda sílaba que possui o núcleo composto e/ou possui coda é classificada como fechada ou travada. As sílabas abertas ou livres, por sua vez, são aquelas que possuem um núcleo simples e não possuem coda. Como exemplo de sílabas abertas ou livres e fechadas ou travadas, observemos as sílabas em destaque nos pares das palavras **bola** e **prata**, **leite** e **mesmo**. No primeiro par, as sílabas em destaque são denominadas abertas ou livres pelo fato de não possuírem nem núcleo composto nem coda. Enquanto isso, no segundo par, as sílabas são consideradas fechadas ou travadas, visto que possuem, respectivamente, núcleo composto e coda.

Portanto, no português brasileiro, o segmento /s/ pode ocupar várias posições na sílaba, a saber, primeiro segmento do onset simples, como em *saco*; primeiro segmento da coda simples, como em *pasta*, ou segundo segmento da coda complexa, como em *transporte*. Somente quatro posições na sílaba não podem ser ocupadas por ele, a de núcleo, a de primeiro e segundo segmento do onset complexo e a de primeiro segmento da coda complexa.

A compreensão do fenômeno da palatalização da fricativa alveolar remete a uma discussão sobre a origem do processo, os motivos fonético-fonológicos e sociais que contribuíram para seu surgimento e, também, a maneira de propagação na sociedade brasileira, bem como sua descrição fonético-fonológica. Em virtude dessa importância, a referida temática será discutida na seção subsequente.

2.5 A PALATALIZAÇÃO DA FRICATIVA ALVEOLAR NO BRASIL: ORIGEM, PROPAGAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA E FONOLÓGICA

A palatalização do /S/ no português brasileiro não é um fenômeno recente, considerando que seus primeiros registros ocorreram há bastante tempo, conforme discutido na subseção 2.1 e fundamentado em Teysier (2014 [1972]). Portanto, há, no mínimo, seis séculos que esse processo fonológico começou a ser produzido por falantes brasileiros.

Salientamos que a origem da produção alveolopalatal em território brasileiro não está totalmente definida. Essa indefinição pode ser observada em Callou, Morais e Leite (2013, p. 193), “A palatalização do s [...] parece tratar-se de um caso de mudança – cujo alvo seria imitar a pronúncia supostamente de prestígio – que se comporta de forma diversa, não estando sujeita a tendências universais.” Com base no exposto, fica evidente que até mesmo alguns linguistas não têm uma resposta definitiva quanto à origem do fenômeno, porém a imitação é apontada como uma possível causa.

Em território brasileiro, os primeiros registros da variante palatal ocorreram na região Sudeste, especificamente no estado do Rio de Janeiro. Sobre isso, Callou, Morais e Leite (2013) explicam que a produção do /s/ alveolopalatal, em posição de coda, no português brasileiro, inicialmente era uma variante restrita ao dialeto carioca. Ela foi introduzida no sistema linguístico brasileiro pela corte portuguesa no dialeto do Rio de Janeiro. Compreendemos, a partir dos dizeres dos autores, que a realização alveolopalatal do /s/ pode ter se propagado no Brasil por meio da imitação da fala dos membros da corte portuguesa pelos falantes do Rio de Janeiro. Essa imitação pode estar associada ao fato de que os brasileiros acreditavam que falar

de maneira semelhante aos membros da corte lhes promoveriam status, visto que a corte – ao chegar ao Brasil – ocupava uma posição de grande prestígio social. Os primeiros registros da realização palatal do /s/ pelos brasileiros não nos permitem afirmar que essa variação tenha sido influenciada por fatores linguísticos; por outro lado, é nítido que fatores sociais foram determinantes para a propagação da variante pelo território brasileiro.

Supomos que, no estado do Rio de Janeiro, a implementação do /s/ palatalizado não enfrentou grande resistência. Ainda de acordo com Callou; Morais e Leite (2013, p. 188), “Na cidade do Rio de Janeiro, em que a variante palatalizada é a marca característica do dialeto (índice de 90%), há uma distribuição equilibrada da realização palatal por faixa etária, tanto em posição final de sílaba quanto em final de vocábulo.” O índice da realização palatalizada do /s/ nos leva a crer que houve boa aceitação da variante pela comunidade de fala fluminense. Observamos, também, que a variável faixa etária se mostrou relevante para a realização palatalizada.

A propagação de uma variante linguística de uma região para outra é algo que já vem acontecendo há muito tempo. A variante alveolopalatal predominante no Rio de Janeiro passou por esse processo. Nesse sentido, advogam Callou, Morais e Leite (2013), a produção alveolopalatal era percebida como uma pronúncia nobre que se estendeu do Rio de Janeiro para o Nordeste, região que atribuía muito prestígio à fala carioca. Presumimos, com a afirmação dos autores, que a busca por status foi o motivo pelo qual a variante alveolopalatal se propagou na região Nordeste.

Entretanto, por mais que a variante palatal tenha se estabelecido em alguns pontos do país, o /s/ alveolar se mantém ativo no falar brasileiro. Para Callou, Morais e Leite (2013, p. 188), “A realização alveolar, contudo, mantém-se numa área considerável do país, embora a pronúncia palatal pareça estar avançando em zonas consideradas ciciantes, como se pode observar nos Atlas Linguísticos brasileiros publicados.” Portanto, coexistem no falar brasileiro o [s] e o [ʃ], sendo que há alternância de predominância por regiões e até mesmo há lugares em que persiste um equilíbrio no uso de ambas as realizações.

A palatalização do /S/ é um processo que influencia na formação de variantes e, conseqüentemente, na constituição da heterogeneidade linguística. Essa heterogeneidade tem como consequência a formação de dialetos. Apoiamo-nos em Faraco (2005) para registrar a definição de dialeto: denominação atribuída às variedades linguísticas típicas de uma delimitação geográfica. Enfatizamos que os dialetos são muitas vezes identificados por suas variantes linguísticas. Um caso exemplar é o dialeto carioca, que é identificado como chiente,

som produzido pelo [ʃ] palatalizado na posição de coda, variante predominante nessa comunidade de fala.

A palatalização do /S/ é um processo fonológico que consiste na mudança do ponto de articulação do segmento quando este se encontra em posição de coda. De acordo com Silva (2021[1999]), a palatalização é produzida com um movimento de recuo da língua em direção à parte de trás do palato duro. Na palatalização do /s/, ocorre a mudança no ponto de articulação, com mudanças dos articuladores ativos e passivos envolvidos na produção do segmento. Há um movimento de maior posteriorização dos articuladores na cavidade bucal. Visto que, na realização alveolar, o articulador ativo é o ápice ou a lâmina da língua, e o passivo são os alvéolos, enquanto na realização palatalizada, o articulador ativo passa a ser a parte média da língua, e o passivo, o palato duro.

Essa alteração de pontos de articulação ocorre porque os segmentos consonantais admitem duas articulações diferentes: a primária, que é a articulação que o segmento apresenta em sua forma original, ou seja, sem ter sofrido variação; e a secundária, responsável por promover a variação do segmento. Sobre o assunto, Silva (2021[1999], p. 34) ressalta que “segmentos consonantais podem ser produzidos com uma articulação secundária em relação às propriedades articulatorias fundamentais ou primárias deste segmento”.

Os segmentos palatalizados, a exemplo do [ʃ], possuem articulação secundária que corresponde à articulação de um ponto vocálico. A respeito desse fenômeno, Silva (2021[1999], p. 35) declara: “A palatalização geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores **i, e**, é (orais ou nasais).”

Presumimos, com a afirmação da autora, que ela está se referindo ao processo específico de palatalização das alveolares /t, d/, uma vez que esses segmentos geralmente sofrem palatalização no referido contexto. Entretanto, a palatalização do /S/ pode ocorrer sem a influência das vogais coronais. Ao se tratar do contexto antecedente, já foi constatado em pesquisas anteriores que o /s/ também sofre esse processo, tendo as vogais labiais e dorsais como segmento antecedente. Esse entendimento é endossado pela pesquisa de Brescancini (1996), na qual as vogais labiais se revelaram como favoráveis ao processo, enquanto as coronais se mostraram como um fator neutro, ou seja, não favoreceram e nem desfavoreceram a produção alveolopalatal.

É relevante enfatizar que a palatalização do /S/ pode ocorrer quando o segmento vem imediatamente depois de uma vogal, no caso de coda simples, a exemplo do que ocorre com o /s/ na palavra *casca ka[ʃ]ka*, ou quando ele é intercalado por uma consoante, caso a coda seja

complexa, o que pode ser observado no /s/ da palavra *transporte tran[[/]]porte*. De acordo com Seara, Nunes e Volção (2015), as vogais podem ser seguidas por uma ou mais consoantes. Quanto à ocorrência da palatalização do /S/ nos dois tipos de coda, arriscamo-nos a dizer que ela é mais comum em coda simples.

Cabe afirmar que outros segmentos também ocupam a posição de coda silábica. Nesse sentido, afirmam Seara Nunes e Volção (2015) que os segmentos /N, R, S/ também podem desempenhar essa função. Na posição de coda, esses segmentos perdem a capacidade distintiva que possuem quando estão na posição inicial ou intervocálica; logo, cada um deles apresenta variadas produções que não são consideradas fonemas diferentes, mas sim variações de um mesmo fonema, que tanto podem ser motivadas por fatores linguísticos quanto por fatores extralinguísticos, ou por ambos ao mesmo tempo.

A Fonologia Autossegmental dispõe de uma representação hierárquica dos segmentos, a qual consideramos relevante para compreensão das distinções entre fricativas alveolares e alveolopalatais. A propósito, anunciamos que a discussão desses segmentos sob o viés dessa teoria é pauta da seção seguinte.

2.6 OS SEGMENTOS NA PERSPECTIVA DA FONOLOGIA AUTOSSEGMENTAL

Para a Fonologia Autossegmental, os traços dos segmentos possuem uma certa independência de suas matrizes, visto que os segmentos são, de fato, autossegmentos, no sentido de que os traços que os constituem possuem certo nível de independência. Nesse sentido, como explica Bisol (2005), a fonologia autossegmental lida com segmentos em sua completude e com conjuntos inteiros de traços e, ainda, com autossegmentos, os quais permitem a divisão autônoma de traços dos sons que constituem a língua. Essa independência é facilmente comprovada quando um segmento é apagado e um de seus traços permanece no segmento adjacente. A título de exemplo, registramos a palavra *tampa*, que, após a nasal /m/ ser apagada, mantém o traço nasal, assimilado pela vogal /a/.

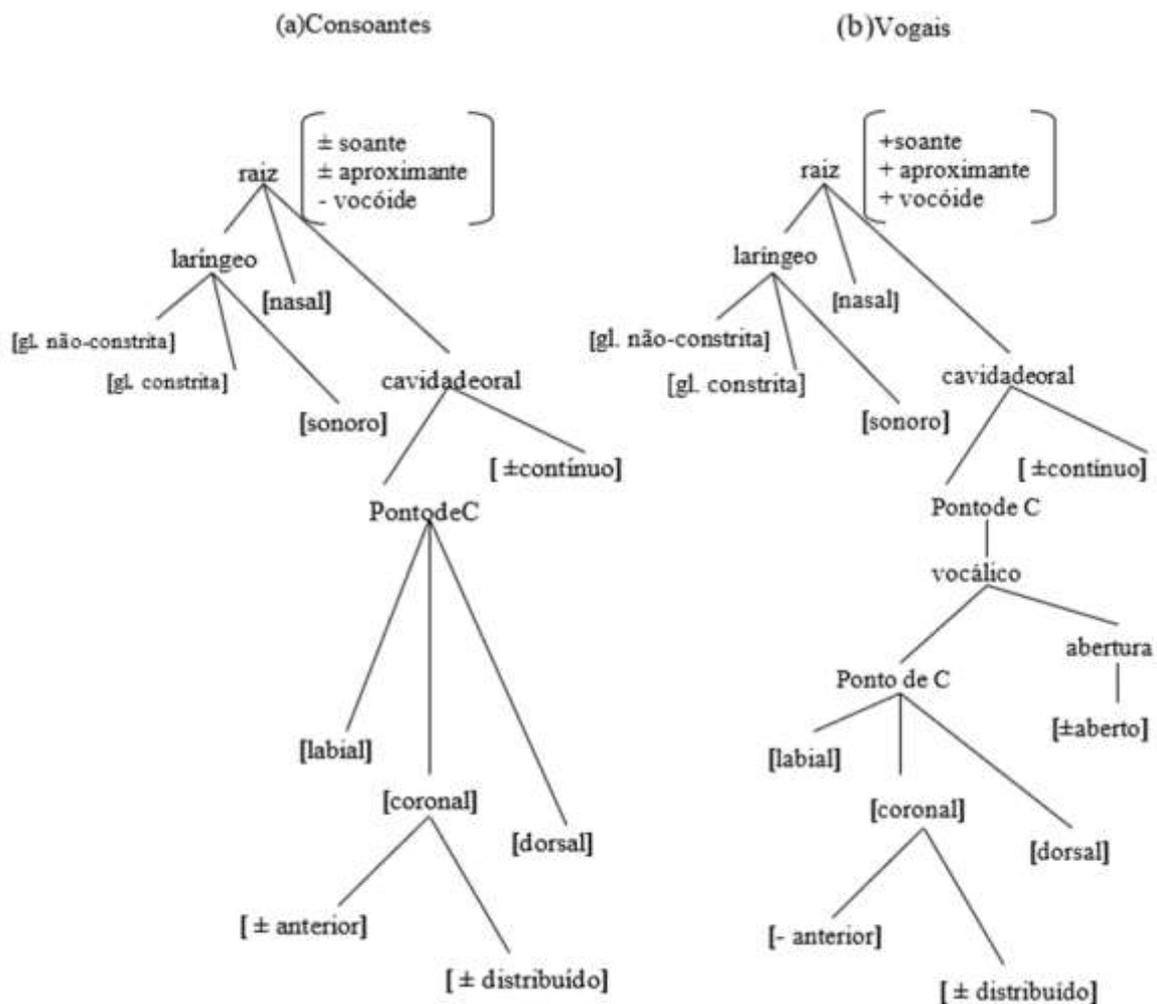
Na perspectiva desse modelo teórico, os segmentos são constituídos por traços que se juntam e formam nós. Estes encontram-se organizados de forma hierárquica, não havendo possibilidade de alteração dessa organização; em outras palavras, cada traço ocupa uma posição fixa na hierarquia. Conforme afirmam Clements e Hume (1995), a representação dos segmentos dá-se por meio de um arranjo de nós, os quais se organizam obedecendo a uma hierarquia, na qual os traços assumem a posição de nós terminais e os constituintes a de nós intermediários.

Assim, não é possível trocar os traços de posição; no topo, sempre estarão os traços do nó raiz e, no final, os traços de articulação. No caso do traço coronal, este, necessariamente, virá seguido da dependente, que pode ser [+anterior] ou [-anterior].

Como consequência dessa hierarquização, os traços passaram a ser organizados em camadas, como descreve Bisol (2005) ao explicar que a fonologia autosegmental realiza a análise dos níveis dos segmentos de forma independente. Entretanto, essa independência é limitada, dado que só alguns traços podem ser analisados isoladamente e outros em conjunto, como é o caso dos traços soantes, aproximantes e vocóides, que formam uma matriz indissociável.

Clements e Hume (1995), a partir da noção de autosegmento, criaram o modelo Geometria de Traços, no qual organizam os traços dos segmentos de forma hierárquica. A Geometria de Traços prevê uma organização hierárquica dos traços comum a todos os segmentos consonantais, assim como existe uma que é comum a todos os segmentos vocálicos. Tal organização pode ser observada em Clements e Hume (1995), conforme representação da figura 4.

Figura 4 – Representação da organização hierárquica de consonantes e vogais



Fonte: Clements e Hume (1995, p. 66).

À luz do que defende a Geometria de Traços, todos os segmentos consonantais podem ser representados obedecendo à estrutura descrita no item **a**, e os segmentos vocálicos obedecendo à estrutura descrita no item **b**. O nó raiz é constituído, necessariamente, pelo conjunto dos traços soante, aproximante e vocóide. No caso das vogais, o nó raiz é igual para todas, visto que elas são igualmente [+ soante], [+ aproximante] e [+ vocóide]. Por outro lado, as consoantes possuem uma caracterização variada no traço soante e aproximante. Todavia, quanto ao traço vocóide, não há variação. Todas elas são [-vocóide].

A localização desse nó na posição mais alta da hierarquia se justifica por ele ser composto pelos traços considerados mais significativos, os quais são agrupados por graus de sonoridade, visto que cada um dos três grupos comporta segmentos com graus de sonoridades iguais entre si e distintos se comparados com outros grupos. A organização dos segmentos por graus de sonoridade é expressa por uma escala que pode ser observada em Clements e Hume (1995), constante na figura 5.

Figura 5 – Graus de sonoridade dos segmentos

	[soante]	[aproximante]	[vocoide]	Escala de sonoridade
Obstruinte	-	-	-	0
Nasal	+	-	-	1
Líquida	+	+	-	2
Vogal	+	+	+	3

Fonte: Clements e Hume (1995, p. 53).

Ressaltamos que, no português brasileiro, os segmentos são agrupados em quatro grupos, de acordo com sua escala de sonoridade. As obstruintes /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ/ são segmentos [-soante], [-aproximante] e [-vocoide], visto que estão na escala 0 grau de sonoridade; as nasais /m, n, ñ/ são [+soante], [-aproximante] e [-vocoide] estão na escala 1 de sonoridade; as líquidas /l, r/ são [+soante], [+aproximante] e [-vocoide] localizam-se na escala 2 de sonoridade; e as vogais /a, ε e, i, ɔ, o, u/ possuem grau 3 de sonoridade e, portanto, são [+soante], [+aproximante] e [+vocoide].

É válido salientar que o nó de raiz apresenta uma peculiaridade, a respeito da qual declaram Clements e Hume (1995): o nó de raiz apresenta como característica a impossibilidade de espraçamento individualizado dos traços que o compõem, ou seja, o espraçamento só pode ocorrer do nó completo, não havendo a possibilidade de espraçar, por exemplo, o traço soante, o traço aproximante ou o traço vocóide.

O nó laringal constituído pelos traços glotal constrito, glotal não constrito e sonoro é comum aos segmentos vocálicos e consonantais e apresenta, no que se refere ao espraçamento de seus traços, um comportamento flexível, visto que admite, conforme Clements e Hume (1995), dois tipos de espraçamento: o individual e o total.

O nó de lugar é constituído por três traços, a saber: labial, coronal e dorsal, os quais são utilizados para caracterizar os segmentos vocálicos e consonantais. Sobre esse tópico, afirmam Clements e Hume (1995) que o traço coronal apresenta uma singularidade, visto que é o único dos três que possui um dependente. Esse dependente pode ser [\pm anterior] e [\pm distribuído] nas consoantes. Porém, o dependente anterior é redundante para a descrição vocálica, uma vez que todos os segmentos vocálicos são [-anterior]. Enquanto isso, o dependente [\pm distribuído] também é utilizado na descrição vocálica.

Os segmentos vocálicos e consonantais são classificados de acordo com o articulador ativo envolvido na prolação. Nessa direção, explicam Clements e Hume (1995) que, quando o

som é produzido tendo os lábios como articulador ativo, ele é denominado labial; quando o articulador ativo é a parte frontal da língua, ele é classificado como coronal; e, quando o dorso da língua desempenha essa função, o segmento é nomeado dorsal. Os autores apontam a impossibilidade de regras fonológicas atuarem na negatividade desses traços como justificativa para serem considerados somente com valor de presença.

No caso específico das coronais do português brasileiro, sua caracterização se baseia tanto no articulador ativo envolvido na sua produção, situação comum na caracterização dos outros segmentos, como no local em que a obstrução ocorre. Desse modo, destacamos que o traço anterior é o responsável por especificar o local em que a passagem do ar é obstruída, a respeito do qual define Matzenauer (2005, p. 22): “Anteriores são os sons produzidos com uma obstrução localizada na frente da região palato-alveolar; os sons não-anteriores são produzidos sem esta obstrução”.

Portanto, podemos afirmar que a distinção entre fricativas alveolares e alveolopalatais é promovida pelo traço anterior. Nesse sentido, Clements e Hume (1995) afirmam que o traço [+ anterior] ligado ao nó coronal define uma alveolar, enquanto o traço [- anterior] ligado ao nó coronal define uma alveolopalatal, coronais anteriores e posteriores, respectivamente.

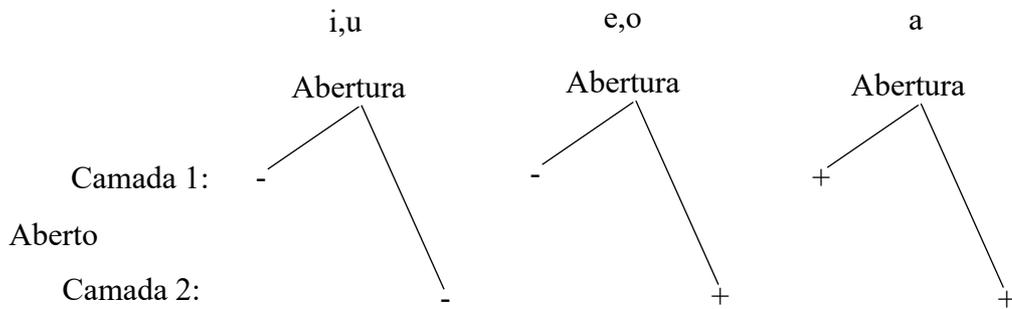
A Geometria de Traços utiliza os mesmos traços de lugar para caracterizar segmentos consonantais e vocálicos. A motivação para a unificação desses traços é a compreensão de que consoantes e vogais constituem classes naturais. Conforme defendem Clements e Hume (1995), esse modelo teórico trabalha com a concepção de que as consoantes e vogais labiais ou labializadas compõem a classe labial. Isso posto, as consoantes coronais e as vogais centrais formam a classe coronal, e as consoantes dorsais e as vogais posteriores constituem a classe dorsal.

Clements e Hume (1995) apontam a participação conjunta de segmentos vocálicos e consonantais em processos fonológicos como justificativa para a pertença deles à mesma classe natural. Segundo relatam Clements e Hume (1995), já foi identificado em muitas línguas que vogais anteriores, em contexto antecedente, tornam consoantes velares e/ou labiais em consoantes coronais, e, nesse mesmo contexto, as consoantes coronais anteriores tornam-se coronais posteriores. Portanto, tais argumentos são suficientes para a comprovação da existência dessas classes, o que nos conduz à mesma compreensão defendida pelos autores.

A Geometria de Traços compreende que as vogais possuem níveis de altura diferentes e, para caracterizar essa altura, lança mão do traço [\pm aberto] que constitui o nó abertura. Esses

traços encontram-se dispostos em camadas. A representação de vogais por níveis de altura é ilustrada por Clements e Hume (1995), consoante consta na figura 6.

Figura 6 - Representação dos níveis de altura das vogais

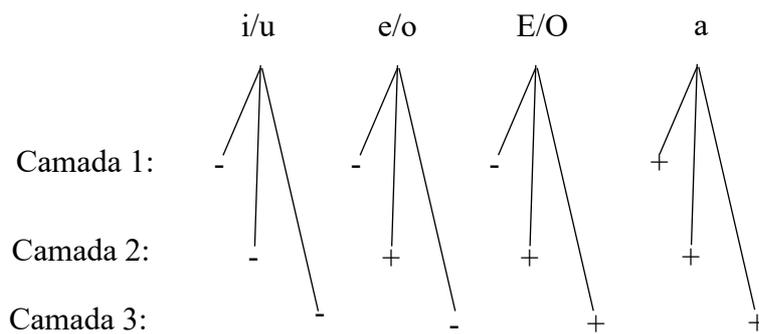


Fonte: Clements e Hume (1995, p. 4).

Observamos que o sistema vocálico exemplificado acima é constituído por 5 segmentos distribuídos em duas camadas, 1 e 2. Essa representação comprova que, com apenas duas camadas, é possível representar um sistema vocálicos de três alturas. Com base no exposto, identificamos ainda que os segmentos “i, u” compõem juntos uma classe, o segmento “e, o”, outra classe e há uma terceira classe constituída somente pelo segmento a.

Enquanto isso, o sistema vocálico do português brasileiro é constituído por sete vogais, as quais se encontram representadas em Wetzels (1992).

Figura 7 - Representação dos níveis de altura das vogais do português brasileiro



Fonte: Wetzels (1992, p. 22).

A representação elaborada por Wetzels (1992) explicita que o referido sistema possui quatro níveis de altura que se encontram dispostos em três camadas: aberto 1, aberto 2 e aberto 3. Nessa proposta, o traço [- aberto 2] caracteriza vogais altas, enquanto o traço [+aberto 1] identifica um segmento baixo; a sequência [+ aberto 2] e [- aberto 3] caracteriza vogais médias

altas e a sequência [+ aberto 2] e [+aberto 3] vogais médias baixas. Desse modo, fica evidente que a distinção entre vogais média altas e vogais média baixas reside no traço [aberto 3].

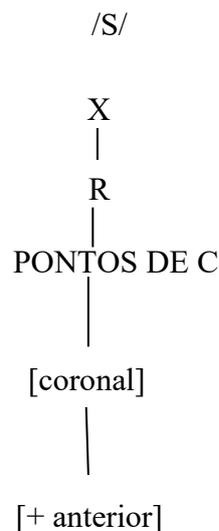
2.6.1 Tipos de segmentos

A fonologia autosegmental dispõe de uma definição de segmentos própria. Estes seguimentos encontram-se organizados em três categorias. Conforme ressalta Bisol (2005), essa teoria compreende os segmentos como um conjunto de traços organizados hierarquicamente que podem ser classificados como simples, complexos ou de contorno.

Registramos que o português brasileiro é constituído preponderantemente por segmentos simples. Como exemplos de segmentos dessa classificação, destacamos /p/, /s/, /k/, os quais apresentam um único ponto de articulação oral, respectivamente: labial, coronal e dorsal. Ressaltamos, portanto, que, no português brasileiro, todas as vogais são segmentos simples.

Para subsidiar a discussão sobre segmento simples, recorreremos à descrição da fricativa alveolar /s/, a qual apresenta uma articulação coronal, visto que em sua prolação a constricção é promovida pela parte frontal da língua. Além do mais, a dependente é [+ anterior], dado que o articulador passivo são os alvéolos. A representação do referido segmento pela perspectiva desse modelo teórico pode ser observada em Hernandorena (1994).

Figura 8 – Representação da fricativa /s/

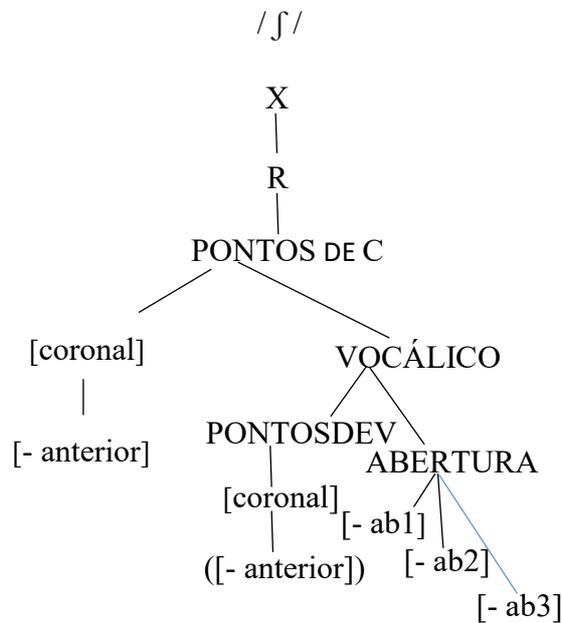


Fonte: Hernandorena (1994, p. 161).

Conforme definem Clemens e Hume (1995), segmentos simples apresentam um único nó de raiz e um único ponto de articulação oral. O conceito supracitado associado a geometria da fricativa /s/ explicita que o referido segmento é de natureza simples. Hernandorena (1994), em sua representação da alveolar, descreve um único nó de raiz e somente um ponto de articulação oral. Dessa forma, a fricativa /s/ atende as duas características que definem um segmento simples.

A alveolopalatal /ʃ/ também é caracterizada por uma articulação coronal, mas, nesta, a dependente é [- anterior], em virtude do articulador passivo ser o palato duro. A fricativa alveolopalatal tem sua geometria também representada por Hernandorena (1994).

Figura 9 – Representação da fricativa /ʃ/



Fonte: Hernandorena (1994, p. 161).

Conforme Clements e Hume (1995), os segmentos complexos dispõem de um único nó de raiz, porém apresentam no mínimo dois pontos de articulação oral. Portanto, ao observar geometria da alveolopalatal, representada por Hernandorena (1994), identificamos que o segmento possui dois pontos de articulação oral, um que corresponde ao ponto de articulação consonantal e outro que corresponde ao ponto de articulação vocálico. Desse modo, considerando que a alveolopalatal cumpre todos os critérios que os autores utilizam para definir segmentos complexos, estamos seguros em reafirmar que a alveolopalatal se enquadra nessa classificação.

É oportuno salientar que os dois segmentos se assemelham por serem coronais, entretanto se diferenciam sobretudo pela quantidade de pontos de articulação oral, visto que é único na alveolar e duplo na alveolopalatal. Há ainda um outro ponto distinto entre eles: a dependente é [+anterior] na alveolar e [- anterior] na alveolopalatal.

Ademais, alicerçamos nossa compreensão sobre a complexidade da alveolopalatal /ʃ/ nos fundamentos apresentados por Hernandorena (1994). Segundo essa autora, as crianças durante o processo de aquisição da fricativa alveolar /s/ e da fricativa palatal /ʃ/ tratavam a palatal /ʃ/ da mesma maneira que tratavam as palatais /ɲ, ʎ/, ou seja, as encaravam como consoantes complexas. As crianças substituem a palatal /ʃ/ pela semivogal /y/, realizando, desse modo, a semivocalização, processo que comumente ocorre com as palatais /ɲ, ʎ/ durante sua aquisição. Para exemplificar a semivocalização da palatal, a autora recorreu à produção da palavra “janela” [yanela].

Dois processos foram apontados por Hernandorena (1994) como argumentos para a classificação das alveolopalatais como consoantes complexas: a semivocalização, já discutida em linhas anteriores, e a palatalização do /S/ em posição de onset. Hernandorena (1994) afirma que algumas crianças durante a aquisição fonológica utilizam o /ʃ/ em vez do /s/ antes da vogal alta /i/ ou da semivogal coronal. Essa ação caracteriza o processo de palatalização, no qual o /s/ assimila o traço da vogal que o segue, passando, assim, de consoante simples a complexa, visto que adquire um segundo ponto de articulação que é espraiado do nó vocálico da vogal /i/.

Hernandorena (1994) afirma que, em decorrência do reconhecimento da palatal /ʃ/ como uma consoante complexa, a substituição das alveolopalatais /ʃ, ʒ/ pelas alveolares /s, z/ por crianças durante o processo de aquisição da fonologia do português pode ser explicada como resultado do processo de demarcação. Hernandorena (1994, p. 163) descreve esse processo como “desligamento do nó VOCÁLICO dependente do nó dos PONTOS DE C.”

O processo de desligamento de nó é apontado por Hernandorena como um dos motivos para a troca que as crianças fazem entre alveolopalatais e alveolares. Por outro lado, a autora destaca que essa pode ser apenas uma das explicações, visto que ela compreende que essa substituição pode ser também consequência da não ligação do nó vocálico. Desse modo, advoga Hernandorena (1994) que, quando a criança troca /ʃ, ʒ/ por /s, z/, é porque ela não realizou a ligação do nó vocálico à consoante alveopalatal. Já quando ela semivocaliza a alveopalatal, é porque não realizou a ligação do traço coronal desse segmento. Com base nesse argumento, inferimos que, quando a criança não liga o nó vocálico, ela produz as alveolares /s, z/ e, quando ela liga o nó vocálico, produz as alveolopalatais /ʃ, ʒ/.

Em virtude dos dois argumentos defendidos pela autora, podemos entender e explicar a alternância entre as fricativas alveolares e alveolopalatais como um processo que pode ocorrer tanto pelo desligamento quanto pelo não ligamento de nós.

Portanto, as discussões realizadas acerca das alveolopalatais e alveolares, apoiadas nos fundamentos apresentados, não nos permitem duvidar de que a distinção entre esses dois tipos de segmentos é promovida pela articulação secundária. A respeito desse tipo de articulação, advoga Bisol (1994) que a matriz subjacente do /ʃ/ possui o traço coronal vocálico, enquanto que a matriz subjacente do /s/ não possui esse traço. À vista disso, a alternância entre esses segmentos pode ser explicada por meio do desligamento do nó vocálico presente na subjacência da alveolopalatal /ʃ/, visto que esse desligamento transforma a alveolopalatal na alveolar /s/.

2.6.2 Palatalização do /S/

A palatalização é um processo fonológico bastante comum nas línguas. No português brasileiro, alguns segmentos sofrem esse processo. Dentre eles, destacamos o /S/ implosivo. Conforme advogam Clements e Hume (1995), a palatalização equivale às consoantes que possuem articulação secundária com características vocálicas correspondentes à vogal *i* que se associam a articulação primária. Apontamos o /ʃ, ʒ / em posição de coda e o /k, t, d/ diante da coronal /i/ como exemplos dessas consoantes no português brasileiro.

É digno de nota que os condicionadores do processo de palatalização que originam o primeiro grupo e os do segundo não apresentam muitas similaridades, uma vez que os segmentos /ʃ, ʒ/ sofrem palatalização sem a coronal /i/ adjacente. Além disso, os condicionadores se diversificam pelos dialetos, ou seja, o contexto que desencadeia o processo em um dialeto pode não ser o responsável por promovê-lo em outro. Nesse sentido, Brescancini (2003, p. 308) afirma: “A palatalização caracteriza-se como um termo rótulo para uma série de processos diferenciados, envolvendo inclusive contextos indutores que extrapolam o comumente referido vocálico frontal alto [...]”

Ao tratar-se da palatalização do /S/, podemos afirmar que muitas pesquisas corroboram o entendimento da autora. Dentre elas, destacamos a de Scherre e Macedo (2000), na qual a vogal [+alta, +anterior] foi revelada como contexto favorável à realização do fenômeno; a de Bassi (2011), em que nenhum segmento vocálico se mostrou favorecedor, pois, nesse dialeto, as variáveis condicionadoras foram posição medial, posição tônica e contexto seguinte [-voz]; e a de Lima (2017), na qual as vogais labiais foram apontadas como favorecedoras do

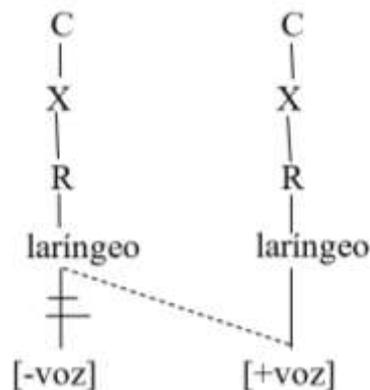
fenômeno. Logo, é evidente que não podemos atribuir a nenhum segmento vocálico específico a função de condicionador do processo de palatalização do /S/, ao contrário do que ocorre com a palatalização dos segmentos /k, t, d/, que está diretamente associada à coronal /i/.

Como exemplo dessas variantes, apontamos as produções: ['pɔs.tʃi], ['pɔʃ.tʃi], ['paʒ.mʊ], ['pazmʊ]. Fonologicamente, são transcritas como /poSte/ e /paSmo/. É notório que a troca da variante [s] pelo [ʃ] não provoca mudança de sentido, do mesmo modo que a substituição do [z] pelo [ʒ]. É oportuno destacar que o uso das variantes alveolares ou alveolopalatais é determinada pelo dialeto do falante. Essa alternância entre as variantes é explicada por Bisol (1994) como decorrência da presença do nó vocálico no arquifonema /S/, seja ele manifestado foneticamente como alveolar seja como palatal.

O /S/ em posição de coda é subespecificado para ponto e para voz, devido ao processo de neutralização que sofre nessa posição. Desse modo, defende Madruga (2018, p. 107) que: “O arquifonema fricativo /S/ neutraliza o contraste de ponto da fricativa em coda, cuja produção é sensível ao vozeamento da consoante seguinte.” Portanto, as alveolares e alveolopalatais implosivas assimilam o traço [+voz] do segmento seguinte. Por exemplo, o /S/ antes de /m/ assimila o traço [+voz], se manifestando foneticamente como um som vozeado, conforme observamos na palavra ['mezmo].

Com vistas a explicitar a assimilação de vozeamento pelo /S/ implosivo, recorreremos à representação proposta por Brescancini (1996).

Figura 10 – Representação da assimilação do traço voz



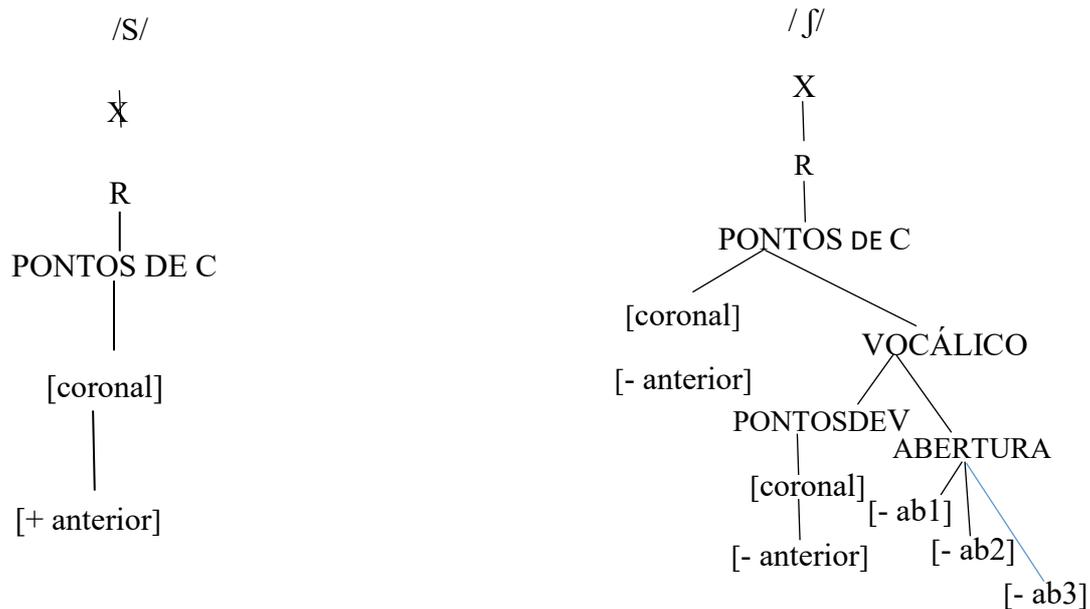
Fonte: Brescancini (1996, p. 204).

Como podemos perceber, o segmento seguinte espalha o traço [+voz] para o /S/, que pode ser tanto uma alveolar quanto uma alveolopalatal. Como consequência desse espalhamento, é realizado o desligamento e o apagamento do traço mais antigo, o [-voz]. Essas

ações, envolvendo o traço mais antigo, caracterizam uma dissimilação, conforme defende Clements e Hume (1995). É importante afirmar que a assimilação é responsável por tornar os segmentos que espriam os traços mais semelhantes com os que o recebem.

Desse modo, para representar a alternância entre as variantes, apoiamo-nos, mais uma vez, na geometria da alveolar /s/ e da alveolopalatal /ʃ/ ilustrada por Hernandorena (1994).

Figura 11 – Representação das fricativas /s, ʃ/



Fonte: Hernandorena (1994, p. 163).

É notório, nas geometrias das variantes, que a ausência do nó vocálico define a variante alveolar e a presença desse nó define a alveolopalatal. Fica nítido, ainda, com essa ilustração, que a vogal correspondente ao ponto de articulação secundário é a vogal *i*.

2.6.3 Processos fonológicos e princípios

Os sons de uma língua se relacionam constantemente. Então, em virtude desse contato, é comum que eles sofram modificações. Essas alterações são, na maioria das vezes, resultados de processos fonológicos. Dentre estes, salientamos que o processo de assimilação é um dos mais recorrentes, o qual é definido, na visão da Geometria de Traços, por Clements e Hume (1995, p. 20), como “[...] as regras de assimilação são caracterizadas como associação (ou ‘espraiamento’) de um traço ou nó F do segmento A para um segmento vizinho B”.

É possível entender com a afirmação dos autores que o compartilhamento de propriedades de um segmento para outro pode ocorrer em dois sentidos: o traço pode espraiair tanto para a direita como para a esquerda. Ademais, a assimilação nem sempre ocorre da mesma maneira, dado a possibilidade de espraio individual dos traços e de espraio coletivo de todos os traços que compõem um nó.

Além disso, o espraio de um traço para outro pode desenvolver duas funções: o preenchimento de traços e a mudança de traços. O fator determinante para uma ou outra ação é a presença ou ausência, no segmento alvo, do traço que é disparado. Conforme advogam Clements e Hume (1995), o preenchimento de traços dá-se por meio do espraio de traços para o segmento alvo que não dispõe do traço disparado. Um exemplo disso ocorre na palavra "tampa", em que a nasal /m/ espraia o traço nasal para a vogal /a/, que não possui esse traço.

Já a mudança de traços ocorre amparada pela presença do traço disparado no segmento alvo. Tal situação é explicada por Clements e Hume (1995): o modo mudança de traços é aplicado quando o segmento alvo possui o traço disparado, no qual o valor do traço do segmento alvo é substituído pelo valor do traço disparado. Em vista disso, evidenciamos a prevalência do valor do traço do segmento disparador.

Conforme já discutido, a assimilação é um processo que consiste no espraio de traços de um segmento para outro. Todavia, é possível ainda que esse fenômeno se realize por meio do espraio de um nó por inteiro. Com a palavra, Clements e Hume (1995, p. 21): “Se o nó de raiz se espraia, o segmento afetado adquirirá todos os traços do disparador. No modo de mudanças de traço, este resultado é frequentemente chamado de assimilação total ou completa.” A assimilação total somente é possível ao nó de raiz, e os traços que compõem esse nó não se espraio individualmente.

O espraio de nós não é exclusividade do nó de raiz; outros nós também podem se espraio. Contudo, nesses casos, não se trata de uma assimilação total, mas sim parcial. Conforme ressaltam Clements e Hume (1995), a assimilação parcial pode ocorrer com nós de classe de nível mais baixo na hierarquia, consistindo na assimilação de apenas alguns traços do segmento disparador. Diante do exposto, podemos presumir que a assimilação total é menos recorrente, devido ao fato de ser restrita ao nó de raiz, enquanto a assimilação parcial pode ocorrer com outros nós.

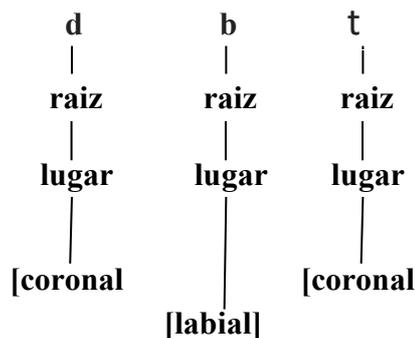
Além da assimilação total e parcial, ambas envolvendo os nós, há um terceiro tipo de assimilação. Esta ocorre somente com os traços terminais, assim denominada por Clements e

Hume (1995, p. 22) como "assimilação de traço único." Como exemplos de traços terminais, citamos os traços [anterior] e [distribuído].

É relevante enfatizar que o espriamento de traço(s) de um segmento para outro nem sempre ocorre de forma harmoniosa, dado que muitas vezes o contato entre o traço espriado e o traço do segmento alvo provoca um efeito negativo. Esse fenômeno recebe o nome de dissimilação, o qual é definido por Clements e Hume (1995) como o processo que consiste na falha de um segmento provocada pelo encontro entre o traço de dois segmentos adjacentes ou próximos. No entanto, o próprio processo dissimilatório prevê a maneira de corrigir a falha, a qual ocorre basicamente por meio de desligamento. Conforme explicitam Clements e Hume (1995, p. 25), “[...], a dissimilação pode ser expressa como um efeito de desligamento, de acordo com o qual um traço ou nó é desligado de um segmento; o nó órfão é, então, apagado por meio de uma convenção geral.” A asserção dos autores evidencia que a dissimilação apresenta um comportamento variável, dado a possibilidade de desligamento de um único traço como também de um nó completo.

As línguas são sistemas organizados e, para manter essa organização, dispõem de regras e princípios que contribuem tanto para a preservação de suas estruturas quanto para a manutenção da similaridade entre elas. Conforme salientam Clements e Hume (1995, p. 26), “elementos adjacentes idênticos são proibidos.” Para a manutenção dessa regra, é utilizado o Princípio do Contorno Obrigatório. Clements e Hume (1995) destacam que esse princípio se aplica ao contexto de dois traços ou nós idênticos que estejam em adjacência em uma dada camada peculiar. Quando ocorre a violação dessa regra, o Princípio do Contorno Obrigatório é acionado com o intuito de restabelecer a sequência de sons permitida nas línguas. Como exemplo de sucessão de segmentos que violam a regra supracitada, demonstramos a sequência /dbt/ do árabe clássico, exemplificada por Clements e Hume (1995).

Figura 12 – Representação da raiz /dbt/

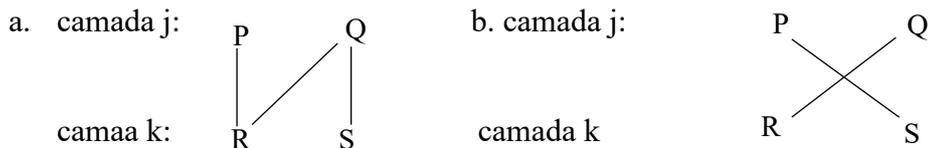


Fonte: Clements e Hume (1995, p. 27).

A violação da regra se estabelece nessa sequência por meio do traço coronal marcado em /d/ e /t/. É possível entender, com essa representação, que a adjacência de um segmento não significa necessariamente que um segmento deva suceder imediatamente ao outro. No exemplo em questão, há o segmento *b* entre os segmentos adjacentes /d, t/. Entretanto, o nó labial de *b* não está ordenado na mesma camada das coronais /d, t/. Situação que põe os segmentos coronais iniciais e finais da sequência em adjacência.

Além do Princípio do Contorno Obrigatório, existe outro bastante importante para a regulação das relações entre os segmentos. Trata-se do Princípio de Não Cruzamento de Linhas, sobre o qual explicam Clements e Hume (1995, p. 31): “Linhas de associação que ligam dois elementos na camada *j* a dois elementos na camada *k* não podem cruzar-se.” Conforme o estabelecido nesse princípio, não é possível que um segmento consonantal espraie traços para outro segmento também consonantal, havendo entre eles um segmento vocálico, visto que este possui um nó ponto de C, o qual seria cruzado nesse espraçamento, violando assim o princípio. Para explicitar melhor esse princípio, recorreremos à representação elaborada por Clements e Hume (1995), constante da figura 13.

Figura 13 – Representação de linhas de associação



Fonte: Clements e Hume (1995, p. 31).

O item *b* é uma representação da violação do Princípio de não cruzamento de linhas. Enquanto isso, o item *a* ilustra uma situação permitida, a qual pode ser vislumbrada por meio do espraçamento do traço nasal da consoante /m/ à vogal /a/ que o antecede, a exemplo do que ocorre nas palavras: *campo*, *bomba*, *samba*.

3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Neste capítulo, realizamos uma discussão acerca da Teoria da Variação. Ao mesmo tempo em que abordamos as pesquisas “A motivação social de uma mudança sonora” (1972) e “A estratificação social do (r) nas lojas de departamento de Nova York” (1972), ambas desenvolvidas por Labov, discorreremos sobre a variação linguística no Brasil, com ênfase em estudos sociolinguísticos basilares e em investigações mais recentes que compartilham do objeto desta pesquisa.

3.1 TEORIA DA VARIAÇÃO

Conforme destacam Cesário e Votre (2020, p. 146), “O termo ‘sociolinguística’ surge pela primeira vez na década de 1950, mas só se desenvolve como corrente nos Estados Unidos na década de 1960, especialmente com o trabalho de Labov [...]”. A Teoria Sociolinguística tem como seu fundador William Labov, sendo dele os primeiros estudos propriamente sociolinguísticos. Essa teoria também é denominada na literatura como Teoria da Variação.

Enquanto teorias anteriores à Teoria da Variação não se preocuparam em estudar a fala, esse é exatamente o foco desse modelo teórico. Segundo Alckmin (2017 [2001]), a Sociolinguística se ocupa de observar, descrever e analisar a língua falada no contexto social. A análise da língua falada nessas circunstâncias explicita o quão distinto é o comportamento linguístico dos falantes. Alckmin (2017 [2001]) defende a inseparabilidade entre língua e variação, ao mesmo tempo que reconhece que a Sociolinguística percebe a variabilidade como uma característica positiva e inerente ao fenômeno linguístico. Portanto, depreendemos da asserção da autora que a propagação dos estudos sociolinguísticos, além de promover a descrição dos dialetos, contribui para a formação de uma concepção positiva da variação linguística.

Para a Sociolinguística, não existe comunidade de fala homogênea. Logo, em todas elas, seus falantes produzem variantes. Conforme menciona Labov (2008 [1972]), a variação linguística nas comunidades de fala é comprovada por meio de pesquisas, de modo que se deve questionar a existência de comunidade de fala que não seja heterogênea. Para o autor, toda comunidade de fala é heterogênea, fundamentando sua afirmação nos dados de fala que, quando adotados como objetos de investigação, comprovam a presença da variação linguística nas comunidades de fala.

É relevante destacar que a Sociolinguística parte da concepção de que os fatores sociais estão diretamente ligados ao comportamento linguístico do falante. Conforme declara Labov (2008 [1972], p. 21), “[...] as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum modo remoto no passado, mas como uma força imanente agindo no presente vivo.” Para compreender a variação linguística em quaisquer dos seus níveis, faz-se necessário o estudo da fala no contexto social. Esse mecanismo viabiliza a constatação da variabilidade linguística, ao mesmo tempo que permite identificar a interferência dos fatores sociais nessa diversidade.

Muitas razões podem desencadear um estudo sociolinguístico, inclusive o desempenho escolar de algumas crianças. De acordo com Bortoni- Ricardo (2014, p. 12): “Na sua infância, a pesquisa sociolinguística foi motivada pela constatação de que crianças oriundas de grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho escolar muito inferior ao das crianças provenientes de classe média e de classe alta.”

Essa discrepância de rendimento entre as crianças de diferentes classes sociais, com resultados superiores das crianças das classes mais privilegiadas, pode estar relacionada ao grau de formação escolar das pessoas com as quais elas convivem em seu cotidiano. Comumente, as famílias de baixa renda possuem uma baixa escolaridade. Esses fatores interferem diretamente no comportamento linguístico delas e, conseqüentemente, das crianças com as quais convivem, visto que estas tendem a replicar a variedade linguística predominante em seu meio. Dado que o ensino, de forma geral, é mediado pela língua, as dificuldades com a aprendizagem linguística podem acarretar dificuldades nas outras áreas do conhecimento.

Quando a criança da classe minoritária adentra as instituições formais de educação, depara-se com o ensino da norma padrão, que é muito mais distante das realidades linguísticas dessas crianças do que das crianças oriundas das classes sociais mais privilegiadas. As últimas convivem cotidianamente com pessoas com alta formação escolar e, por esse motivo, falam uma variedade linguística mais próxima da ensinada nas escolas. Essa cadeia de fatos ilustra a atuação dos fatores sociais no comportamento linguístico dos falantes.

A Sociolinguística tem seu percurso baseado em princípios, sobre os quais afirma Bortoni-Ricardo (2014). A Sociolinguística se desenvolveu pautada nos princípios do relativismo cultural e da heterogeneidade linguística inerente e sistemática. O primeiro deve ser visto como uma ferramenta de combate ao preconceito linguístico, que vitimiza com maior frequência os membros das classes de menor prestígio social. O segundo concebe todas as línguas como heterogêneas, ou seja, repletas de variações, ressaltando que essa heterogeneidade

não está relacionada à desorganização. Para Bortoni-Ricardo (2014), de acordo com o relativismo cultural, todas as línguas e variedades de línguas usadas na comunidade de fala são igualmente importantes.

Pontuamos que há um distanciamento entre os estudos sociolinguísticos propostos por Labov (2008 [1972]) e os estudos de outras correntes teóricas, como o Estruturalismo e o Gerativismo, ambas bastante difundidas no meio linguístico. Esse distanciamento não é gerado por divergência quanto à concepção da língua como um fato social, mas sim pela maneira com que cada corrente teórica lida com essa característica. Nessa perspectiva, advoga Labov (2008 [1972]) que a língua é considerada um fato social por todos os linguistas; todavia, a maneira como eles destacam essa característica é muito distinta. Para o autor, a língua deve ser compreendida como um objeto heterogêneo, usado por uma comunidade também heterogênea, que a utiliza de maneira diversificada, o que faz da língua algo passível de transformações, e essas são provocadas pelo uso peculiar da língua em uma sociedade estratificada.

Sublinhamos que a concepção de língua proposta pela Sociolinguística rompe com a concepção de língua homogênea desenvolvida pelo Estruturalismo de Saussure (2012 [1916]) e pelo Gerativismo de Chomsky (1968). Consoante Faraco (2005, p. 112):

A teoria variacionista assume a heterogeneidade sincrônica das línguas como sistemática e primordial, pressupõe o enraizamento da questão histórica nessa heterogeneidade, defende a necessidade de correlacionar língua e contexto social e busca sustentar suas hipóteses em amplos levantamentos de dados empíricos da comunidade de fala [...].

Entendemos que a heterogeneidade sincrônica das línguas, ressaltada por Faraco, é decorrente do processo de construção e reconstrução da língua que se efetiva por meio de seu uso na comunidade de fala a todo instante. Isso ocorre porque a língua não é um produto acabado, mas sim um processo em pleno desenvolvimento, cujos agentes são os falantes que a produzem constantemente em seu cotidiano, seja de maneira informal ou formal.

Os estudos sociolinguísticos têm como principal objetivo analisar e descrever a variabilidade do fenômeno linguístico. Nas línguas, é possível expressar a mesma ideia por meio de palavras diferentes e também pronunciar o mesmo vocábulo de forma distinta. Um exemplo disso ocorre no português brasileiro, com as palavras *abóbora* e *jerimum*, que são usadas em regiões diferentes do país para nomear o mesmo alimento. Todavia, a variação não se restringe ao nível lexical, ela também atua no nível fonético-fonológico. Um exemplo disso

ocorre nas produções *ra[s]pa* e *ra[ʃ]pa*, nas quais o /S/, em posição de coda, pode se manifestar como um segmento alveolar ou alveolopalatal.

A definição de uma variável ocorre de forma sistemática. Segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107), “Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que ‘frequentemente’, ‘ocasionalmente’ ou ‘às vezes’ se aplicam.” Esses autores evidenciam que, para uma pronúncia ser considerada variável em uma língua, é necessário que sua utilização esteja condicionada por fatores bem definidos; esse condicionamento é o que garante seu pertencimento à estrutura linguística. Acrescentamos ainda que o condicionamento é um dos responsáveis por manter a organização das línguas.

Essas variedades de expressão são denominadas pela Teoria da Variação como variantes linguísticas, sobre as quais Labov declara (2008 [1972], p. 221): “É comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa. Algumas palavras, como carro e automóvel, parecem ter o mesmo referente; outras têm duas pronúncias, como cantando e cantano.” O falante pode utilizar qualquer uma das variantes que constituem uma variável, tendo em vista que elas compartilham o mesmo significado e, desse modo, transmitem a mesma ideia.

Contudo, é preciso reconhecer que nem todas as variantes possuem a mesma apreciação social. Nesse sentido, esclarece Labov (2008, [1972], p. 313) que “As variantes são idênticas em valor de verdade ou referencial, mas se opõem em sua significação social e/ou estilística.” Podemos concluir, com a afirmação de Labov, que, por mais que as variantes sejam capazes de realizar a função comunicativa, elas são percebidas de forma distinta pela sociedade. A apreciação que o falante faz da variante, na maioria das vezes, é determinante para sua utilização em contextos mais ou menos formais.

As variantes que expressam a mesma ideia constituem uma variável linguística, e para cada variável há, no mínimo, duas variantes concorrentes. Tarallo (2007 [1985]) aponta, como exemplo de variável, a marcação do plural no sintagma nominal, o qual é constituído por um substantivo como núcleo obrigatório, modificado por determinantes e adjetivos.

Para essa variável linguística, existem duas variantes possíveis: uma que mostra a marcação do plural nos três elementos do sintagma nominal e outra que a expressa em apenas um ou dois desses elementos. A situação é representada, respectivamente, pelos exemplos: *as roupas estão sujas* e *as roupa está suja*.

A seleção de uma variante por um falante não é casual; pelo contrário, há uma série de fatores que condicionam sua utilização. A respeito desse condicionamento, advoga Mollica (2021 [2003]) que uma variável é dependente pelo fato de que a escolha de qual das variantes empregar é controlada; esse controle é exercido por variáveis independentes, que podem ser de natureza linguística ou extralinguística. Para evidenciar a relação de uma variável dependente com uma independente, expomos um resultado da pesquisa realizada por Hora (2016): “A consoante dental surda /t/ no contexto seguinte é uma forte condicionadora da palatalização do [ʃ], com índice 0,81 de correlação positiva.” Dessa maneira, concluímos que a realização do [ʃ] não é aleatória, mas condicionada pela variável independente do contexto seguinte constituído pelo segmento /t/. Neste caso específico, a variável independente que se sobressai como condicionadora da palatalização do /s/ é de natureza linguística.

Os fatores linguísticos e extralinguísticos atuam no favorecimento ou desfavorecimento de uma variante, mantendo uma determinada conexão. No que concerne a essa relação, defende Mollica (2021 [2003]), as variáveis linguísticas e extralinguísticas correlacionam-se, exercendo, desse modo, o papel de inibidor ou favorecedor ao uso das variantes que compartilham o mesmo significado. Na verdade, esses são alguns dos grandes desafios dos estudos variacionistas: identificar, mensurar e descrever a relação dessas variáveis com a produção de uma variante.

Todavia, esse tipo de correlação já vem sendo percebida em alguns estudos na área. Como exemplo, citamos Oliveira (2018), que investigou os processos fonéticos/fonológicos da palatalização progressiva das oclusivas alveolares com a fricativa /s/ em contexto anterior. No estudo, Oliveira (2018, p. 636) identificou que “a interação entre idade e escolaridade interfere nos efeitos da palatalização das oclusivas alveolares e revela que, dependendo da idade do falante, sua sensibilidade é alterada em relação à escolaridade [...]”. Com esse resultado, é nítido que os fatores se imbricam no favorecimento e desfavorecimento de uma variante.

Com vistas a evidenciar a relação entre variação e fatores não linguísticos, contamos com o suporte de Tarallo (2007 [1985]). Os pronomes de tratamento "você", "o senhor", "a senhora" se encontram em variação, a qual é geralmente influenciada pelo gênero do participante. O sexo do informante tem se revelado, em muitas pesquisas sociolinguísticas, como capaz de favorecer ou desfavorecer o uso de uma variante. Entretanto, é importante pontuar que nem sempre essa variável se destaca como relevante. As variáveis extralinguísticas influenciam as variações e mudanças pelas quais a língua passa; contudo, a influência dos fatores sociais não se dá de forma igual, visto que algumas variantes sofrem mais influência de

alguns fatores do que de outros. Os resultados aqui relatados explicitam que os fatores sociais exercem influência na variação linguística, porém é importante enfatizar que nem todas as variantes são condicionadas pelos mesmos fatores extralinguísticos.

Algumas variáveis extralinguísticas se destacaram em muitas pesquisas sociolinguísticas, demonstrando seu papel de influenciar o favorecimento da realização de uma variante. Nesse sentido, afirma Mollica (2021 [2003]) que muitas pesquisas concluíram que as variáveis extralinguísticas sexo, idade, escolaridade, classe social, assim como outras da mesma natureza, se correlacionam de modo a favorecer processos linguísticos que ocorrem tanto na fala quanto na escrita. A confirmação da constatação de Mollica, quanto à correlação dessas variáveis, é algo fácil de perceber; basta, para tanto, que realizemos um levantamento de pesquisas na área da Teoria da Variação para corroborar essa realidade.

No que se refere à variável faixa etária, é notório que ela, além de influenciar a variação linguística, desempenha ainda importantes papéis na análise da mudança linguística, os quais se estendem da identificação da mudança ao reconhecimento dos estágios nos quais ela se encontra. No que concerne à identificação da mudança linguística, Labov (2008 [1972]) afirma que é fácil perceber as mudanças linguísticas por meio da análise de dados de fala de faixas etárias que se sucedem. As faixas etárias são aqui compreendidas como grupos de falantes que possuem perfis sociais comparáveis e que representam fases no desenvolvimento da mesma comunidade de fala. O autor explicita que os membros de uma mesma geração tendem a produzir a língua de forma semelhante entre si, porém distinta de uma geração para outra.

Desse modo, o estágio de propagação de uma variante é percebido pelo número de produções que cada faixa etária realiza. Conforme esclarece Labov (2008 [1972], p. 336): “Enquanto ela está se desenvolvendo e se expandindo, ainda se pode ver o padrão em pirâmide através das diversas faixas etárias, com os valores mais altos nos falantes mais jovens.” Com as palavras de Labov, é possível compreender que a diminuição gradativa da produção da variante com a mudança crescente da faixa etária evidencia que essa variante está em processo de propagação na comunidade de fala.

Ademais, a faixa etária atua também como indicativo de estabilidade das variantes. Consoante Tarallo (2007), a estabilidade se estabelece pela falta de correlação entre faixa etária e regra variável. Portanto, diante do explicitado em linhas anteriores, sublinhamos que a faixa etária contribui para a identificação de variantes em propagação e estáveis, bem como para a constatação de uma mudança em progresso. Esses papéis justificam o fato de inúmeras pesquisas sociolinguísticas utilizarem a faixa etária como variável independente.

Frisamos que a variável sexo também tem se revelado capaz de influenciar as escolhas linguísticas. Conforme destaca Labov (2008, p. 346), “Caso após caso, descobrimos que as mulheres usam as formas mais avançadas em sua própria fala informal e se corrigem mais nitidamente no outro extremo da fala monitorada.”

O autor, ao observar estudos variacionistas, percebeu que, em vários deles, as mulheres adotavam as mudanças linguísticas mais rapidamente do que os homens. Entretanto, o próprio Labov (2008 [1972]), fundamentando-se nos resultados de sua pesquisa de mestrado, declara que não se pode afirmar que o curso da mudança linguística é sempre liderado pelas mulheres, tendo em vista que já se comprovou que nem sempre elas estão à frente dessas mudanças. A centralização de /ay/ e /aw/ em Martha’s Vineyard é um exemplo de que os homens também se destacam como os maiores responsáveis pela realização de variantes inovadoras.

Portanto, ainda que as mulheres tenham assumido a liderança na propagação de muitas inovações linguísticas, esse fenômeno não chega a ser uma unanimidade, o que impede afirmar que o gênero feminino é, hoje, o que mais favorece o processo de variação e mudança linguística.

Labov acredita que a diferença entre a fala de falantes do sexo masculino e de falantes do sexo feminino é consequência da junção de três fatores. Nesse sentido, Labov (2008 [1972] p. 348-349) assim explica:

A diferenciação sexual dos falantes não é, portanto, somente um produto de fatores físicos, ou de diferentes quantidades de informação referencial fornecida, mas, sim, uma postura expressa que é socialmente mais apropriada para um sexo do que para outro.

Compreendemos com Labov que, dentre os fatores apontados como responsáveis por estabelecer comportamento linguístico distinto entre homens e mulheres, somente um não possui relação direta com fatores externos, dado que a quantidade de informação a qual o falante recebe e a postura que ele adota são aspectos que estão diretamente associados à fatores extralinguísticos.

A interferência de fatores sociais no comportamento linguístico do falante é facilmente percebida em situações cotidianas. Basta compararmos a fala de um gaúcho com a de um pernambucano, a de um membro da classe média alta com a de um membro da classe proletária, a de um jovem de 18 anos com a de uma pessoa de sessenta anos ou mais, a de uma pessoa com formação superior com a de um analfabeto ou alguém com o Ensino Fundamental. Portanto, a

distinção de comportamentos linguísticos entre falantes com perfis sociais distintos confirma a influência dos fatores sociais na variação e mudança linguística.

Contudo, é necessário que o pesquisador tome consciência de que as variáveis extralinguísticas podem se comportar de maneira distinta em relação aos fenômenos linguísticos variados e até mesmo diante do mesmo fenômeno em comunidades de fala diversas. Sobre a atuação dessas variáveis, ressalta Mollica (2021) que não é possível afirmar que as variáveis sociais atuam de maneira padronizada, permitindo estabelecer uma relação entre o alto grau de escolaridade e o comportamento linguístico culto, ou o gênero como indicativo do conservadorismo da norma culta.

Não é raro encontrar pesquisas com o mesmo objeto que chegaram a conclusões diferentes sobre a atuação de uma mesma variável na realização de um fenômeno. Pode ocorrer que, em uma comunidade de fala, a variável escolaridade se mostre favorável à ocorrência do fenômeno e, em outra, se revele desfavorável ou até mesmo irrelevante.

É importante ressaltar que a língua pode tanto variar de uma comunidade de fala para outra quanto apresentar variantes em uma mesma comunidade de fala. Em outras palavras, em um mesmo espaço geográfico, as variantes podem coexistir, como é o caso das variantes "nós" e "a gente", que coexistem em várias comunidades de fala brasileiras. Adotamos como definição de comunidade de fala a descrita por Labov (2008 [1972], p. 150):

A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, **mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas**; essas normas podem ser observadas em tipo de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso. (grifo nosso).

Neste ponto, Labov (2008 [1972]) defende que as normas compartilhadas pelos falantes de uma comunidade de fala são evidenciadas quando o falante age de forma divergente dos demais. Nesse momento, os que continuam agindo de acordo com os conjuntos de normas compartilhadas quase que de forma espontânea realizam uma avaliação do comportamento linguístico que destoou do habitual. Caso essa desobediência surja em uma classe de menor prestígio social, a avaliação, na maioria das vezes, será negativa, uma vez que o julgamento do comportamento linguístico é, na verdade, o julgamento social do falante, que será negativo ou positivo dependendo da classe de quem está desobedecendo a norma. A rigor, a variante originada na classe dominante é julgada positivamente, ao contrário do que acontece quando a variante tem origem nas classes de menor prestígio social.

Um aspecto relevante a ser mencionado é que o surgimento de uma nova variante não significa, necessariamente, que desencadeie uma mudança linguística, tampouco podemos afirmar quanto tempo leva para uma mudança ocorrer. Explicitamente, como registra Mollica (2021 [2003], p. 11), “As variantes podem permanecer estáveis no sistema (as mesmas formas continuam se alternando) durante um período de tempo ou por séculos, ou podem sofrer mudança, uma das formas desaparece.” Muitas variantes se encontram em situação de estabilidade no português brasileiro, entre as quais destacamos as fricativas alveolares e alveolopalatais em posição de coda. As variantes "homem" e "home" (Mollica, 2021 [2003]) são mais um exemplo de variantes que adquiriram estabilidade no idioma. Corroborando com Mollica (2021 [2003]), Faraco (2005) ressalta que comumente as variantes coexistem por um longo período em uma língua e, com o passar do tempo, como consequência de uma luta entre elas, uma desaparece e a outra é implementada de maneira hegemônica no sistema linguístico.

Diante do exposto, compreendemos que a mudança linguística não ocorre de forma rápida; quase sempre é um processo lento. Ademais, acreditamos que as variantes podem compartilhar espaço com outras, sem que nunca uma domine a comunidade de fala como um todo. Logo, podemos afirmar que o futuro das variantes é incerto.

Registramos que o contexto de fala influencia na escolha da variante pelo falante. Aliás, os falantes não se limitam ao uso exclusivo de uma ou outra variante. Consoante Faraco (2005, p. 185), “[...] o uso de cada variante não é homogêneo: o mesmo falante usa ora uma, ora outra, dependendo do contexto de fala em que se encontra (mais formal, menos formal; espontâneo, não espontâneo).” Depreendemos com a fala do autor que o falante não está atrelado a nenhuma variante específica, de modo que a alternância entre elas é determinada pelo fluxo de contexto ao qual o falante se expõe. Logo, alguns falantes podem alternar mais que outros, dependendo do seu estilo de vida.

É válido frisar que os falantes, de modo geral, realizam o monitoramento de sua fala, o qual pode ocorrer em níveis diferentes. Por esse motivo, um mesmo participante tende a apresentar um comportamento linguístico com graus de formalidade distintos. Para Labov (2008 [1972]), todo falante possui mais de um estilo. Alguns alternam mais de estilo que outros; entretanto, todos eles comutam variáveis linguísticas à medida que ocorre a mudança de contexto social e de tema.

Labov aponta duas causas para a alternância de estilo dos falantes. Na primeira delas, presumimos que há a necessidade de alternância de espaço físico, por exemplo, mudança do contexto familiar para o de trabalho, diversão ou estudos. Já quanto à segunda, acreditamos que

a alternância pode facilmente ocorrer no interior de um mesmo ambiente físico e até mesmo durante a mesma conversa.

Labov (2008 [1972]) defende que todos os falantes possuem em comum o fato de serem dotados de mais de um estilo de fala; entretanto, eles se diferenciam em outros aspectos. Nesse sentido, o autor declara que as comunidades de fala são constituídas por falantes que possuem níveis de consciência diferentes quanto ao prestígio das variantes. Os que possuem mais consciência desse prestígio tendem a pautar seu comportamento linguístico nos padrões externos de excelência, alternando de estilo com mais frequência do que os outros falantes, que não se influenciam tão fortemente por esses padrões. Portanto, essas características dos falantes apontadas por Labov podem ser assumidas como explicação para o fato de que alguns falantes monitoram mais a fala do que outros.

Outrossim, é válido sublinhar que as variações linguísticas não são consequências da atuação de um único fenômeno linguístico; pelo contrário, vários processos contribuem para que estas variações ocorram. Como menciona Labov (2008 [1972]), os processos fonológicos de assimilação, acomodação, analogia, fusão, contaminação, bem como outros nos quais haja interação das características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo, são responsáveis por promover variações linguísticas.

A palatalização do /t/ e /d/ é um exemplo de variação linguística que é provocada por assimilação. Neste caso, temos assimilação do ponto de articulação de um segmento adjacente, que quase sempre é a vogal alta /i/.

As variáveis linguísticas possuem propriedades distintas, e essas características diferentes são responsáveis por torná-las mais ou menos úteis. Labov (2008 [1972], p. 25), em seus estudos sociolinguísticos, identificou as três propriedades mais úteis de uma variável, a saber:

Primeiro, queremos um item que seja frequente, que ocorra tão reiteradamente no curso da conversação natural espontânea que seu comportamento possa ser mapeado a partir de contextos não estruturados e de entrevistas curtas. Segundo, deve ser estrutural: quanto mais integrado o item estiver num sistema mais amplo de unidades funcionais, maior será o interesse linguístico do nosso estudo. Terceiro, a distribuição do traço deve ser altamente estratificada: ou seja, nossas explorações preliminares devem sugerir uma distribuição assimétrica, um amplo espectro de faixas etárias ou outros estratos ordenados da sociedade.

Evidenciamos, com as palavras do autor, que a frequência e a espontaneidade com que a variante é produzida são fatores que contribuem para sua utilidade. Compreendemos, ainda, que quanto maior for o nível de integração dessa variável ao sistema, maior será o interesse em

tê-la como objeto de estudo. Somam-se a esses aspectos a importância do conhecimento prévio do pesquisador em relação ao uso estratificado da variável pela comunidade.

A heterogeneidade linguística é percebida empiricamente e já foi, e continua sendo comprovada cientificamente por meio de inúmeras pesquisas. Entretanto, é válido mencionar que há muitos aspectos na língua que não variam. Os aspectos invariáveis e variáveis se apresentam, respectivamente, como regras que sempre se aplicam e regras que às vezes se aplicam. Labov (2003) defende a existência de três tipos de regras: categóricas, que nunca são violadas, ou seja, ocorrem 100% da mesma maneira; semicategóricas, que apresentam uma variação discreta, visto que ocorrem de 95-99% sem variação; e variáveis, que ocorrem com variação entre 5-95%. Compreendemos que a classificação das regras considera a frequência com que elas são violadas. Dizemos, assim, que os estudos sociolinguísticos se dedicam ao estudo das regras variáveis, o que não despreza o entendimento das regras categóricas.

Corroborando a ideia de Labov, Coelho *et al.* (2021, p. 59) advogam: “[...] a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis, condicionadas por fatores tanto do contexto linguístico quanto do extralinguístico.” Evidenciamos com as falas de Labov e Coelho que a heterogeneidade linguística não significa variabilidade total da língua; em outros termos, alguns aspectos variam enquanto outros permanecem inalterados no sistema.

Em virtude de serem autorias de Labov, uma amostra das primeiras pesquisas na área da sociolinguística que mais se destacaram e serviram de suporte teórico e metodológico para muitos estudos subsequentes encontra-se discutida na subseção seguinte.

3.1.1 Estudos sociolinguísticos labovianos

A variação linguística no nível fonético-fonológico tem sido alvo de muitas pesquisas sociolinguísticas. Alguns dos primeiros estudos nessa área se debruçaram sobre as variações linguísticas nesse nível. Entre eles, destacam-se as pesquisas realizadas por Labov em 1962 e 1966.

3.1.2 A motivação social de uma mudança sonora

No estudo realizado por Labov, em sua dissertação de mestrado (1962), o autor elegeu como objeto a variação sonora das vogais dos ditongos /aw/ e /ay/. A comunidade de fala

escolhida foi a Ilha de Marthas Vineyard, no estado de Massachussetts, Estados Unidos. Os resultados da pesquisa foram comparados com os registros de *Linguistic Atlas of New England*. Os informantes totalizaram 69, todos falantes nativos da ilha. Para coletar a fala de seus informantes, Labov utilizou observações em situações espontâneas e entrevistas formais.

Labov conclui que a centralização do ditongo /aw/ ocorre com maior frequência do que no ditongo /ay/ e constata que as consoantes subsequentes favoráveis ao processo são: obstruintes, orais, surdas, apicais e oclusivas; que a tonicidade favorece o processo; e que a palavra *sliding* é um dos itens lexicais que registra o maior número de centralizações.

Os resultados revelaram, ainda, que a faixa etária responsável pela maior proporção de centralização do ditongo é constituída pelo grupo de 31-45 anos e que os pescadores foram os profissionais que se destacaram como os que mais realizaram o processo em voga. Os ingleses compõem o grupo étnico que mais centralizou os ditongos.

Com relação à avaliação da mudança sonora dos ditongos pesquisados, Labov (2008, p. 60) destaca: “Observou-se que os ditongos centralizados não se destacam na consciência dos falantes Vineyardenses.” Compreendemos, com a afirmação do autor, que o uso dessas variantes ocorre de forma espontânea; em outras palavras, esses falantes não as realizam de maneira intencional. Por conseguinte, podemos presumir que essas produções não possuem relação com o prestígio dessas variantes na comunidade de fala.

3.1.3 A estratificação social do (r) nas lojas de departamento de Nova York

A estratificação do /r/ nas lojas de departamento na cidade de Nova York foi outra pesquisa realizada por Labov (2008 [1972]), com o objetivo de analisar o uso do /r/ em posição final de sílaba. As três lojas selecionadas foram Saks da 5ª Avenida, Macy's e S. Klein. Essas lojas possuíam status sociais distintos, que iam do nível baixo ao mais alto. Essa diferença de status era facilmente visualizada pela localização geográfica delas: a loja Saks da 5ª Avenida possuía um status superior, a Macy's tinha um status médio e a S. Klein, um status baixo.

Nesta pesquisa, para a coleta de dados, foi utilizada a seguinte estratégia: o entrevistador se passava por um cliente comum e fazia uma pergunta cuja resposta seria *fourth floor* (quarto andar); assim, a fala foi coletada de forma anônima. Com a intenção de provocar mais uma vez a resposta do entrevistado, desta vez de forma mais enfática, o entrevistador simulava não ter entendido a resposta para que o entrevistado a repetisse. A resposta era anotada sem que o

vendedor percebesse. Ao todo, Labov coletou 68 entrevistas. As variáveis incluídas nesse estudo foram as que seguem, segundo Labov (2008 [1972], p. 70):

- a loja
- o andar da loja
- sexo
- idade (estimada em unidades de cinco anos)
- cargo (encarregado[a], de seção, vendedor[a], a caixa, repositor[a])
- raça
- sotaque estrangeiro ou regional (no caso de haver);

A variável dependente é o uso do (r) em quatro ocorrências:

- casual: *fourth floor*
- enfático: *fourth floor*

Neste estudo, Labov conclui que a classe de mais alto status, representada pela loja Saks, faz mais uso do segmento /r/, atingindo uma porcentagem de 62% de aplicação. Em seguida, como segundo grupo que mais aplica o segmento, estão os informantes da loja Macy's, de status médio, com 51% de aplicação. O grupo que menos aplica o segmento é constituído pelos informantes da S. Klein, de classe mais baixa, com registro de apenas 21%. Com base nesses resultados, é possível afirmar que o uso de /r/ é uma variante de prestígio, dado que sua maior aplicação ocorre no grupo de status mais alto e a menor no grupo de status mais baixo. O autor aponta a raça negra como possível fator que tenha interferido nesse resultado, uma vez que o número de negros é maior na classe de baixo status e menor na classe de maior status.

Quanto à metodologia utilizada na pesquisa, Labov considerou que alguns aspectos não foram positivos, como a quantidade de dados, o método de registro desses dados, bem como a ausência de informações sociais dos participantes da pesquisa. Todavia, para ele, as entrevistas anônimas podem ser consideradas capazes de fornecer informações sobre o uso social da língua.

A discussão acerca da metodologia sociolinguística se faz relevante em uma pesquisa dessa natureza. Logo, esse tópico constituirá a pauta da seção seguinte.

3.2 METODOLOGIA SOCIOLINGUÍSTICA

A pesquisa sociolinguística realiza a quantificação dos fenômenos linguísticos encontrados nos dados de fala pesquisados. Para tanto, desenvolveu uma metodologia de pesquisa bastante inovadora. Esse caráter inovador se justifica pelo uso de programas

computacionais no tratamento estatístico dos dados de fala. Para Cesário e Votre (2020), a Teoria da Variação possui uma metodologia específica que fornece ao pesquisador ferramentas capazes de estabelecer variáveis, coletar e codificar dados, bem como recursos computacionais para especificar e analisar o fenômeno variável adotado como objeto de estudo. Sem o uso de programas computacionais como *Varbrul*, *Goldvarb X* e outros que desempenham a mesma função, seria impossível realizar pesquisas sociolinguísticas, visto que o peso relativo, indispensável para a análise estatística dos dados, é calculado por meio desses programas.

Os pesos relativos calculados devem ser interpretados com base em regras específicas estabelecidas pelo modelo quantitativo adotado na pesquisa. Sobre o modelo logístico, conforme declara Naro (2021 [2003], p. 24), “[...] os pesos calculados de acordo com o modelo logístico costumam ser interpretados como favoráveis à aplicação da regra, se forem superiores a 0,5; como inibidores, se forem inferiores a 0,5; e como neutros, se forem iguais a 0,5.” É importante destacar que uma variante pode atingir um alto percentual de aplicação em um contexto, como, por exemplo, 75%, e, mesmo assim, esse fator pode não ser considerado favorável à realização da variante, visto que o favorecimento ou desfavorecimento é determinado pelo peso relativo de acordo com os parâmetros explicitados por Naro (2021 [2003]).

Salientamos que a pesquisa sociolinguística recorre constantemente ao uso da entrevista como instrumento de coleta de dados. Labov (2008 [1972]), em sua teoria, chama a atenção para a relevância da entrevista como instrumento de coleta de dados de fala da comunidade. Sobre a qual advoga Labov (2008 [1972], p. 63) que “O método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis de fala é a entrevista individual gravada.” Presumimos que a confiabilidade desse instrumento reside no fato de que a fala é coletada de forma direta pelo pesquisador, sem interferência de terceiros, o que potencializa a qualidade do som. Ademais, a gravação permite ao pesquisador ouvir as falas sempre que julgar necessário.

Enfatizamos que, apesar da eficiência desse instrumento, é necessário que o pesquisador tenha consciência do tipo de fala mais propícia a ser coletada por meio da entrevista, a qual é definida por Labov (2008 [1972], p. 63) como “[...] fala pública monitorada e controlada em resposta à presença de um observador externo.” Essa influência da presença do pesquisador no grau de monitoramento da fala do entrevistado é o que Labov denominou de paradoxo do observador. Este dificulta que o falante produza o vernáculo durante a entrevista. Entretanto, a fala que mais interessa às pesquisas sociolinguísticas é a fala vernacular. Como explica Labov (2008 [1972], p. 244), “‘vernáculo’ – o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao

monitoramento da fala.” O monitoramento da fala é quase sempre influenciado pelo contexto, uma vez que, para cada um, há um nível de monitoramento distinto. A situação da entrevista se configura como uma circunstância que induz a um grau de monitoramento elevado.

Diante dessa realidade, Labov buscou maneiras de coletar a fala vernacular ou uma que mais se aproxime desta, em outras palavras, uma fala com baixo grau de monitoramento. Para Labov (2008 [1972], p. 63), “Outro modo é observar o uso público da língua na vida diária fora de qualquer situação de entrevista – para ver como as pessoas usam a língua em contexto quando não existe observação explícita.” Compreendemos com a fala do autor que, nessa circunstância, o paradoxo do observador é anulado e também que essa observação é feita de forma anônima; em outros termos, não há a presença da figura do entrevistador influenciando o comportamento linguístico do falante. No entanto, não nos arriscamos a afirmar que, por meio da observação anônima, conseguiremos uma fala sem nenhum grau de monitoramento, uma vez que o monitoramento é influenciado por muitos fatores, inclusive pelo contexto de uso e não somente pela presença do pesquisador.

Para ilustrar a afirmação supracitada, refletimos sobre a diferença entre a amostra de fala coletada em um ambiente acadêmico e a coletada em uma partida de futebol. Podemos afirmar que o meio acadêmico induz a um maior monitoramento da fala do que o contexto esportivo; logo, entre essas duas amostras de fala, a que mais se aproxima da fala casual é a coletada na partida de futebol.

As condições de uso representam fator determinante na maneira em que o falante utiliza a língua. Mesmo consciente desse cenário de influência, Labov (2008 [1972], p. 244) defende que:

Não importa que outros métodos possam ser usados para obter a amostra de fala (sessões em grupo, observação anônima), a única maneira de obter dados de fala em quantidade suficiente é mediante à entrevista individual gravada, ou seja, por meio do tipo mais óbvio de observação sistemática.

O autor concebe a entrevista como o instrumento mais eficiente do qual dispõe a Sociolinguística. Todavia, não ignora a necessidade de superar o paradoxo do observador. Para tanto, Labov (2008 [1972]) aponta vários procedimentos que precisam ser adotados pelo pesquisador na tentativa de coletar amostras do vernáculo: romper com o constrangimento gerado pela situação de entrevista, por meio da utilização de pausas durante a entrevista, bem como utilizar perguntas cujas respostas envolvam grande emoção, como risco de morte, que é sempre um tema que gera bons resultados.

É possível perceber que alguns instrumentos são mais propensos à coleta da fala monitorada que outros; é perceptível também que esse tipo de fala pode apresentar níveis diferentes de formalidade. Conforme explicita Labov (2008 [1972], p. 247), “Um texto de leitura fluente, concentrado no vernáculo ou em temas adolescentes, proporcionará uma fala muito menos formal do que os textos formais ou as listas de palavras isoladas.” Comprovamos, com Labov, que o tema do texto é capaz de interferir no nível de formalidade da fala coletada, bem como a leitura de palavras soltas propicia o surgimento da fala com alto nível de formalidade, a qual supera a leitura de textos, seja ele de tema formal ou informal.

O estudo que aqui apresentamos adotou como objeto variantes do português brasileiro, realidade que evoca uma discussão sobre a variação linguística no Brasil. Dessarte, colocamos essa temática em discussão na seção subsequente.

3.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO BRASIL

O português brasileiro já foi considerado homogêneo. O que mais desperta atenção nesse fato é que essa concepção não se restringia aos leigos. É oportuno salientar que muitos estudiosos já voltaram sua atenção para essa temática, dentre eles Ilari e Basso (2011 [2006], p. 151), que afirmam: “Já se disse várias vezes que o português do Brasil é uma língua uniforme. Sua uniformidade foi afirmada e elogiada por pessoas de diferentes formações — escritores, historiadores e linguistas.” Consideramos que essa uniformidade não condiz com a realidade do português falado no Brasil. O idioma apresenta muitas variações, sobretudo na oralidade, que são facilmente detectáveis nas mais variadas situações de fala.

Ao mesmo tempo, reconhecemos que a avaliação positiva da homogeneidade linguística por pessoas de destaque na sociedade tende a influenciar os falantes em geral a perceberem a homogeneidade como uma característica positiva da língua e a heterogeneidade como negativa.

Sublinhamos que a concepção de língua uniforme não se desenvolveu por acaso. Pelo contrário, alguns fatores se destacaram como contribuintes para essa compreensão. Nessa perspectiva, ressaltam Ilari e Basso (2011 [2006], p. 151):

[...] a uniformidade do português brasileiro é em grande parte um mito, para o qual contribuíram: 1) uma certa forma de nacionalismo; 2) uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta; 3) uma certa insensibilidade para a variação, contrapartida do fato de que os falantes se adaptam naturalmente a diferentes contextos de fala.

Compreendemos com a afirmação de Ilari e Basso (2011 [2006]) que a resistência pela conservação da língua dá-se pela associação que muitos usuários realizam entre uniformidade linguística e patriotismo, bem como pela relação que estabelecem entre língua culta e prestígio social. Essa vinculação entre língua, patriotismo e status acarreta, muitas vezes, uma visão negativa da variação linguística, fator que contribui para o preconceito linguístico.

Mediante o exposto, reconhecemos que a compreensão da língua como homogênea não pode ser associada à falta de conhecimento sobre o sistema, uma vez que até mesmo linguistas a percebiam dessa forma. Muitos estudos desenvolvidos sobre a língua não estabelecem nenhuma relação entre língua e fala, tampouco entre língua e fatores sociais. Todavia, alguns linguistas, dos quais sublinhamos Labov, ao observarem mudanças na língua, se interessaram por compreendê-las. Para tanto, propuseram-se a estudar a língua falada em seu contexto, e nesses estudos identificaram a relação entre variação, mudança linguística e fatores sociais.

Por mais que ainda haja uma negação quanto à heterogeneidade do português brasileiro, está cada vez mais difícil sustentar essa ideia, visto que, mesmo que de maneira ainda discreta, a pesquisa sociolinguística tem se tornado cada vez mais frequente, o que contribui para a divulgação da heterogeneidade linguística e, conseqüentemente, para que essa diversidade seja avaliada positivamente na e pela sociedade.

Pontuamos, a esse respeito, que o questionamento das causas que levam à diversidade linguística não é caso raro; inclusive, muitas pessoas, com frequência, fazem os seguintes questionamentos: Que fatores são responsáveis pela variação linguística? Por que a língua não permanece tal qual como a conhecemos desde os primeiros anos de vida? Na tentativa de responder a essas indagações, apoiamo-nos em Chagas (2020, p. 150) para deixar o seguinte registro: “Como a língua está sempre sendo recriada, ela comporta o surgimento de inovações a todo momento.” Acreditamos que o monitoramento pode influenciar nessas recriações, posto que, dependendo da situação de fala, este atua em graus diferentes, variando de mínimos a máximos. Dizemos, por um lado, que o monitoramento da fala nas relações cotidianas informais é mínimo; por outro lado, em situações formais, como uma palestra, esse monitoramento ganha força. Tanto uma situação como a outra podem influenciar o falante a pronunciar palavras de forma inovadora.

É importante registrar que a variação linguística não ocorre somente de uma comunidade de fala para outra, dado que os aspectos geográficos não são os responsáveis exclusivos por provocarem variações na língua. Nesse sentido, Alckmin (2017 [2001], p. 33) defende:

Caso consideremos uma comunidade como a de Salvador, observaremos que o seu repertório linguístico se constitui de variedades distintas, dado que os habitantes da cidade falam de modo diferente em função, por exemplo, de sua origem regional, de sua classe social, de suas ocupações, de sua escolaridade e, também, da situação em que se encontram.

O autor evidencia que, no interior de uma mesma comunidade de fala, há variedade linguística, dado que, nesse mesmo espaço, podem conviver pessoas de origem geográfica diferente, que carregam consigo para outra região peculiaridades do local de origem, bem como aponta o grau de escolaridade como capaz de provocar distinção na fala. Comumente, é possível perceber que o comportamento linguístico de um analfabeto e de um falante com formação superior apresenta distinções expressivas.

É concebível que todos os falantes de uma mesma língua conseguem estabelecer comunicação por meio dela, dado que as línguas possuem alto nível de organização. À face do exposto, confirmam Coelho *et al.* (2021): a língua é um sistema organizado; essa organização viabiliza a comunicação eficaz entre os falantes, independentemente do local onde eles moram, podendo ser no interior de um estado ou na capital de outro, ser uma criança ou adulto, possuir baixo ou alto grau de escolaridade.

A localização geográfica distinta dos falantes de uma língua, bem como a diferença de idade, escolaridade e classe social, não são capazes de impedir a comunicação linguística entre eles. Contudo, ainda que esses fatores não provoquem alterações que impeçam a comunicação, mesmo assim, não devem ser considerados insignificantes; pelo contrário, eles estão entre os fatores que condicionam a variação linguística. Ainda consoante Coelho *et al.* (2021, p. 13), “A língua varia, e essa variação decorre de fatores que estão presentes na sociedade – além de fatores que podem ser encontrados dentro da própria língua.” Essa afirmação tem sido constatada pelos pesquisadores que se dedicam aos estudos sociolinguísticos, tais como Brescancini (1996), Macedo (2004), Lima (2017) e Oliveira (2018). Assim, os resultados de suas pesquisas revelaram que os fatores internos e externos se correlacionam na promoção da diversidade linguística.

Entretanto, nem sempre as produções desses fenômenos são decorrentes de uma influência equilibrada desses fatores. Como bem destacam Pedrosa e Lucena (2021), alguns processos recebem maior influência de fatores linguísticos, enquanto há outros em que os maiores condicionadores são de natureza extralinguística. Existem ainda aqueles que são motivados de maneira equilibrada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Como exemplo

de processo fonológico em que a motivação linguística se revela como a maior favorecedora, podemos evidenciar o processo de palatalização do /S/ em posição de coda. Muitas pesquisas realizadas com esse objeto em comunidades de fala brasileira apontaram a maior influência dos fatores internos na realização do fenômeno, das quais citamos o estudo de Monteiro (2009), em que a palatalização do /S/ foi favorecida por três fatores linguísticos e somente um fator extralinguístico, sendo respectivamente: posição da fricativa na palavra, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico precedente e faixa etária.

A heterogeneidade linguística não é algo difícil de perceber; pelo contrário, nas situações cotidianas de fala de uma mesma pessoa, ela se manifesta. Basta apenas que o falante mude de contexto. Por exemplo, o mesmo falante em sua casa exibe um comportamento linguístico bem diferente do realizado em seu ambiente de trabalho. Sobre a heterogeneidade linguística, Tarallo (2007 [1985]) explana que a heterogeneidade e diversidade da língua falada é facilmente percebida nas mais variadas situações de comunicação oral. O autor destaca, ainda, a necessidade de sistematização dessa heterogeneidade. Os estudos sociolinguísticos comprovam a existência da variação linguística, ao mesmo tempo que agem como desmistificadores da associação que muitos falantes estabelecem entre heterogeneidade linguística e ausência de regras, uma vez que os resultados encontrados nas pesquisas da área demonstram que a variação linguística ocorre em contextos bastante específicos e regulados. Como exemplo, apontamos a pesquisa de Scherre e Macedo (2000), na qual as autoras concluíram que a variante palatal está correlacionada aos traços [+alto, +anterior] do contexto precedente.

Algumas variações linguísticas são capazes de determinar o pertencimento geográfico dos falantes, isso se deve ao fato de que essas variações ocorrem de uma região para outra, ou seja, uma palavra nem sempre é pronunciada da mesma maneira em todas as regiões. Para exemplificar a variação geográfica, apoiamo-nos em Ilari e Basso (2011 [2006]): a pronúncia palatalizada do /s/ e /z/ em posição de coda, assim como ocorre em mais [majʃ] e [ra'pajʃ], é uma marca dialetal carioca, mas também é encontrada no Espírito Santo, em regiões de Minas Gerais, Pará, Amazonas e Pernambuco.

A pronúncia diversificada do /S/ em finais de sílabas e de palavras é um exemplo clássico de variação geográfica, dado que, em algumas regiões brasileiras, predomina a pronúncia alveolar e em outras a alveolopalatal. No caso da variante [ʃ], a literatura revela que no Estado do Rio de Janeiro ela é predominante, mas também ocorre em outras regiões, mesmo que de forma menos expressiva.

No português brasileiro, temos vários registros de variações geográficas. O caso do /r/ é mais um exemplo. Como ressalta Beline (2020), a pronúncia do /r/ em posição de coda é realizada de maneira distinta por paulistanos e cariocas, sendo ele pronunciado, respectivamente, como vibrante simples e aspirada.

O caso citado demonstra o quanto é importante conhecermos as variações linguísticas do português brasileiro, visto que, por meio delas, podemos identificar o falante como membro da mesma comunidade de fala que a nossa ou não e, dependendo da variação, é possível identificar em qual estado ou região o falante mora.

A variação do [r] discutida por Beline ocorre no nível fonético-fonológico. Todavia, é relevante atentar-se ao fato de que a variação linguística não se restringe a esse nível. Em Coelho *et al.* (2021, p. 8), encontramos a seguinte afirmação: “A variação ocorre em todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, sintático, semântico-lexical, discursivo), atestando a visão de língua como um sistema heterogêneo.” A variação linguística em qualquer um dos níveis possíveis compartilha da incapacidade de impedir a comunicação entre os falantes. No caso do nível lexical, pode até provocar estranheza ou parecer engraçado, mas nada que impeça o compartilhamento de ideias.

Desse modo, é importante salientar que, linguisticamente, todas as variantes são eficazes, o que não permite que se estabeleça nenhuma hierarquia entre elas. Dessa maneira, são igualmente importantes e funcionais as variantes [s] e [ʃ] encontradas nas pronúncias: e[s]tudar e e[ʃ]tudar. Sobre o assunto, advoga Tarallo (2007 [1985]) que, estruturalmente, todas as variedades são iguais; a nenhuma delas pode ser atribuído o título de melhor ou pior, certa ou errada. Todas são organizadas, gramaticais e capazes de mediar a comunicação entre os falantes.

Para o supracitado autor, não existe uma variedade que não seja capaz de realizar a comunicação no interior de uma comunidade de fala. Acrescentamos, ainda, que o fato de algumas serem mais bem avaliadas que outras comumente está relacionado ao preconceito linguístico, o que não tem nenhuma relação com a funcionalidade da variante, mas sim pode estar relacionado com o status do grupo social no qual ela se originou.

Salientamos que há uma discrepância entre o número de inovações, o número de variantes e o número de mudanças linguísticas, a qual é provocada pelo fato de que as inovações linguísticas nem sempre são confirmadas em variações, nem tampouco em mudanças. Conforme advoga Chagas (2020), o primordial é que muitas inovações não são integradas e propagadas pelos falantes da e na comunidade de fala da qual fazem parte. Logo, muitas delas

não prosperam. Depreendemos da afirmação do autor que, assim como uma variante surge, ela também pode desaparecer sem ter sido integrada ao sistema linguístico no qual surgiu. Chagas (2020) aponta a pronúncia "fazerisso" como um exemplo de variante que não se difundiu pelo Brasil. Este é apenas um exemplo de muitos usos inovadores da língua que tendem a desaparecer com o tempo.

A palatalização do /S/ em posição de coda é uma temática que já foi objeto de muitas pesquisas sociolinguísticas no Brasil, as quais concorrem com a compreensão do fenômeno. Assim sendo, discutimos, sucintamente, algumas delas na seção seguinte.

3.4 A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM POSIÇÃO DE CODA: ALGUNS ESTUDOS

Muitos estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil têm adotado como objeto de pesquisa a palatalização do /S/ em posição de coda. Com a intenção de melhor situar nossa pesquisa nesse contexto, revelamos resultados de estudos realizados nas regiões brasileiras, a saber: da região sul, trouxemos o estudo de Brescancini (1996); da região sudeste, os de Scherre e Macedo (2000) e Bassi (2011); da região norte, o estudo de Monteiro (2009); e da região Nordeste, as pesquisas de Macedo (2004), Hora (2016), Lima (2017), Almeida (2019) e a de Cunha e Sales (2020). Os resultados das pesquisas aqui apresentados têm como finalidade cotejar com os resultados encontrados neste estudo. Nessa comparação, o propósito é demarcar diferenças e semelhanças quantitativas da ocorrência do fenômeno no falar de diversos lugares do país, bem como os fatores linguísticos e extralinguísticos que se mostraram mais favoráveis à realização do fenômeno.

3.4.1 Palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana no município de Florianópolis - uma abordagem não-linear

Brescancini (1996), em sua dissertação de mestrado, realizou um estudo da palatalização do /S/ não morfêmico em posição de coda. Na pesquisa, a autora buscou analisar a palatalização do /S/ implosivo não morfêmico à luz da Fonologia Não-linear.

O *corpus* foi constituído por amostras de fala de três regiões, a saber: Distrito de Florianópolis, Freguesia do Ribeirão da Ilha e Sertão do Ribeirão da Ilha, da cidade de Florianópolis, Santa Catarina, totalizando 32 registros de fala. A amostra do Distrito de Florianópolis foi composta por dados provenientes do Projeto VARSUL, enquanto as das duas

outras regiões foram coletadas pela pesquisadora. As gravações apresentam uma duração que varia entre meia hora e uma hora. Os participantes foram estratificados por idade (15 a 30 anos, mais de 30 anos) e escolaridade (0 a 4 anos, 5 a 8 anos, 9 anos ou mais).

A frequência global das variantes foi: palatal 61% (2.663), coronal 32% (2.663), apagamento 8% (2.663) e aspiração apenas 1% (2.663). Então, podemos perceber que a variante palatal é predominante nessa comunidade de fala.

Neste estudo, por meio da análise conjunta das três regiões do município de Florianópolis, o Programa selecionou algumas variáveis linguísticas como relevantes, a saber: o traço [-voz]; a variável posição na sílaba revelou que a posição de coda medial é mais relevante; a variável tipo de item lexical apontou o numeral *dois*, verbo na segunda pessoa, numeral *seis*, outros numerais e o pronome *nós* como os mais favoráveis; a variável contexto precedente revelou que as vogais dorsais e labiais são as mais relevantes; a variável tonicidade revelou como favoráveis a posição átona e pretônica; e a variável contexto seguinte revelou o fator dorsal e zero fonético como favoráveis à realização do processo.

A análise individual das três regiões apontou que a variável traço com o fator [-voz] foi a única do grupo das linguísticas a ser selecionada como estatisticamente relevante em cada uma das regiões em estudo. Os segmentos [-voz] em contexto seguinte, ou seja, os que exigem maior dispêndio de energia articulatória para sua realização, como a palavra *a[[f]falto*, surgem como os maiores favorecedores do fenômeno em estudo.

As variáveis sociais selecionadas como relevantes pelo programa foram: sexo, em que o feminino se mostrou favorecedor do processo; a variável contato externo apontou o fator total como mais favorável; a variável região revelou que a produção palatal é mais favorecida na região da Freguesia; e a variável escolaridade apontou o grupo com 0-4 anos de estudo como o mais favorecedor do processo.

3.4.2 Restrições fonético-fonológicas e lexicais: o -S pós-vocálico no Rio de Janeiro

Scherre e Macedo (2000) realizaram uma pesquisa sobre as quatro produções do /S/ pós-vocálico na fala do Rio de Janeiro, a saber: fricativas alveolares [s, z], fricativas palatais [ʃ, ʒ], fricativas glotais/laríngeas/aspiradas [h] e zero fonético [Ø]. Essa pesquisa teve como objetivo principal analisar estatisticamente as realizações palatais. O corpus foi constituído por amostras de fala de 64 informantes do Rio de Janeiro, gravadas pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), que integrava o Corpus Censo. Ao todo, foram analisados 9.600

dados. Os participantes foram estratificados por sexo: 24 do sexo masculino e 24 do sexo feminino; escolaridade: 27 informantes de 1 a 4 anos, 24 informantes de 5 a 8 anos e 13 de 9 a 11 anos; faixa etária: 16 informantes de 7 a 14 anos, 16 de 15 a 25 anos, 15 informantes de 26 a 49 anos e 17 de 50 a 71 anos.

A frequência global dos dados analisados foi, conforme Scherre e Macedo (1998, p. 52): fricativa palatal surda ou sonora [ʃ, ʒ] 61% (9.600), fricativa alveolar surda ou sonora [s, z] 22% (9.600), fricativa glotal/laríngea surda ou aspirada [h] 7% (9.600), zero fonético [Ø] 9% (9.600) e casos duvidosos 1% (9.600). Portanto, as fricativas mais recorrentes no falar do Rio de Janeiro são as palatais.

O estudo analisou a influência de quatro variáveis linguísticas e três variáveis sociais. Entretanto, nesta discussão incluem-se apenas as variáveis linguísticas. A variável contexto fonológico seguinte revelou que as oclusivas /p, t, k/ e pausa são favoráveis; a variável contexto precedente apontou a vogal [+ alta, + anterior] como mais relevante; a variável posição na sílaba revelou que a posição medial é a mais favorável e a variável classe morfológica apontou os numerais, os substantivos próprios e os verbos como os mais favoráveis à realização da variante palatal.

3.4.3 A produção palato-alveolar de /s/ nas vozes do Amapá

Monteiro (2009), em sua dissertação de mestrado, realizou uma pesquisa sobre o fenômeno da palatalização de /S/ em posição de coda. A comunidade de fala escolhida foi a cidade de Macapá, estado do Amapá. A pesquisa teve como objetivo principal analisar o comportamento fonético do /S/ em travamento de sílabas na comunidade de fala de Macapá-AP, verificando se a produção palato-alveolar constitui um fenômeno variável influenciado por fatores linguísticos e sociais.

O corpus da pesquisa foi constituído por dados de fala de 16 informantes do Projeto Vozes do Amapá, os quais foram estratificados da seguinte maneira: 8 informantes do sexo feminino e 8 informantes do sexo masculino; faixa etária dividida em dois grupos: I – 15 a 26 anos e II – acima de 49 anos de idade; escolaridade dividida nos seguintes grupos: I – até 4 anos e II – mais de 9 anos.

A frequência global obtida das variantes foi: variante palato-alveolar 78,8% (2.443) e variante alveolar 21,2% (2.443). Monteiro (2009) conclui que a palatalização da fricativa

coronal anterior coexiste com a realização alveolar na fala de Macapá, porém há predominância da fricativa palatalizada.

Conforme a análise empreendida, quatro variáveis se destacaram como favoráveis à realização palatal, sendo três linguísticas e somente uma extralinguística. As variáveis linguísticas selecionadas como relevantes foram: posição da fricativa na palavra, contexto fonológico seguinte e contexto fonológico precedente. A faixa etária foi a única variável extralinguística selecionada como relevante pelo estudo. A variável posição da fricativa na palavra revelou que a posição de coda medial é a mais favorável; a variável contexto fonológico seguinte mostrou que a produção palato-alveolar é favorecida pelas consoantes dorsais; a variável contexto precedente mostrou que as vogais labiais são as mais favoráveis ao processo; e a variável faixa etária apontou a faixa etária I, constituída pelos mais jovens, como a mais favorável à produção da variante palato-alveolar.

3.4.4 A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonológica e geolingüística

Bassi (2011), em sua dissertação de mestrado, realizou uma pesquisa sobre a palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca. Entretanto, apenas abordamos os dados referentes à fala carioca. A autora teve como objetivo geral descrever e analisar o fenômeno da palatalização da coronal anterior em posição de coda silábica na fala de informantes florianopolitanos e cariocas.

O corpus desse estudo foi compilado a partir de amostras do Atlas Linguístico do Brasil, totalizando dezesseis entrevistas. Os participantes foram estratificados por faixa etária, dividida em dois grupos: faixa etária I – 18 a 30 anos e faixa etária II – 50 a 65 anos. Eles também foram estratificados por escolaridade, dividida em dois níveis: escolaridade baixa – alfabetizados até a 7ª série e escolaridade alta – com o 3º grau.

A amostra constitui-se de setecentos e oitenta e quatro dados, sendo que trezentos e cinquenta e dois foram retirados do questionário fonético-fonológico (QFF), cento e doze do questionário semântico-lexical (QSL), cento e sessenta da conversa semidirigida e cento e sessenta da leitura do texto.

A frequência global das variantes foi: palatal surda 77,6% (392), palatal sonora 10,2% (392), alveolar surda 3,1% (392), alveolar sonora 0,3% (392) e zero fonético 8,9% (392). Observando a frequência das variantes, é notória a predominância das palatais.

Neste estudo, as variáveis linguísticas selecionadas como mais favoráveis foram: posição da fricativa na palavra, posição do segmento em relação à sílaba tônica, contexto seguinte e contexto precedente. A variável posição da fricativa na palavra apontou a posição medial como mais favorável ao processo; a variável posição do segmento em relação à sílaba tônica mostrou que o fenômeno é favorecido pela sílaba tônica; a variável contexto seguinte apontou que os segmentos [-voz] são os que mais favorecem a produção palatal; e a variável contexto precedente revelou que as vogais coronais são as que mais favorecem a realização do processo.

Enquanto isso, as variáveis extralinguísticas selecionadas como relevantes foram: gênero, faixa etária e escolaridade. A variável gênero apontou as mulheres como as mais favoráveis ao processo; a variável faixa etária mostrou que a produção palatal é favorecida pelos mais jovens; e a variável escolaridade revelou que o grupo com escolaridade mais baixa (até a 7ª série) é o que mais favorece a palatalização do /S/.

Em virtude de a comunidade de fala da nossa pesquisa ser um município da região Nordeste (Barro Duro-PI), consideramos oportuno discutir os resultados de pesquisas com esse mesmo objeto realizadas nos estados da região Nordeste. Diante desta decisão, esta temática constitui o conteúdo da subseção seguinte.

3.4.5 Palatalização do /S/ na região Nordeste

A palatalização do /S/ é um fenômeno que comumente se realiza em contextos específicos; porém, os fatores que condicionam o processo nem sempre são os mesmos em todos os dialetos. Acreditamos haver distinções de condicionamento de uma região para outra e até mesmo entre dialetos da mesma região. Logo, tentaremos identificar o comportamento dessa variante no Nordeste por meio da abordagem de algumas pesquisas realizadas.

3.4.5.1 A palatalização do /S/ em coda no falar culto recifense

Macedo (2004), em sua pesquisa de mestrado, investigou a palatalização do /S/ em posição de coda silábica na fala culta dos recifenses. A pesquisa teve como objetivo principal analisar estatisticamente as realizações palatais. O corpus do estudo foi extraído de 12 inquéritos do tipo Diálogo entre Informante e Documentador (DID) do Projeto Norma Urbana Linguística Culta (NURC) – Recife.

A amostra foi constituída por 12 informantes nascidos em Recife e por filhos de pais também naturais de Recife, todos com formação superior, divididos em três faixas etárias: I – 25 a 35 anos, II – 36 a 55 anos, III – a partir de 56 anos.

A frequência global das variantes foi: palatal 76% (3.911) e alveolar 24% (3.911). Este resultado evidencia a predominância da variante palatal.

Neste estudo, as variáveis linguísticas selecionadas como relevantes foram: contexto fonológico seguinte, traço de voz e posição da sílaba. A variável contexto fonológico seguinte revelou que o fator coronal é o mais favorável; a variável traço [voz] apontou o fator [-voz] como o mais favorável ao processo; e a variável posição da sílaba apontou a posição intravocabular como mais favorável ao fenômeno.

Dentre as variáveis sociais, o programa selecionou como relevantes apenas duas: faixa etária e sexo. Quanto à faixa etária, a variante palatal foi favorecida pela 2ª faixa etária, que se estende de 36 a 55 anos. A variável sexo foi considerada, dentre todas as variáveis linguísticas e sociais, a mais relevante, visto que, de todos os fatores controlados, o sexo feminino registrou a maior frequência e o maior peso relativo.

Portanto, Macedo conclui que a palatalização da coronal anterior em posição de coda silábica é uma marca do falar culto recifense, dado que, dos 3.911 vocábulos selecionados, registrou uma frequência de 76% de realização palatal.

3.4.5.2 Processo de palatalização das fricativas na Paraíba

Hora (2016) realizou uma pesquisa sobre o processo de palatalização das fricativas. O corpus foi constituído por amostras de fala do Projeto Variação Linguística no Estado da Paraíba (VALPB). Inicialmente, o autor analisou as variantes [s], [ʃ], [z], [ʒ], [Ø] e [h]. Devido à pouca ocorrência das variantes [Ø] e [h], o autor optou por excluí-las da análise. Nesse artigo, Hora apresentou dados apenas sobre a aplicação das variantes em função do contexto seguinte.

O pesquisador realizou duas análises separadas, uma com as fricativas surdas [s, ʃ] e outra com as sonoras [z, ʒ]. Todavia, utilizou os mesmos conjuntos de fatores para ambas. Para a produção das fricativas surdas [s, ʃ], o programa selecionou como fatores favoráveis: contexto fonológico subsequente, contexto fonológico precedente, duração da escolarização e classe de palavras.

Portanto, as análises revelaram que o contexto subsequente constituído pela dental surda favorece a produção da variante [ʃ], assim como o contexto subsequente constituído pela dental

sonora e por alveolares favorece a realização da variante [ʒ]. Ademais, Hora (2016) concluiu que, diante do /d/, a produção da alveolopalatal sonora [ʒ] é categórica.

3.4.5.3 O jogo na comunidade de Caravelas – BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica

Lima (2017), em sua pesquisa de mestrado, realizou um estudo sobre a variação da fricativa coronal pós-vocálica na comunidade de Caravelas-BA. As duas variantes analisadas na pesquisa foram a alveolar surda [s] e a alveolopalatal surda [ʃ]. O ambiente em que a análise das variantes ocorreu foi antes de oclusiva [t] e africada [tʃ].

A pesquisa teve como objetivo geral investigar a variação fonético-fonológica relacionada à palatalização do /S/. O *corpus* foi constituído por dados de fala de 25 informantes, coletados por meio de entrevista. Os participantes foram estratificados por: sexo – feminino e masculino; escolaridade, que se divide em três fatores – I: 1 a 8 anos, II: 9 a 11 anos e III: mais de 11 anos; e faixa etária, dividida nos fatores – I: 15 a 25 anos, II: 26 a 49 anos e III: mais de 49 anos.

A frequência global das variantes foi: alveolopalatal 65,9% (1.189) e alveolar 34,1% (615). Esses resultados revelam a predominância da variante alveolopalatal e, ao mesmo tempo, explicitam que as duas produções ocorrem diante do mesmo contexto seguinte.

As variáveis linguísticas selecionadas como relevantes foram: contexto fonológico antecedente, contexto fonológico seguinte, tonicidade da sílaba e posição na palavra. A variável contexto fonológico antecedente apontou que as vogais [u] e [ɔ] favorecem o processo, o contexto seguinte constituído pela africada [tʃ] se revelou o mais favorável à palatalização, a posição pretônica foi a que mais favoreceu, e, quanto à posição na sílaba, a coda medial é a mais favorável.

Como variáveis extralinguísticas relevantes, o programa selecionou somente duas, a saber: escolaridade e sexo/gênero. A escolaridade mais favorável foi a de 9 a 11 anos, o que corresponde ao Ensino Médio, e a variável sexo apontou as mulheres como as que mais favorecem a produção alveolopalatal.

Lima (2017) conclui que as alveolopalatais são mais realizadas que as alveolares, ao mesmo tempo em que percebeu o destaque das variáveis sociais no favorecimento da variante predominante.

3.4.5.4 O /S/ em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento-BA e Sapé- BA: uma análise sociolinguística

Almeida (2019), em sua dissertação de mestrado, investigou as realizações do /S/ em posição de coda silábica nas comunidades afro-brasileiras de Sapé-BA e Cinzento-BA. Nessa investigação, a autora propôs, como objetivo geral, analisar como a fricativa é realizada em posição de coda nessas comunidades de fala.

O *corpus* foi constituído por amostras de fala compiladas do Acervo de Fala do Português Afro-Brasileiro do Estado da Bahia. Ao todo, foram analisadas 2400 ocorrências do /S/ em posição de coda, sendo 1200 de cada comunidade. Os 12 participantes da pesquisa foram estratificados por sexo: seis homens e seis mulheres, com a faixa etária dividida em três categorias: faixa etária I – 20 a 40 anos, faixa etária II – 41 a 60 anos e faixa etária III – mais de 60 anos. Para a análise estatística dos dados, a autora utilizou o programa Goldvarb X.

A frequência global das variantes em Sapé foi a seguinte: apagamento 28,3% (340), alveolar 26,5% (319), aspiração 24,7% (297) e alveolopalatal 20,3% (224). Observamos que a variante zero é predominante nessa comunidade de fala, enquanto a produção alveolopalatal é a menos frequente. Contudo, esse resultado evidencia um equilíbrio na produção das variantes, dado que todas registram produção em torno de 20%.

A aplicação da variante alveolopalatal não ocorreu em posição final absoluta; suas aplicações se restringiram à posição final seguida de consonante, com registro de 7,3% (398), e ao interior de vocábulos, com aplicação de 38,5% (558). Os fatores selecionados como relevantes à produção alveolopalatal no interior do vocábulo foram o contexto antecedente: /o/, /ε/, /ɔ/, /u/, /a/, /i/, a classe morfológica (pronome e verbo), a faixa etária I e o gênero masculino.

Enquanto isso, a frequência global das variantes na comunidade Cinzento foi: apagamento 15,1% (182), alveolar 53,5% (642), aspiração 24,7% (297) e alveolopalatal 6,5% (79). Podemos perceber que, na comunidade Cinzento, a variante alveolar é predominante e a alveolopalatal é a menos recorrente. Ademais, a variante alveolopalatal não foi registrada na posição final absoluta. O contexto seguinte não sonoro e o constituído pelas africadas se revelaram como favoráveis à produção alveolopalatal, assim como o contexto antecedente composto pelas vogais /i/ e /a/. Do mesmo modo, as faixas etárias II e III e o gênero masculino se revelaram como condicionadores da variante.

A autora concluiu que, na comunidade Sapé, há um equilíbrio entre a aplicação das variantes, ao passo que, na comunidade Cinzento, há um desequilíbrio no uso dessas variantes, visto que a produção alveolar é responsável por mais de 50% das produções do /S/ em posição de coda. Um fato que chama atenção nesses resultados é que o gênero masculino se destaca como favorecedor das variantes alveolopalatais em ambas as comunidades.

3.4.5.5 Produção do /S/ pós-vocálico em São José do Mipibu - RN

Cunha e Sales (2020) realizaram uma pesquisa sobre a palatalização do /S/ pós-vocálico na comunidade de São José do Mipibu-RN. Os objetivos foram registrar a sistematicidade das realizações do arquifonema /S/ em coda silábica na fala mipibuense (de São José de Mipibu-RN) e analisar as variáveis linguísticas e sociais que condicionam as escolhas pelas variantes alveolares e alveolopalatais nessa posição.

O corpus foi constituído por amostras de fala de quatro participantes, que foram estratificados por sexo/gênero (masculino e feminino), faixa etária (18 a 23 anos e 47 a 55 anos) e escolaridade: I - ensino básico, subdividido em ensino fundamental incompleto e ensino médio, e II - ensino superior. Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: narrativa controlada e questionário fonético-fonológico (QFF).

Nessa investigação, os autores concluíram que a realização alveolopalatal é categórica quando tem como contexto fonológico seguinte os segmentos /t/ e /d/. Como exemplo, observemos algumas ocorrências: [dojʒ'dêtis] e [ĩʃtru'mêtu], da informante I, [ajʒda'ki] e [ʒɛf'tãw], do informante II, [eliz'da] e [ĩtre'viʃta]. A alveolopalatal também ocorreu com o contexto fonológico seguinte n e l, mas não de forma categórica. Nos demais contextos fonológicos seguintes, os participantes realizam categoricamente o [s] alveolar. A título de exemplo, apontamos as produções: [ez'mɔla] e kapi'tajs].

Os resultados alcançados revelaram que o contexto fonológico seguinte, constituído pelos segmentos /t, d, n, l/, é um condicionador linguístico para a realização das alveolopalatais surda e sonora. Com relação aos condicionadores extralinguísticos, os resultados não permitiram nenhuma conclusão definitiva, embora a palatalização diante do segmento /l/ sugira ser condicionada pelo sexo. As autoras foram cautelosas ao afirmar que seria necessária uma pesquisa com uma amostra mais ampla para corroborar ou não esse condicionamento.

Baseado nos estudos supracitados, podemos presumir que a palatalização do /S/ é um processo fonológico recorrente em diversos dialetos brasileiros, sendo na maioria das vezes

condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Assim sendo, elaboramos um quadro com os condicionadores do fenômeno revelados nessas pesquisas. Esses elementos serão cotejados com os resultados desta investigação.

Quadro 4 – Os condicionadores linguísticos e extralinguísticos da palatalização do /S/ em posição de coda

Condicionadores linguísticos							
Dialeto/ano	Traço voz	Posição na sílaba	Tipo de item lexical	Contexto antecedente	Contexto Seguinte	Tonicidade	Número de sílabas
Florianópolis/1996	[-voz]	coda medial	numeral dois e seis, outros numerais pronomes nós verbos na segunda pessoa	vogais dorsais e labiais	dorsal e zero fonético	pretônica	
Rio de Janeiro/2000		coda medial	Numerais substantivo próprio e verbo	vogal i	/p, t, k/ e pausa		Polissílabas
Rio de Janeiro/2011		coda medial		vogais coronais	[-voz]	Pretônica e tônica	Trissílabas
Macapá/2009		coda medial		vogais labiais	consoantes dorsais		
Recife/2004	[-voz]	Intravocabular			Coronal		
Paraíba/2016					coronal /t/		
Caravela/2017		coda medial		[u] [ɔ]	africada [tʃ]	Pretônica	
Sapé/ 2019			Pronome e verbo	/o/, /ε/, /ɔ/, /u/, /a/, /i/			
Cinzento/2019	[-voz]			/i/, /a/	Africada		
São José de Mipibu/2020					dental /t/		
Condicionadores extralinguísticos							
Dialeto/ano	Sexo/gênero	Escolaridade	Faixa etária	Região			
Florianópolis/1996	Feminino	0-4 anos		Freguesia			
Rio de Janeiro/2000							
Rio de Janeiro/2011	Feminino	até a 7ª série	18-30 anos				
Macapá/2009			15 - 26 anos				
Recife/2004	Feminino		36-55 anos				
Paraíba/2016							
Caravela/2017	Feminino	9-11 anos					
Sapé/2019	Masculino		20-40 anos				
Cinzento/2019	Masculino		41- 60 anos Mais de 60 anos				

São José de Mipibu/2020							
-------------------------	--	--	--	--	--	--	--

Fonte: A autoria própria (2023).

Consoante a descrição do quadro 4, reconhecemos que os fatores linguísticos exercem predominância no favorecimento do processo de palatalização do /S/, dentre os quais apontamos o contexto seguinte como mais recorrente. Entretanto, os segmentos que compõem esse contexto são variados; a posição da coda e o contexto antecedente também se destacam como fortes condicionadores. O gênero feminino se apresenta como o fator extralinguístico que mais favorece o processo em voga. Todavia, por mais que haja alguns fatores favorecedores comuns à palatalização nesses dialetos, é conclusivo que o fenômeno não apresenta, de forma geral, um contexto estável de manifestação.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, detalhamos os procedimentos metodológicos pelos quais desenvolvemos a pesquisa, bem como especificamos a constituição do corpus, os instrumentos de coleta de dados e o programa selecionado para a análise estatística dos dados. Apresentamos, ainda, a variável dependente que constitui o objeto de estudo e as variáveis independentes, linguísticas e extralinguísticas, relevantes para a ocorrência do fenômeno investigado.

4.1 CARACTERIZAÇÃO METODOLÓGICA

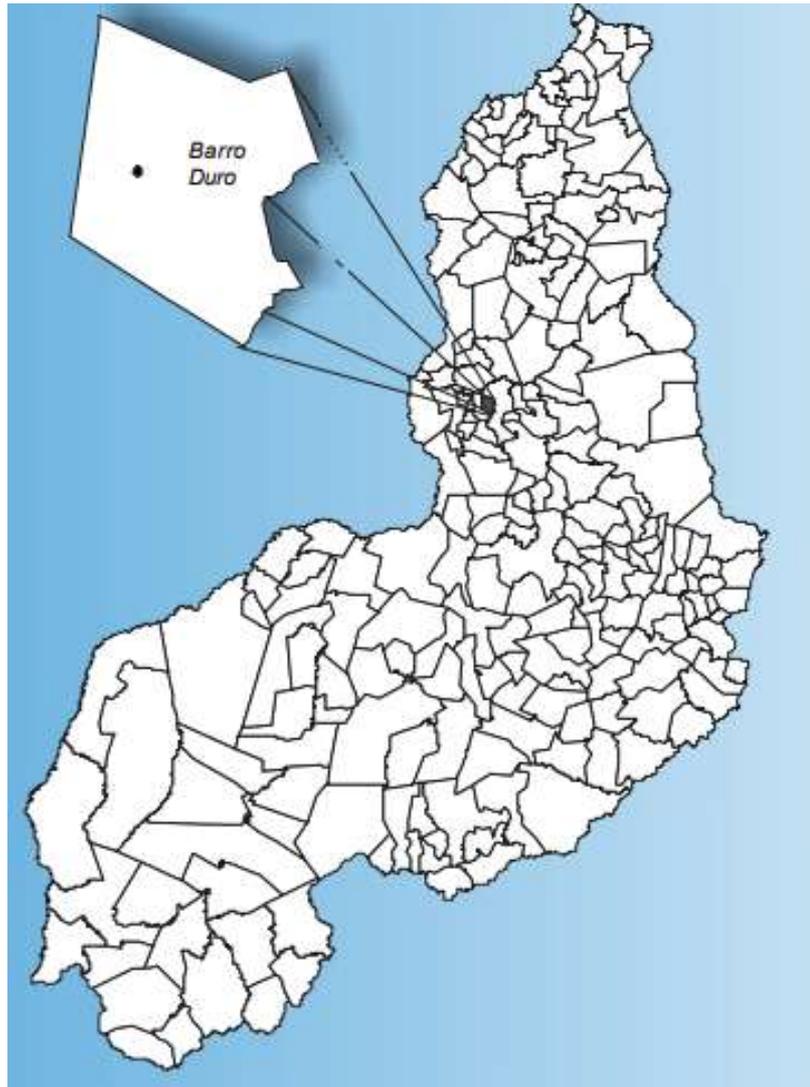
Trata-se de um estudo que define como objeto a palatalização do /S/ em posição de coda na fala barrodureense, processo que introduz duas variantes no português brasileiro: [ʃ, ʒ]. Logo, trata-se de uma pesquisa sociolinguística. Portanto, para atingir os objetivos propostos, lança mão da Teoria da Variação, que faz uso de programas computacionais.

Quanto à natureza, revela-se uma pesquisa básica, pois sua pretensão é produzir conhecimentos, mas não prevê uma aplicação prática desse conhecimento. Quanto aos objetivos, é descritiva, visto que realizamos a caracterização do fenômeno em estudo. Quanto aos procedimentos técnicos adotados na sua realização, define-se como bibliográfica, uma vez que, em todas as etapas, estudamos a literatura do tema. Considerando sua abordagem, ela é tanto quantitativa quanto qualitativa. O aspecto quantitativo se estabelece por meio do uso de instrumentos específicos para a coleta dos dados e pela quantificação deles, mediada por técnicas estatísticas. A abordagem qualitativa se concretiza por meio da interpretação dos resultados, pois buscamos atribuir significados a eles.

4.2 COMUNIDADE DE FALA ESCOLHIDA

Elegemos Barro Duro – PI como a comunidade de fala para a pesquisa. Essa cidade foi escolhida porque, assim como muitas comunidades de fala do Piauí, o município nunca teve seu dialeto pesquisado, e por ser a cidade natal e de residência da pesquisadora. A Figura 14 mostra a localização geográfica do município em referência.

Figura 14 – Localização geográfica de Barro Duro – PI



Fonte: Aguiar e Gomes (2004, p. 3).

Barro Duro – PI foi desmembrado do município de Água Branca – PI, região que pertencia ao município de Regeneração – PI. Segundo Nunes (1975), a colonização da região onde hoje está situada Regeneração – PI teve origem com a criação do Aldeamento de São Gonçalo de Amarante – PI. Miranda (2012) afirma que a missão de São Gonçalo de Amarante foi criada em 1771, com o aldeamento dos índios Acaroás e Gueguês, que, na época em que os portugueses chegaram ao Brasil, viviam no Médio-Tocantins e vinham às terras do Piauí somente no inverno.

Com base no exposto, podemos afirmar que os jesuítas não participaram da colonização desse aldeamento, tendo em vista que sua criação ocorreu em um momento posterior à expulsão dos jesuítas do território brasileiro. Conforme relata Miranda (2012), os jesuítas foram expulsos do Brasil em 1759.

Barro Duro – PI é uma das 17 cidades que compõem a microrregião do Médio Parnaíba Piauiense. Limita-se ao norte com Monsenhor Gil – PI, ao sul com Olho D'água – PI e Passagem Franca – PI, ao leste com Passagem Franca – PI e ao oeste com Olho D'água – PI. Localizada a 96 quilômetros da capital do Estado, Teresina, é cortada pela BR 316, motivo pelo qual registra diariamente um grande fluxo de transportes.

O município de Barro Duro – PI originou-se do povoado Cantinho, por volta de 1924. Teve como primeiros moradores os senhores João Pinheiro, Florêncio da Luz, Manoel Soares Teixeira e Raimundo Borges Pimentel. Embora o povoado Cantinho tenha sido o ponto de origem da cidade, ela se desenvolveu em um local distante, a 4 km do povoado. Isso ocorreu em terras doadas por um dos primeiros moradores, onde foi construída uma capela em torno da qual a população se desenvolveu. As terras onde o município foi criado pertenciam à cidade de Água Branca – PI, localizada a aproximadamente 21 km de Barro Duro – PI. Em dezembro de 1962, Barro Duro – PI foi elevado à categoria de município por meio da Lei Estadual nº 2360, de 05-12-1962.

De acordo com dados do IBGE (2022)¹, Barro Duro – PI possui uma área de 159 km², população de 6.640 habitantes, densidade demográfica de 41,65 habitantes por km² e taxa de crescimento anual de -0,34%.

Nessa cidade, a economia gira basicamente em torno da Prefeitura Municipal, visto que é a responsável pela geração de grande parte dos empregos. O município é reconhecido por ser bastante festivo e tem como padroeiro São João Batista. Seus festejos ocorrem em junho, época em que a cidade realiza eventos culturais, shows e festival de quadrilha. No centro da cidade, há uma grande concentração de comércios, tais como supermercados, frigoríficos, lanchonetes e lojas de roupa.

Em virtude de poucas fontes de emprego, muitos moradores, sobretudo os homens, viajam principalmente para a região Sudeste em busca de trabalho. É comum na cidade que as mães vivam com seus filhos na localidade, enquanto os pais trabalham e voltam somente para passar as férias. Há, ainda, uma parcela de jovens que faz curso superior na capital e passa os fins de semana com a família.

A cidade dispõe de educação básica em todos os níveis, porém ainda não oferece ensino superior na modalidade presencial. Todavia, conta com um núcleo de educação a distância, no qual formou, no ano de 2022, a primeira turma de Bacharelado em Administração. Há, também,

¹IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades IBGE. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/barro-duro/panorama>. Acesso em: 01/08/2023.

cursos de Pedagogia e Educação Física, ambos ofertados na modalidade a distância por faculdades privadas. Devido aos menos de 100 km que separam o município da capital do estado, é grande o fluxo diário de moradores em direção a Teresina – PI.

4.3 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

O *corpus* é constituído por amostras de fala estratificadas de 16 participantes barrodurenses. Para a constituição deste corpus, utilizamos dois instrumentos, a saber: entrevista de experiência pessoal e lista de palavras.

4.3.1 Critérios de inclusão

Para a seleção dos participantes, adotamos três critérios de inclusão, a saber: ser natural de Barro Duro – PI e morar no próprio município, ter entre 17 e 47 anos de idade e possuir, no mínimo, o Ensino Fundamental completo. A motivação para elegermos esses critérios reside no fato de considerarmos a faixa etária e a escolaridade como fatores que exercem influência nas ocorrências das variantes envolvidas. Essas variáveis já foram apontadas em diversas pesquisas sobre esse objeto, em comunidades de fala diferentes, como capazes de influenciar a produção das variantes. Enquanto isso, os critérios de naturalidade e residência foram escolhidos por se revelarem essenciais para que possamos considerar o indivíduo como falante de um dialeto.

4.3.2 Critérios de exclusão

Como critérios de exclusão, adotamos os seguintes: não ser natural de Barro Duro – PI, não ter concluído o ensino fundamental e ter idade inferior a 17 anos ou superior a 47 anos.

4.3.3 Perfil dos participantes

Com base nos critérios de inclusão e exclusão, traçamos o perfil dos participantes do estudo, a saber: ter nascido em Barro Duro e ser, até o momento, morador do município, além de se encaixar em uma das seguintes faixas de escolaridade: Ensino Fundamental completo, Ensino Médio completo ou Ensino Superior completo, e ter idade entre 17 e 47 anos. Quanto

ao sexo/gênero, selecionamos 8 informantes de cada gênero. Todas essas informações estão organizadas no Quadro 5.

Quadro 5 – Estratificação dos Participantes

PERFIL DOS PARTICIPANTES				
Faixa etária	17 – 34		36 – 47	
Sexo/gênero	M	F	MF	
Ensino Fundamental	1	1	1	1
Ensino Médio	1	1	1	1
Ensino Superior	2	2	2	2
Total Geral 16				

Fonte: Autoria própria (2023).

Conforme as descrições constantes no Quadro 5, as células não foram preenchidas com a mesma quantidade de participantes. Nos fatores ensino fundamental e ensino médio, há apenas um representante de cada faixa etária e de cada gênero. No fator ensino superior, há dois representantes de cada faixa etária e de cada gênero. Realizamos essa distribuição para não ultrapassar o número de 16 participantes. Dois motivos nos conduziram a essa decisão: primeiro, o fato de que o fenômeno é muito recorrente nos dialetos, permitindo a coleta de um número satisfatório de ocorrências com apenas essa quantidade de participantes; segundo, temos um período de apenas 24 meses para desenvolver o estudo, o que não nos permite investigar um número muito grande de participantes. É oportuno declarar que a escolha dos participantes se deu com base em seus perfis.

4.4 INSTRUMENTOS

Nesta pesquisa, utilizamos dois instrumentos de coleta de dados: entrevista de experiência pessoal e lista de palavras. O primeiro é um instrumento que, por suas características, promove o surgimento da fala vernacular, ou seja, uma fala com baixo grau de monitoramento. O segundo instrumento, conforme defendido por Labov (2008), propicia o surgimento de fala com alto grau de monitoramento. A escolha por utilizá-los se deu pela intenção de verificar diferentes estilos de fala dos participantes. Ao mesmo tempo,

pretendemos, por meio dos diferentes estilos coletados, identificar a variante considerada de prestígio nessa comunidade, uma vez que ela costuma emergir na fala com alto grau de monitoramento, que, nesta investigação, tem mais chance de ser coletada através da leitura da lista de palavras.

4.4.1 A entrevista

As entrevistas foram gravadas no período de 15 a 21 de abril de 2023. Quando convidamos os participantes, confirmamos com eles as informações necessárias para saber se se encaixavam no perfil de falante que precisávamos. Esse contato ocorreu de duas maneiras: presencialmente e por meio do aplicativo *WhatsApp*.

Quando o falante aceitava participar da pesquisa, começávamos a fazer os esclarecimentos referentes à maneira e ao local em que ela ocorreria. Nesse momento, o participante assinava o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e preenchia uma ficha social. Foi acordado entre pesquisador e participantes que o local seria de escolha do entrevistado, podendo ser na residência dele, em outro local indicado por ele, ou na residência da pesquisadora. Foi exatamente o que aconteceu. Algumas entrevistas foram realizadas na casa dos participantes e outras na residência da pesquisadora.

Optamos por iniciar a gravação após o primeiro contato entre pesquisador e participante para termos a possibilidade de gravar um maior número de ocorrências do fenômeno em estudo. Durante algumas entrevistas, houve a movimentação de familiares na casa, o que não chegou a comprometer a qualidade da gravação. Pelo contrário, sempre que o participante dividia a atenção entre a entrevista e o que estava acontecendo ao seu redor, era possível perceber a diminuição no monitoramento de sua fala.

Houve uma situação em que, na casa do participante, estavam instalando serviços de internet e, na ocasião, o técnico precisou falar com o entrevistado, obrigando-nos a fazer uma pausa. Esse acontecimento se revelou bastante positivo, visto que o falante, quando retornou à entrevista, estava ainda mais descontraído, o que fez com que sua fala fluísse de forma mais espontânea.

A entrevista abordou o tema Pandemia da Covid-19. Escolhemos essa temática por acreditarmos que ela seja capaz de despertar emoção no entrevistado, o que contribui para minimizar os efeitos do paradoxo do observador e, assim, coletarmos a fala vernacular ou aquela que mais se aproxima dela. Embora tenhamos utilizado um único tema, foi possível

vinculá-lo a outros, como educação, renda e saúde. Dessa forma, potencializamos as chances de os participantes se depararem com um tema que lhes deixasse mais à vontade, produzindo uma fala mais espontânea.

Todas as gravações foram realizadas com o gravador de voz de um aparelho de celular modelo SM-A528B/DS. As durações das gravações variaram entre 25 e 30 minutos, totalizando 286 minutos de gravação. Todas as entrevistas foram analisadas na íntegra, por considerarmos importante analisar o maior número possível de ocorrências. Esclarecemos que a duração das entrevistas não foi consequência de uma programação específica, pois seguimos um roteiro para garantir que não faltasse assunto, e os participantes tiveram a oportunidade de se expressar sem se preocupar com o tempo.

4.4.2 As questões

Para evitar pausas muito longas durante a entrevista ou a falta de assunto que pudesse resultar em um tempo de gravação insatisfatório, adotamos um roteiro de perguntas para nortear a conversa. Todas as questões foram cuidadosamente elaboradas para diminuir a possibilidade de respostas limitadas a um simples "sim" ou "não", pois estas, certamente, não trariam resultados favoráveis. A seguir, expomos o roteiro da entrevista:

- 1- *Qual a frequência e por quais motivos você saía de casa durante o período de isolamento social imposto pela pandemia?*
- 2- *O que mudou na sua rotina e na rotina de sua família durante o período de isolamento social? Explique.*
- 3- *Você sentiu dificuldades em usar máscara? Comente. Chegou a faltar máscara para vender em sua cidade? Quando você se sentiu seguro para parar de usar máscara?*
- 4- *Como funcionou o atendimento médico na sua cidade durante a pandemia? Tinha médico todos os dias? Houve mudanças nos horários de atendimento?*
- 5- *Qual a sua opinião sobre a vacina contra a Covid-19? Sentiu medo de tomar a vacina? Descreva esse momento.*
- 6- *Na sua cidade demorou chegar vacina? Quando chegou foi em quantidade suficiente ou às vezes faltava? Relate.*
- 7- *Quais as mudanças ocorridas no ensino durante a pandemia? Como funcionavam as aulas em sua cidade? Descreva essas mudanças.*

- 8- *Como a pandemia afetou sua renda e de sua família? Fale um pouco sobre o preço dos produtos durante o período mais crítico da pandemia.*
- 9- *Descreva como você se sentia quando assistia aos boletins sobre o número de casos e mortes por Covid-19 nos jornais. Em algum momento você se recusou a assistir jornal? Por quê?*
- 10- *Você conhece alguém que faleceu de Covid-19? Como se sentiu? Descreva como ocorreu o velório.*

O roteiro sugerido para a gravação da entrevista não teve o papel de limitar a conversa, uma vez que o participante tinha a liberdade de se estender para outros tópicos ou se prolongar naqueles em que se sentia mais confortável. Observamos que o comportamento dos participantes diante dos itens não foi unânime, pois cada um deles ampliou a conversa no tópico com o qual tinha mais afinidade em relação à sua profissão. Por exemplo, nutricionistas e fisioterapeutas desenvolveram mais os tópicos relacionados ao atendimento médico, já que atuam na área da saúde.

Enquanto isso, professores e alunos desenvolveram mais os tópicos ligados ao ensino. Trabalhadores autônomos, como carpinteiros e cabeleireiros, se aprofundaram mais nos itens que abordavam a renda familiar.

Não podemos deixar de destacar que a última pergunta provocou grande emoção em uma das participantes, que chegou a chorar ao relatar a morte e o ritual do velório de uma vizinha. Esse choro demonstra que o tema abordado é capaz de despertar grande emoção no falante, contribuindo, em alguns momentos, para que o participante diminuísse sua atenção ao fato de estar sendo gravado.

4.4.3 Lista de palavras

A lista de palavras foi composta por 43 vocábulos que possuem o segmento /S/ tanto em posição de coda medial quanto em coda final. Tomamos o cuidado de constituí-la com palavras de variadas classes morfológicas, diferentes números de sílabas, posições de coda distintas, bem como diferentes posições da fricativa em relação à sílaba tônica e contextos fonológicos antecedente e seguinte variados, para garantir a presença das variáveis linguísticas independentes controladas na pesquisa. Inicialmente, selecionamos 50 vocábulos utilizando como critérios as 6 variáveis independentes mencionadas. Contudo, percebemos que seria

interessante tentar equilibrar ao máximo a presença das variáveis independentes, além de evitar palavras que compartilhassem literalmente as seis variáveis, como os vocábulos *dois* e *seis*. Atendendo a essas duas observações, realizamos 7 exclusões, resultando nos 43 vocábulos expostos no quadro subsequente.

Quadro 6 – Lista de palavras

<i>Escolher</i>	<i>Esquiar</i>	<i>Espalhar</i>	<i>Estudar</i>	<i>Pesquisar</i>	<i>Escovar</i>	<i>Escalar</i>	<i>Espiar</i>
<i>Dois</i>	<i>Três</i>	<i>Óculos</i>	<i>Bônus</i>	<i>Lápis</i>	<i>Biscoito</i>	<i>Pastel</i>	<i>Pastilha</i>
<i>Biscate</i>	<i>Pista</i>	<i>Escama</i>	<i>Asco</i>	<i>Ostra</i>	<i>Páscoa</i>	<i>Poste</i>	<i>Besteira</i>
<i>Espada</i>	<i>Espelho</i>	<i>Estilo</i>	<i>Espiga</i>	<i>Pasta</i>	<i>Estrela</i>	<i>Estralar</i>	<i>Espuma</i>
<i>Esparro</i>	<i>Esparramar</i>	<i>Espirro</i>	<i>Desfilar</i>	<i>Desfecho</i>	<i>Disfarce</i>	<i>Desfocar</i>	<i>Desfile</i>
<i>Esforço</i>	<i>Asfixia</i>	<i>Esfumaçar</i>					

Fonte: Autoria própria (2023).

É nítido que, quanto ao contexto seguinte e ao antecedente, a distribuição das palavras está bem equilibrada. Por outro lado, podemos perceber a predominância de substantivos.

4.5 AS VARIÁVEIS

4.5.1 Variável linguística dependente

Elegemos como variável dependente a palatalização do /S/ em posição de coda, de maneira exclusiva as variantes surdas: [s] e [ʃ]. Logo, realizamos uma análise binária.

4.5.2 Variáveis linguísticas independentes

É importante destacar que o favorecimento ou desfavorecimento da diversidade linguística pelos fatores linguísticos e extralinguísticos dá-se de forma autônoma. Conforme advogam Coelho *et al.* (2021, p. 20), “as variáveis independentes, como o nome sugere, idealmente não apresentam uma relação de dependência entre si.” Sublinhamos que essa independência não deve ser confundida com isolamento, uma vez que as variáveis se correlacionam no favorecimento da variação linguística.

Neste estudo, adotamos seis variáveis linguísticas, a saber: contexto fonológico antecedente, contexto fonológico seguinte, posição da fricativa na palavra, classe morfológica, número de sílabas e posição da fricativa em relação à sílaba tônica.

4.5.2.1 Contexto fonológico antecedente

Dividimos essa variável em três fatores:

Vogais labiais: [o, ɔ, u,], exemplos *poste e cuspir*.

Vogais coronais: [e, i, ε], exemplos *pesquisa, pista*.

Vogal dorsal: [a], exemplo *pasta*.

Construímos, com base na literatura sociolinguística, a hipótese de que o contexto antecedente - formado por vogais labiais - é o fator mais favorável à palatalização do /S/. Como um exemplar de estudos que chegaram a essa conclusão, enfatizamos a pesquisa de Monteiro (2009), em que as vogais labiais se revelaram as mais favorecedoras do fenômeno.

4.5.2.2 Contexto fonológico seguinte

Essa variável foi dividida em quatro fatores:

Labial: [p, f], exemplo *caspa e desfile*.

Coronal: [t], exemplo *pasta*.

Dorsal:[k], exemplo *escola*.

Contexto ausente, exemplo *dois*.

Partimos da hipótese de que o contexto, constituído pela consoante coronal /t/, é o mais favorável à realização alveolopalatal. Muitos estudos têm chegado à essa conclusão. Dentre eles, ressaltamos o de Macedo (2004), no qual esse fator foi o que se mostrou mais relevante para a palatalização do /S/.

4.5.2.3 Posição da fricativa na palavra

Essa variável foi dividida em dois fatores:

Coda medial, exemplo *poste*.

Coda final, exemplo *dois*.

A nossa hipótese é que a posição de coda medial da fricativa é a mais favorecedora da realização alveolopalatal. Inúmeras pesquisas subsidiaram a construção dessa hipótese, por exemplo, a de Brescancini (1996), na qual esse fator se mostrou o mais favorável ao processo.

4.5.2.4 Classe morfológica

Dividimos essa variável em quatro fatores:

Substantivo, exemplo: *escola*.

Verbo, exemplo: *estudar*.

Numeral, exemplo: *três*.

Outras classes, exemplo: *festiva*.

Empiricamente, temos como hipótese que o substantivo é a classe morfológica que mais favorece a realização alveolopalatal, porque, nas situações de fala do cotidiano, é possível identificar constantemente a produção alveolopalatal nos substantivos, como nas pronúncias pa[ʃ]tel, pi[ʃ]ta, po[ʃ]te e pa[ʃ]ta. Ademais, na pesquisa de Scherre e Macedo (2000), o substantivo próprio se revelou como favorável ao surgimento da variante.

4.5.2.5 Número de sílabas

Essa variável foi dividida em quatro fatores:

Monossílabo, exemplo: *mês*.

Dissílabo, exemplo: *pasta*.

Trissílabo, exemplo: *máscara*.

Polissílabo, exemplo: *distanciamento*.

Partimos da hipótese de que as palavras trissílabas favorecem a realização alveolopalatal. Construímos essa proposição com base em pesquisas já realizadas, como a de Bassi (2011), em que a variante alveolopalatal surda teve maior ocorrência em palavras trissílabas.

4.5.2.6 Posição da fricativa em relação à sílaba tônica

Dividimos essa variável em três fatores:

Pretônica, exemplo: *espada*.

Tônica, exemplo: *pista*.

Postônica, exemplo: *lápiz*.

Defendemos a hipótese de que a posição pretônica da fricativa é favorecedora da realização alveolopalatal. Chegamos a essa suposição por influência dos resultados de outras

pesquisas. Dentre elas, destacamos a de Lima (2017), na qual a posição pretônica se revelou como a mais favorável à produção da variante alveolopalatal.

4.5.3 Variáveis extralinguísticas

As variáveis extralinguísticas controladas neste estudo são: sexo/gênero, escolaridade, faixa etária e instrumento.

4.5.3.1 Sexo/gênero

Essa variável foi dividida em dois fatores: feminino e masculino.

Temos como hipótese que o gênero feminino é o que mais favorece a palatalização do /S/ em posição de coda. Chegamos a esse entendimento por meio de um levantamento de estudos sobre esse objeto, dado que, na maioria deles, as mulheres foram as que mais produziram a variante alveolopalatal. Esta constatação é comum aos estudos de Brescancini (1996) e Lima (2017), em que, em ambos, o gênero feminino se revelou o mais favorável ao fenômeno. No primeiro, a autora atribui o resultado ao prestígio da variante alveolopalatal na comunidade de fala; no segundo, Lima (2017) declarou não ter conseguido identificar uma variante como de prestígio.

Diversas pesquisas concluíram que o sexo/gênero exerce grande influência na variação linguística. Sobre esse assunto, Paiva (2021 [2003], p. 37) ressalta que “A análise da correlação entre gênero/sexo e a variação tem de, necessariamente, fazer referência não só ao prestígio atribuído pela comunidade às variantes linguísticas, bem como à forma de organização social de uma dada comunidade de fala.” Desse modo, o autor evidencia que tanto o prestígio da variante quanto a posição que ambos os gêneros ocupam na sociedade em que vivem são capazes de interferir nas suas escolhas linguísticas.

4.5.3.2 Escolaridade

Dividimos essa variável em três fatores: ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Partimos da hipótese de que essa variante é mais produzida pelos falantes que possuem grau de escolaridade mais baixo, representados, neste estudo, pelos participantes com ensino fundamental. A literatura sociolinguística não é unânime nesse ponto, contudo, muitas

pesquisas chegaram a essa conclusão. Entre elas, destacamos a pesquisa de Bassi (2011), na qual o grupo com menor grau de escolaridade se revelou o mais favorável à realização da variante alveolopalatal.

A escolaridade exerce enorme influência no comportamento linguístico do falante. É facilmente identificável a fala de uma pessoa com baixa escolaridade, assim como a fala de uma pessoa com alto grau de escolaridade. Ao ouvirmos uma gravação com a fala de duas pessoas com graus de escolaridade distintos, facilmente distinguiríamos um falante do outro. Esta é apenas uma demonstração da vasta influência que a escola exerce sobre a fala. A respeito disso, Votre (2021 [2003], p. 51) registra: “A observação do dia a dia confirma que a escola gera mudanças na fala e na escrita das pessoas que a frequentam e das comunidades discursivas. Constatamos, por outro lado, que ela atua como preservadora de formas de prestígio.”

A afirmação de Votre (2021 [2003]) evidencia que, ao se tratar da disputa entre variantes em uma comunidade de fala, a escola se posiciona como defensora da variante de prestígio, que quase sempre coincide com a variante falada pelo grupo de alto prestígio social.

4.5.3.3 Faixa etária

Essa variável foi dividida em dois fatores: faixa etária I – 17 a 34 anos e faixa etária II – 36 a 47 anos. Partimos da hipótese de que a variante alveolopalatal [ʃ] é favorecida pelos mais velhos. Alicerçamos essa proposição nos resultados de algumas pesquisas realizadas sobre esse tema, as quais concluíram que a faixa etária mais velha é a que mais favorece a palatalização do /S/. Entre elas, destacamos as pesquisas de Almeida (2019) e Macedo (2020).

Ademais, muitas outras pesquisas realizadas sobre esse tema concluíram que os mais velhos eram os que mais favoreciam a palatalização do /S/. Entre elas, destacamos novamente as de Macedo (2000) e Almeida (2019).

4.5.3.4 Instrumento

Dividimos essa variável em dois fatores: entrevista de experiência pessoal e lista de palavras. Partimos da hipótese de que a produção alveolopalatal é favorecida pelo estilo de fala menos monitorada, coletada sobretudo por meio da entrevista. Esta suposição está assentada em duas concepções: a primeira é que a variante alveolopalatal não é considerada de prestígio nessa comunidade de fala. A segunda é que a variante produzida de forma predominante na

lista de palavras coincide com a variante considerada de prestígio nesse dialeto.

Nesse sentido, citamos a pesquisa de Bassi (2011), na qual a autora constatou que a produção da variante alveolopalatal é favorecida pelo estilo de fala mais ou menos tenso (questionário) e menos tenso (conversa semidirigida). A autora identificou que, quanto maior o nível de escolaridade do falante, menos ele produz a variante alveolopalatal, resultado que, para Bassi (2011), revela indícios de que a variante alveolopalatal não é considerada de prestígio naquela comunidade de fala.

4.6 TRATAMENTO ESTATÍSTICO DOS DADOS

Nos 286 minutos de entrevistas, identificamos 1.118 (mil cento e dezoito) ocorrências do /S/ em posição de coda. As ocorrências, antes de serem submetidas ao programa *Goldvarb X*, receberam uma codificação. Esta consistiu em números e letras. Cada aplicação foi codificada com um conjunto de 11 caracteres. Nessa perspectiva, os códigos utilizados estão organizados no Quadro 7.

Quadro 7 – Codificação dos dados

Variável dependente	
Variante	Código
[s]	S
[ʃ]	X
Variáveis independentes	
Sexo/gênero	
Masculino	H
Feminino	M
Faixa etária	
Grupo I	17-34
Grupo II	36 – 47
Escolaridade	
Ensino Fundamental	3
Ensino Médio	4
Ensino Superior	5
Contexto fonológico antecedente	

Vogais labiais	B
Vogais coronais	R
Vogais dorsais	O
Contexto fonológico antecedente	
Labial	L
Coronal	C
Dorsal	D
Ausente	Z
Posição da fricativa na palavra	
Coda medial	E
Coda final	F
Classe morfológica	
Substantivo	S
Verbo	V
Numeral	N
Outras classes	W
Número de sílabas	
Monossílabo	U
Dissílabo	I
Trissílabo	T
Polissílabo	V
Posição da fricativa em relação à sílaba tônica	
Pretônica	P
Tônica	Y
Postônica	A
Instrumento	
Entrevista	G
Lista de palavras	M

Fonte: Autoria própria (2023).

Como exemplo, apresentamos uma ocorrência com a respectiva codificação po[ʃ]te, (xmh13bcesiy). Nesta ocorrência, podemos identificar que houve a palatalização (x). Durante

a leitura da lista de palavras (m), o participante, do gênero masculino (h), possui idade entre 17 e 34 anos (1) e ensino fundamental completo (3). O contexto fonológico antecedente é labial (b), o contexto fonológico seguinte é coronal (c), a posição de coda é medial (e), é um substantivo (s), é uma palavra dissílaba (i), e a fricativa se encontra na posição tônica (y).

Para realizar o tratamento estatístico dos dados, escolhemos o programa *Goldvarb X*, que é uma versão para *Windows* do pacote Varbrul. Para Guy e Zilles (2007, p. 105):

O varbrul é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística. A análise se chama 'multivariada' porque permite investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes.

A pesquisa sociolinguística de um fenômeno linguístico engloba vários fatores, visto que são necessárias a identificação e a descrição do contexto em que ele ocorre. Os estudos variacionistas consideram que tanto os fatores linguísticos quanto os extralinguísticos são capazes de influenciar a ocorrência do fenômeno.

O programa *Goldvarb X*, por meio de uma análise multivariada, quantifica a influência dos fatores que constituem as variáveis independentes na produção de variantes, estabelecendo a relação da variável dependente com diversas variáveis independentes simultaneamente. É válido ressaltar que o tratamento estatístico dos dados realizado pelo programa não torna irrelevante o trabalho desenvolvido pelo linguista pesquisador, pois a submissão dos dados é precedida por várias tarefas realizadas por ele, sendo a seleção dos fatores a mais relevante. Essa ação está atrelada ao conhecimento que o pesquisador possui sobre o fenômeno investigado.

Além disso, é o linguista quem faz a interpretação dos dados estatísticos, o que requer uma capacidade reflexiva que ultrapasse os dados numéricos. A Teoria da Variação não impõe a quantidade de fatores que devem ser considerados em uma pesquisa; essa decisão é uma atribuição do pesquisador. Nesse sentido, Naro (2012, p. 15) ressalta que “As limitações são do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, levantar e codificar os dados empíricos corretamente e, sobretudo, interpretar os dados numéricos dentro de uma visão teórica da língua.”

As palavras do autor evidenciam que o pesquisador precisa conhecer o objeto ao qual se propõe a pesquisar, bem como ser conhecedor da teoria que servirá de base para a análise do fenômeno, uma vez que - somente de posse do entendimento da teoria e do objeto - ele estará

apto tanto para selecionar os fatores que possuem relação com o objeto de investigação quanto para interpretar os dados coletados.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos os dados, bem como a discussão dos resultados. Retomamos as hipóteses adotadas para as variáveis dependentes e independentes da pesquisa, com intuito de mostrar se foram confirmadas ou refutadas. Realizamos, também, o cotejamento dos resultados encontrados nesta pesquisa com os de outras que tratam do mesmo objeto. Ademais, discorreremos sobre os contextos condicionantes da palatalização do /S/ no falar barrodurense.

5.1 A AMOSTRA

A amostra totalizou 1.118 (mil cento e dezoito) ocorrências das variantes [s] e [ʃ], que foram submetidas a várias rodadas no programa *Goldvarb X*. A primeira rodada apresentou nocautes² em grupos diferentes, a saber: contexto fonológico seguinte e posição da fricativa em relação à sílaba tônica. No primeiro, o fator que gerou o nocaute foi o labial e, no segundo, o postônico.

Para a retirada desses nocautes, realizamos dois processos distintos. No grupo "contexto fonológico seguinte", amalgamamos os fatores labiais e dorsais, que se transformaram no fator "não coronal". Com essa amalgamação, o grupo passou a ter a seguinte constituição: coronal, ausência de contexto seguinte e não coronal. No outro grupo, optamos por excluir o fator postônico. Em seguida, procedemos para a segunda rodada, que gerou um resultado com vários nocautes, desta vez, em outros grupos. Com esse resultado, decidimos fazer mais uma alteração e excluimos o fator labial do grupo "contexto seguinte".

Conforme defendem Guy e Zilles (2007), o pesquisador, antes de eliminar os nocautes, precisa avaliar se eles são, de fato, um nocaute verdadeiro ou um nocaute falso. O último, segundo os autores, é consequência de uma quantidade insuficiente de dados. Eles apontam que menos de 30 dados indicam um nocaute falso, enquanto mais de 30 dados indicam um nocaute verdadeiro. Logo, podemos afirmar que os nocautes encontrados na primeira rodada são verdadeiros, visto que resultaram de 307 ocorrências do fator labial e 76 ocorrências do fator

² Conforme Guy e Zilles (2007, p. 158), Um nocaute, na terminologia de análise do Varbrul, é um fator que, num dado momento da análise corresponde a uma frequência de 0 % ou 100% para um dos valores da variável dependente.

postônico, o que nos permitiu segurança em excluí-los. Todavia, esses resultados também são abordados nesta discussão.

Desse modo, realizamos a terceira rodada, a qual não apresentou nenhum nocaute, resultado que possibilitou o cálculo dos pesos relativos. É relevante enfatizar que, das 10 variáveis independentes controladas nessa pesquisa, seis foram selecionadas como relevantes pelo programa, tanto no processo *step - up* como no *step - down*, a saber: contexto fonológico seguinte, instrumento, posição da fricativa na palavra, número de sílabas, posição da fricativa em relação à sílaba tônica e contexto fonológico antecedente. Ademais, a variável "classe morfológica" foi a única do grupo das linguísticas que não foi selecionada como relevante. No sentido oposto, encontram-se as variáveis extralinguísticas, pois somente a variável "instrumento" foi selecionada, enquanto as variáveis "gênero", "faixa etária" e "escolaridade" não foram consideradas relevantes pelo programa. É importante destacar que a seleção das seis variáveis não ocorreu em uma única rodada.

A terceira rodada foi realizada com as 10 variáveis controladas na pesquisa, resultando na seleção das variáveis "contexto fonológico seguinte" e "instrumento". No entanto, a variável "contexto fonológico seguinte" apresentou uma distribuição bastante irregular, com alta aplicação no contexto coronal e baixíssima aplicação nos contextos ausente e dorsal. Segundo Guy e Zilles (2007), a distribuição desequilibrada dos dados entre os fatores de uma variável pode alterar a análise, motivo pelo qual essa variável pode ser eliminada em rodadas posteriores. Corroborando com as ideias dos autores, acreditamos que a variável "contexto fonológico seguinte", que apresenta um desequilíbrio na distribuição dos dados, pode ter interferido na seleção de outras variáveis pelo programa. A esse entendimento, acrescentamos o fato de que muitas dessas variáveis que não foram selecionadas nesta pesquisa já foram consideradas relevantes em várias pesquisas realizadas com este objeto, destacando-se as de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000) e Lima (2017).

À vista disso, realizamos uma quarta rodada, na qual a variável "contexto fonológico seguinte" foi excluída. O resultado comprovou a interferência desse grupo de fatores na seleção das outras variáveis, dado que, nessa rodada, foram selecionadas como relevantes cinco variáveis: posição da fricativa na palavra, número de sílabas, instrumento, posição da fricativa em relação à sílaba tônica e contexto fonológico antecedente.

O fato de as variáveis extralinguísticas gênero, faixa etária e escolaridade não terem sido selecionadas como relevantes nos chamou a atenção, visto que, em várias pesquisas com esse objeto, ao menos uma dessas variáveis é comumente apontada como favorecedora do

fenômeno. Por esse motivo, decidimos realizar uma rodada apenas com essas variáveis, para verificar se elas realmente não eram significantes ou se alguma variável linguística estava interferindo na seleção. O resultado dessa rodada indicou que nenhuma dessas variáveis tinha significância. Dessa forma, podemos afirmar que elas não são condicionadoras da palatalização do /S/ nesta comunidade de fala.

Com a variável "classe morfológica", também buscamos nos certificar se ela realmente não tinha significância para o processo ou se a não seleção era consequência de algum problema com os dados. Ao analisar os resultados de todas as variáveis, identificamos a falta de ortogonalidade entre a variável "posição da fricativa na palavra" e a variável "número de sílabas", dado que houve uma co-ocorrência exclusiva entre o fator "coda final" da variável "posição da fricativa na palavra" e o fator "monossílabo" da variável "número de sílabas". Isso ocorreu porque a produção da variante alveolopalatal nesses dois contextos foi realizada na mesma palavra: "dois".

A respeito dessa temática, Guy e Zilles (2007) defendem que a falta de ortogonalidade entre grupos de fatores pode ser solucionada com a exclusão de um dos grupos envolvidos. Com base na identificação da não ortogonalidade e na conclusão de que a variável "contexto fonológico seguinte" interferia na seleção de outras variáveis, conforme defendem os autores supracitados, decidimos realizar uma rodada sem as variáveis "contexto fonológico seguinte" e "número de sílabas".

Nessa rodada, foram selecionadas as variáveis "posição da fricativa na palavra", "instrumento", "contexto antecedente" e "posição da fricativa em relação à sílaba tônica". Com base no exposto, concluímos que a variável "classe morfológica" não atua como condicionadora desse fenômeno no dialeto de Barro Duro – PI.

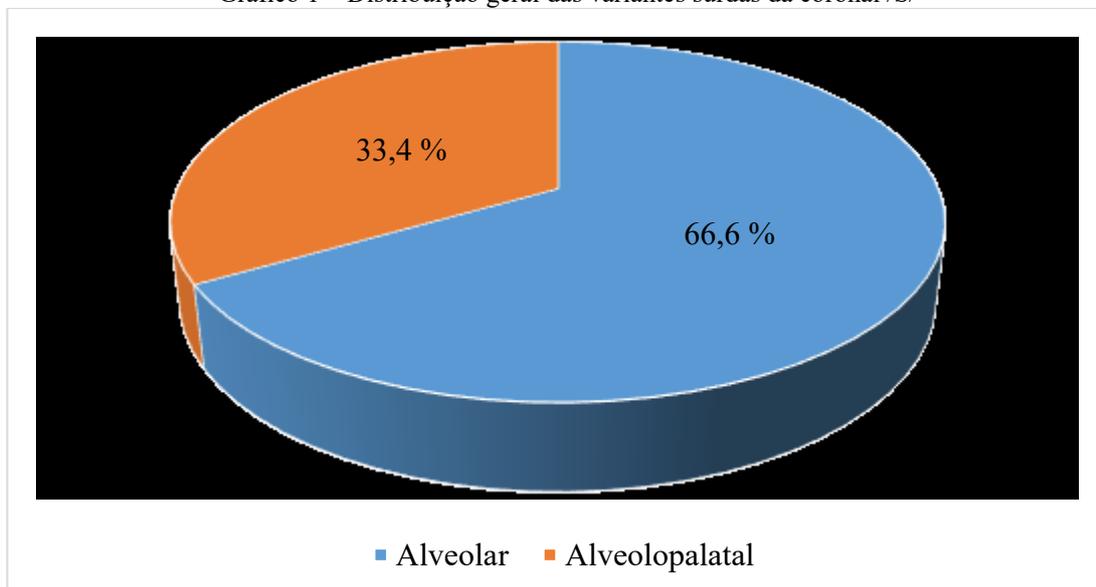
Nesse primeiro momento, apresentaremos os resultados da frequência global das variantes alveolar [s] e alveolopalatal [ʃ] e, em seguida, discutiremos os resultados de todas as variáveis selecionadas como relevantes.

5.2 FREQUÊNCIA GLOBAL DAS VARIANTES SURDAS DA CORONAL /S/

Os resultados obtidos com a rodada dos dados no Programa Goldvarb X revelaram que a comunidade de fala de Barro Duro – PI realiza mais a variante alveolar [s] do que a variante alveolopalatal [ʃ], ao mesmo tempo que demonstra a coexistência das duas variantes na comunidade. É importante ressaltar que os percentuais de produção da variante alveolar [s] não

a definem como variante categórica do dialeto em questão. Esses resultados estão representados no gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Distribuição geral das variantes surdas da coronal /S/



Fonte: Autoria própria (2023).

As variantes foram produzidas 1.118 (mil cento e dezoito) vezes. Desse total, 373 (33,4%) correspondem à variante alveolopalatal e 745 (66,6%) à variante alveolar. Com base nos resultados expostos no gráfico 1, inferimos que no dialeto barrodurense predomina a realização da variante alveolar [s]. A referida variante registrou quase o dobro do percentual da variante alveolopalatal [ʃ]. É digno de nota que o dialeto de Barro Duro – PI, até o momento, não havia sido pesquisado. Entretanto, partimos da hipótese de que a variante alveolar é predominante nessa comunidade de fala. Essa suposição é alicerçada em fatos empíricos, visto que é possível perceber em conversas cotidianas que essa variante ocorre em contextos diversos, enquanto a produção da variante alveolopalatal [ʃ] parece estar restrita ao contexto seguinte constituído pela coronal /t/. A título de exemplo, isso pode ser observado nas pronúncias das palavras pa[ʃ]ta, po[ʃ]te e pi[ʃ]ta.

A distribuição das ocorrências expostas no gráfico 1 revela uma divergência em relação às pesquisas de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Monteiro (2009) e Bassi (2011), visto que, em todas elas, a variante alveolopalatal foi apontada como predominante. Entretanto, os resultados divergem das pesquisas de Macedo (2004) e Lima (2017), em que a realização alveolar é preponderante. É oportuno salientar que as pesquisas que condizem com esta foram também realizadas em comunidades de fala da região Nordeste.

Com a observação sobre a predominância da variante alveolopalatal em estudos realizados na região Nordeste, não pretendemos afirmar que essa é a realidade em todos os dialetos que a compõem. Contudo, objetivamos estimular uma reflexão sobre o comportamento das variantes em cada região.

5.3 VARIÁVEIS RELEVANTES

Os resultados estão dispostos seguindo a ordem de relevância do programa. Desse modo, apresentamos primeiro as variáveis selecionadas na rodada com todas as variáveis controladas na pesquisa e, em seguida, as variáveis selecionadas sem a variável contexto fonológico seguinte.

5.3.1 Variável contexto fonológico seguinte

Essa variável foi a primeira selecionada pelo programa como relevante ao processo de palatalização do /S/ na amostra pesquisada. Sob esse prisma, iniciamos a discussão com ela. Os dados da aplicação do [ʃ], em função do contexto seguinte, estão disponibilizados na Tabela 1.

Tabela 1 – A influência do contexto fonológico seguinte na realização da alveolopalatal [ʃ]

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Coronal t Pa[ʃ]ta Pi[ʃ]ta	390	371	95,1%	0,98
Ausente Doi[ʃ]	189	1	0,5 %	0,01
Dorsal k Bi[ʃ]coito	232	1	0,4%	0,01
Total	811	373	33,4%	-

Input: 0.217

Significância: 0.00

Pontuamos que este grupo foi um dos que sofreram a eliminação de um dos seus fatores. O fator eliminado foi o labial, constituído por /f, p/. Como exemplo dessas aplicações, apontamos as pronúncias e[s]parro e de[s]file. Ao todo, foram computadas 308 ocorrências, todas pronunciadas com a variante [s]. Logo, inferimos que, na referida comunidade de fala, o contexto seguinte labial é um inibidor do processo de palatalização do /S/.

Sublinhamos que a análise dessa variável responde à hipótese básica da pesquisa, a qual propõe que o [ʃ] é uma variante categórica diante da coronal /t/. Em outras palavras, o /S/ sofreria palatalização em 100% das vezes em que o contexto fonológico seguinte fosse a referida coronal. Como podemos observar nos dados, em termos de frequência, a hipótese foi refutada, uma vez que das 390 ocorrências com esse contexto, 371 correspondem à aplicação da alveolopalatal [ʃ], atingindo um percentual de 95,1% de aplicação, o que configura uma regra semicategórica. Conforme defende Labov (2003), a regra categórica ocorre em 100% dos casos, enquanto a regra semicategórica ocorre entre 95% e 99%. Não obstante, a análise do peso relativo nos convence de que, nesse contexto, a variante é categórica.

A aplicação da alveolopalatal [ʃ] diante da coronal /t/ atingiu um peso relativo de 0,98, o que nos leva a inferir que esse fator é um exímio condicionador do processo de palatalização do /S/. Já diante da dorsal /k/ e na ausência de contexto seguinte, a variante alcançou peso de apenas 0,01 em ambos os contextos, situação que evidencia o papel inibidor do fenômeno desempenhado por esses dois fatores. Logo, esses resultados nos permitem concluir que, nessa comunidade de fala, a coronal /t/ não é apenas o contexto seguinte mais favorável ao fenômeno, mas também a principal responsável pela realização do processo de palatalização do /S/. À vista disso, expomos exemplos dessas produções.

Teve re[ʃ]trição bem no começo.

As mudanças tri[ʃ] tes.

Mais sobressai, conqui[ʃ]tei a estabilização de não fechar, né. Participante 9 (gênero feminino, faixa etária II, ensino médio).

É válido salientar que as duas palavras que sofreram palatalização sem a coronal /t/ no contexto seguinte, a saber: *dois* e *biscoito*, ambas possuem a vogal coronal *i* como contexto antecedente. Contudo, não podemos afirmar que esse fator tenha exercido influência no fenômeno, mas isso pode ser um indício de sua contribuição para esse resultado. O caso de apenas uma ocorrência sem contexto seguinte ter sofrido palatalização reforça ainda mais a concepção de que o contexto seguinte exerce grande influência nesse fenômeno linguístico. Quanto a essas duas ocorrências, outro aspecto também precisa ser mencionado: ambos os participantes que realizaram essas produções são do gênero masculino, porém, são de faixas etárias e escolaridades diferentes. Podemos presumir que as variáveis extralinguísticas sexo,

gênero e faixa etária não exerceram influências nessas realizações, uma vez que foram consideradas irrelevantes pelo programa para a ocorrência do fenômeno.

Salientamos que o número de ocorrências dos fatores contexto ausente, coronal, dorsal e labial, respectivamente, 189, 390, 232 e 308, não pode ser utilizado como justificativa para a pouca aplicação ou a não aplicação da variante [ʃ]. Um fato que afasta totalmente a possibilidade de associação entre o número de ocorrências e a aplicação da alveolopalatal é o caso do fator labial, que conta com 308 ocorrências e, mesmo assim, o [ʃ] não foi produzido.

À vista disso, podemos afirmar que esses resultados são consequências da influência da articulação desses segmentos, no qual a articulação coronal favorece, ao passo que a dorsal, labial, bem como a ausência de uma articulação no contexto seguinte, inibem o processo. Portanto, o articulador ativo envolvido na prolação dos segmentos que constituem o contexto seguinte é determinante para a realização do fenômeno.

Enfatizamos que, das 390 ocorrências com a coronal /t/ no contexto seguinte, somente 19 foram realizadas com a variante alveolar [s], e 11 dos 16 participantes pronunciaram somente a alveolopalatal [ʃ] quando o /t/ ocupava essa posição. As 19 aplicações da variante [s] tornam-se inexpressivas diante das 371 aplicações da variante [ʃ]. Ademais, não podemos deixar de destacar que todas as pronúncias com a variante alveolar, nesse contexto, ocorreram durante a leitura da lista de palavras, instrumento que facilita um maior monitoramento da fala pelo participante, contribuindo para o surgimento de fala com um nível de formalidade mais alto. Esse papel desempenhado pela lista de palavras já foi observado por Labov (2008, [1972]).

Por outro lado, a baixa aplicação nos contextos seguinte dorsal e ausência de contexto, e a não aplicação diante de consoantes labiais, apontam que, nessa comunidade de fala, a palatalização do /S/ é condicionada quase que de maneira exclusiva pela coronal /t/. Essa constatação justifica a predominância da variante alveolar nessa comunidade de fala, tendo em vista que ela é condicionada por mais contextos, a saber: dorsal, labial e contexto seguinte ausente.

Estes resultados endossam o que Silva (2021 [1991]) advoga quanto à capacidade do contexto de modificar um som, ao mesmo tempo que convergem com as pesquisas de Macedo (2004) e Hora (2016), nas quais o contexto seguinte constituído pela coronal /t/ se revelou um importante condicionador do processo de palatalização do /S/. Não obstante, divergem da pesquisa de Brescancini (1996), em que a coronal /t/, nessa mesma posição, se revelou desfavorável à realização da variante alveolopalatal.

Portanto, inferimos que o contexto seguinte, constituído pela coronal /t/, assume um papel de destaque no favorecimento da variante [ʃ] nessa comunidade de fala, dado que, nesse contexto, a variante alveolopalatal é categórica.

5.3.2 Variável instrumento

É perceptível que os falantes constantemente alternam estilos de fala. Assim sendo, acreditamos que, por meio dessa variável, é possível identificar estilos de fala diferentes, tendo em vista que os fatores que a constituem, a saber: entrevista de experiência pessoal e lista de palavras, são apontados por Labov (2008 [1972]) como instrumentos propícios à coleta de falas de graus de monitoramento distintos. Ao eleger essa variável, supomos que a variante alveolopalatal é favorecida pelo estilo de fala menos monitorado, que nesta pesquisa está mais propenso a emergir durante a entrevista. As aplicações do [ʃ] com relação a essa variável estão apresentadas na tabela 2.

Tabela 2 – A influência da variável instrumento na produção da variante alveolopalatal [ʃ]

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Entrevista	451	213	47,2 %	0,71
E[ʃ]tado Evari[ʃ]ta				
Lista de palavras	666	159	23,9 %	0,34
Pi[ʃ]ta Po[ʃ]te				
Total	1118	372	33,4%	-

Input: 0.168

Significância: 0.000

O peso relativo de 0,71 atingido pela variante alveolopalatal [ʃ] na entrevista revela esse fator como favorável ao processo em voga, confirmando a hipótese inicial adotada para essa variável. Além disso, assim como esperávamos, a produção alveolopalatal alcançou, na lista de palavras, um peso de 0,34, o qual se encontra abaixo do valor considerado neutro, demonstrando, com isso, que esse fator atua como inibidor dessa variante.

É oportuno salientar que o primeiro instrumento utilizado foi a entrevista e, posteriormente, a lista de palavras. Assim sendo, identificamos que os falantes alternaram de estilo, migrando do estilo menos formal, correspondente ao produzido durante a entrevista, para

o mais formal, que emergiu durante a leitura da lista de palavras. Tal constatação corrobora o que afirma Labov (2008 [1972]) sobre a inexistência de falantes de estilo único. Nesse caso específico, a alternância de estilo foi promovida tanto pela mudança de tópico quanto pelo aparato utilizado para a coleta de fala.

O maior monitoramento realizado durante a leitura da lista de palavras é comprovado nos dados de fala do Participante 1, que pronunciou o vocábulo *poste* de duas maneiras diferentes: primeiro com a alveolopalatal [ʃ], e em seguida corrigiu-se imediatamente, pronunciando-o uma segunda vez com a alveolar [s]. Para melhor compreensão do ocorrido, expomos a transcrição desse acontecimento:

“*po[ʃ]te ... po[s]te*”. Participante 1 (gênero masculino, faixa etária II, ensino superior.)

Essa autocorreção realizada pelo Participante 1 nos leva a pensar que ele diminui o monitoramento quando pronunciou a alveolopalatal e aumentou logo em seguida, situação que comprova a mudança de estilo em uma mesma fala. Tal ação nos leva a crer que, para ele, a variante alveolar é mais formal, tendo em vista que foi a pronúncia consequência de uma autocorreção. Essa situação evidencia que o falante alternou do estilo menos formal para o mais formal, habilidade comum aos falantes.

Um fato que nos chamou a atenção foram as produções com a alveolar [s] diante da coronal /t/, visto que a variante [ʃ], como já constatado neste estudo, é categórica nesse contexto. Buscando entender os aspectos que poderiam ter influenciado essas produções, chegamos à conclusão de que o nível de monitoramento pode ser o responsável, bem como a maior facilidade de um falante específico, Participante 1, em alternar de estilo, uma vez que este participante foi o autor de 9 das 19 ocorrências com o contexto em questão, ou seja, é o responsável por 47,36% das ocorrências com a variante [s]. O comportamento desse participante no tocante a essas produções evidencia que ele se destaca dentre os demais como o que mais molda sua fala pelos padrões da norma que considera culta. Essa atitude o enquadra em um perfil específico de falante, sobre o qual Labov (2008 [1972]) explica: nas comunidades de fala é possível identificar falantes que exibem um comportamento linguístico mais influenciado pelo modelo extrínseco de primazia da fala, os quais são responsáveis por uma maior alternância de estilo.

A conclusão de que o grau de monitoramento influenciou nessas produções é reforçada pelo fato de que, durante a entrevista, esse mesmo participante palatalizou todas as palavras

com a coronal /t/ no contexto seguinte. Como demonstração dessa realidade, expomos três de suas falas:

- 1- *As pessoas muito assu[ʃ]tados, com medo.*
- 2- *Sou uma pessoa muito fe[ʃ]tiva.*
- 3- *Porque tudo é regulamentado no si[ʃ]tema*

O fato de o Participante 1 e os demais terem pronunciado as palavras com o referido contexto como alveolar somente na leitura da lista de palavras evidencia que, para eles, a variante [s] é a mais prestigiada, transmitindo a ideia de que a pronúncia com a variante [ʃ] é a mais próxima da fala vernacular desses falantes nesse contexto específico. Chegamos a essa conclusão em virtude de esse instrumento ser considerado como propício ao surgimento da fala formal, que coincide, na maioria das vezes, com a de maior prestígio na comunidade de fala.

Para tornar esses fatos ainda mais compreensíveis, salientamos as ocorrências com a coronal /t/ no contexto seguinte, que não sofreram palatalização. Para tanto, expomos a lista de palavras lida por todos os participantes.

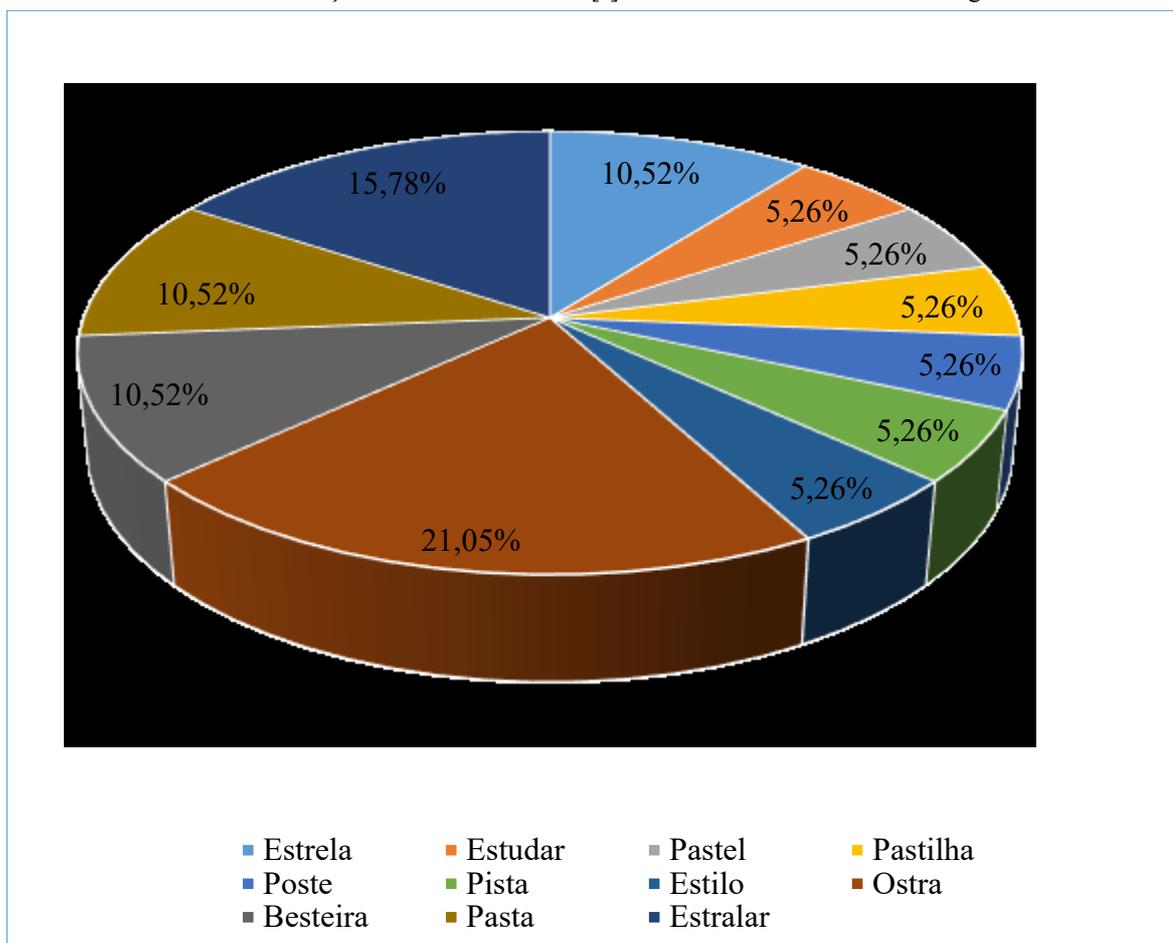
Quadro 6 – Lista de palavras

Escolher	Esquiar	Espalhar	Estudar	Pesquisar	Escovar	Escalar	Espiar
Dois	Três	Óculos	Bônus	Lápis	Biscoito	Pastel	Pastilha
Biscate	Pista	Escama	Asco	Ostra	Páscoa	Poste	Besteira
Espada	Espelho	Estilo	Espiga	Pasta	Estrela	Estralar	Espuma
Esparro	Esparramar	Espirro	Desfilar	Desfecho	Disfarce	Desfocar	Desfile
Esforço	Asfixia	Esfumaçar					

Fonte: Autoria própria (2023).

Como podemos observar, 11 palavras da lista apresentam a coronal /t/ no contexto seguinte; todavia, nem todas elas foram pronunciadas com a variante [ʃ] por todos os participantes. Para melhor compreensão das aplicações da variante [s] com o /t/ no contexto seguinte, organizamo-las em um gráfico:

Gráfico 2 – Realização da variante alveolar [s] com a coronal /t/ no contexto seguinte



Fonte: Autoria própria (2023).

Das 11 palavras da lista que apresentam a coronal /t/ no contexto seguinte, todas foram pronunciadas pelo menos uma vez com o [s] alveolar. Dessas pronúncias, foi identificada uma peculiaridade na palavra *poste*, dado que foi a única da lista de palavras na qual a produção alveolar foi consequência de uma autocorreção. No Gráfico 2, é possível observar os percentuais das aplicações alveolares com o /t/ no contexto seguinte. Os dados revelam que as palavras *ostras* e *estralar* foram as mais pronunciadas com a variante [s], respectivamente, 4 e 3 vezes. Linguisticamente, elas não compartilham características, visto que a primeira é um substantivo dissílabo, tônico e com contexto antecedente labial, enquanto a segunda é um verbo trissílabo, pretônico e com contexto antecedente coronal. Logo, não podemos atribuir a nenhum desses traços a função inibidora do processo de palatalização do /t/.

A falta de explicação desse resultado por fatores linguísticos fica explícita, sobretudo, se compararmos as características linguísticas da palavra "*ostra*", pronunciada 4 vezes com o [s] alveolar, e da palavra "*poste*", pronunciada uma única vez. Ambas compartilham algumas

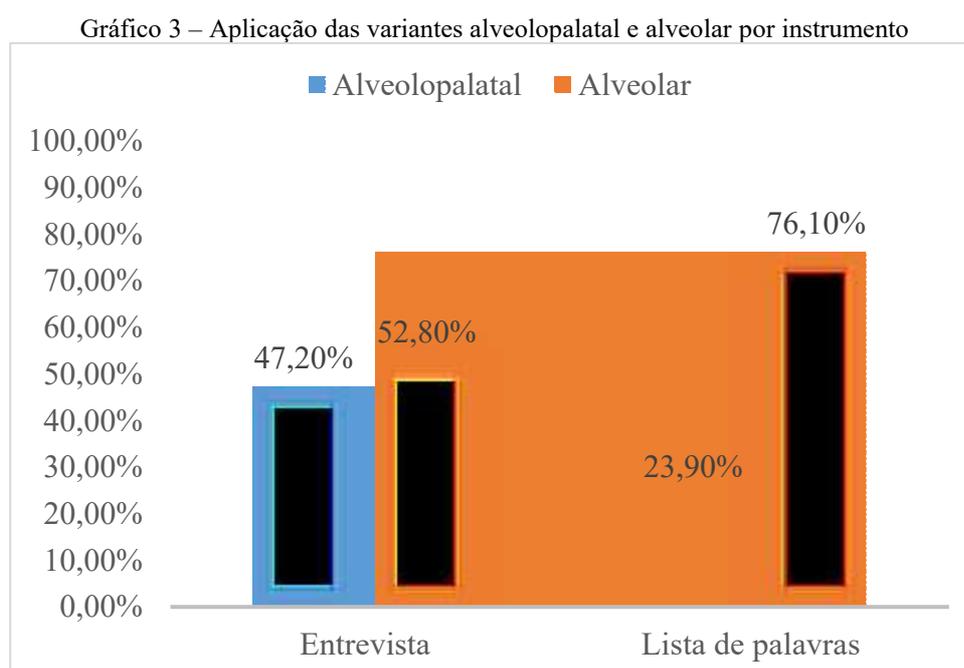
características linguísticas, a saber: contexto antecedente (vogal labial "o"), classe morfológica (substantivo), número de sílabas (dissílabas) e posição em relação à sílaba tônica (tônica).

Quanto às variáveis extralinguísticas — sexo, faixa etária e nível de escolaridade —, é possível afirmar que elas não exerceram influência nessas realizações, uma vez que os participantes que realizaram as pronúncias em questão são representantes das faixas etárias I e II, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior, e dos sexos masculino e feminino.

Apoiados nessas constatações, podemos presumir que, no caso do vocábulo *ostra*, essa pronúncia pode estar relacionada ao fato de essa palavra não ser comum nesse dialeto, em virtude de esse alimento não fazer parte da culinária dessa comunidade de fala. Portanto, alguns dos falantes podem tê-la pronunciado de acordo com o dialeto em que ela mais ocorre, e esse contato pode ter sido mediado pelas mídias sociais.

Por conseguinte, inferimos que a variante alveolopalatal não é considerada de prestígio pelos falantes dessa comunidade de fala, uma vez que no estilo mais formal, isto é, aquele com maior grau de monitoramento, a variante alcançou peso que indica desfavorecimento, 0,34. É válido registrar que o prestígio da variante no dialeto barrodureense diverge do que ela detinha no momento em que foi introduzida pela Corte Portuguesa no português brasileiro, quando era considerada de grande prestígio.

Com intuito de ilustrar ainda mais essa conclusão, trouxemos os percentuais de aplicação das duas variantes sob a influência da variável instrumentos. Esses dados se encontram ilustrados no gráfico 3.



Fonte: Autoria própria (2023).

Podemos observar, nos dados do Gráfico 3, que a diferença no número de aplicações entre as duas variantes produzidas durante a entrevista é de apenas 5,6%, com prevalência da realização alveolar, situação que demonstra certo equilíbrio entre elas quando são produzidas em um estilo de fala menos formal. Enquanto isso, quando se trata de um estilo mais formal, aquele produzido com um grau de monitoramento alto, há uma grande discrepância avulta, visto que, nesse contexto, há uma diferença na aplicação de 52,2%, com predomínio da variante alveolar.

Desse modo, presumimos que os falantes se esforçam para não produzir a alveolopalatal [ʃ], dado que ela surge em maior proporção quando estão em situação de menor monitoramento. Portanto, essa análise endossa o que já afirmamos em linhas anteriores sobre o prestígio dessa variante na comunidade de fala de Barro Duro – PI.

Esses resultados estão em consonância com os de Bassi (2011), referindo que a produção alveolopalatal é favorecida pelo estilo menos formal.

5.3.3 Variável posição da fricativa na palavra

A posição do /s/ na palavra tem se destacado como fator capaz de exercer influência no processo de palatalização do /S/. Desse modo, ao iniciarmos esta pesquisa, acreditávamos que a posição de coda medial era a mais favorável à realização da variante [ʃ]. Enfatizamos que os resultados encontrados confirmaram nossa hipótese. Os dados que nos conduziram a esta conclusão podem ser observados na tabela a seguir.

Tabela 3 – Realização da alveolopalatal [ʃ] em função da posição na palavra

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Coda Medial E[ʃ]tado Pre[ʃ]tava	927	372	40,1%	0,84
Coda Final Doi[ʃ]	191	1	0,5%	0,00
Total	1118	373	33,4%	-

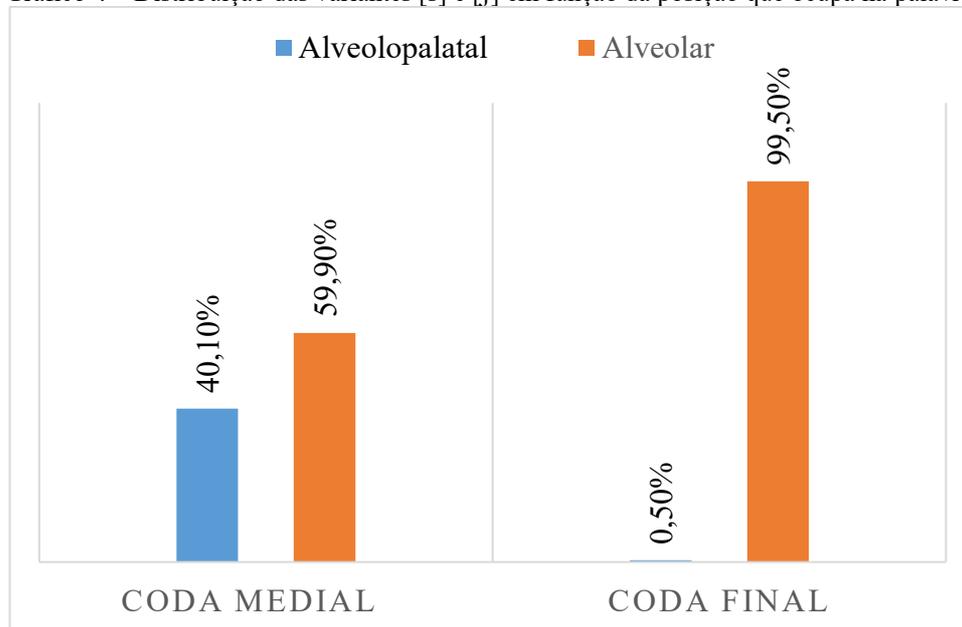
Input: 0.169

Significância: 0.519

Como podemos observar na tabela 3, a aplicação da variante [ʃ] em posição de coda final alcançou peso relativo de 0,00, o que nos permite afirmar que essa posição desfavorece à palatalização do /S/. A única realização alveolopalatal nesse contexto ocorreu com o numeral *dois*, um vocábulo que compunha a lista de palavras. A baixa aplicação da variante nesse contexto corrobora a influência do contexto seguinte na realização do fenômeno. Além disso, não devemos atribuir esse resultado ao número de ocorrências do /s/ em posição de coda final, visto que havia 191 possibilidades de aplicação da variante nesse ambiente. Enquanto isso, a produção da variante alveolopalatal, na posição de coda medial, atingiu peso relativo 0,84, resultado que aponta a coda medial como um forte condicionador da variante alveolopalatal [ʃ], ao mesmo tempo que ratifica a relevância do contexto seguinte para realização do processo em voga.

Por mais que os pesos relativos tenham demonstrado o papel da coda final e da coda medial na realização do processo em discussão, consideramos relevante apresentar os percentuais das variantes alveolar e alveolopalatal com relação a essa variável. Nesse sentido, expomos os dados por meio do Gráfico 4.

Gráfico 4 – Distribuição das variantes [s] e [ʃ] em função da posição que ocupa na palavra.



Fonte: Autoria própria (2023).

Ao analisar o Gráfico 4, é possível perceber que a posição de coda final inibe a realização da variante alveolopalatal, pois, nessa posição, a palatalização do /S/ só ocorreu uma

única vez, atingindo um percentual de 0,5%. Nesse contexto, registrou-se uma discrepância no número de aplicações de mais de 99% entre as variantes, sendo a alveolar a mais realizada.

Quanto à posição de coda medial, esta demonstra um maior equilíbrio entre as duas produções, com 40,1% da variante alveolopalatal e 59,9% da variante alveolar. Entretanto, a variante alveolar é responsável pelo maior número de aplicações também nesse contexto. Para efeito de ilustração, expomos três dessas realizações:

- 1- *Assim que chegou nos e[[f]tados.*
- 2- *Assi[[f]tia porque precisava saber.*
- 3- *Meu filho go[[f]tava.* Participante 10 (gênero masculino, faixa etária II, ensino fundamental)

Enfatizamos que esses resultados estão em consonância com os de Brescancini (1996), Monteiro (2009) e Bassi (2011). Em todos esses estudos, o fator coda medial se destacou como relevante para a realização da variante alveolopalatal [[f].

É relevante salientar que a posição de coda medial, em todos os estudos consultados por nós com esse objeto, apresentou peso relativo superior ao da coda final, embora em alguns deles tenha atingido peso próximo do ponto neutro, como é o caso do estudo realizado por Lima (2017).

5.3.4 Variável número de sílabas

Essa variável tem se revelado em muitas pesquisas da área como capaz de influenciar a ocorrência das variantes alveolar e alveolopalatal. A hipótese inicial de que as palavras trissílabas eram as mais favorecedoras do processo de palatalização do /S/ foi refutada. Os resultados que nos levaram a essa conclusão estão organizados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – A influência do número de sílabas na palatalização do /S/

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Dissílabo Pi[[f]ta Po[[f]te	217	110	50,7%	0,81
Polissílabo Di [[f]tribuído Di[[f]tanciamento	146	68	46,6 %	0,50

Trissílabo	665	194	29,2%	0,48
E[ʃ]tranho				
Re[ʃ]tritas				
Monossílabo	90	1	1,1%	0,04
Doi[ʃ]				
Total	1118	373	33,4%	-

Input: 0.190

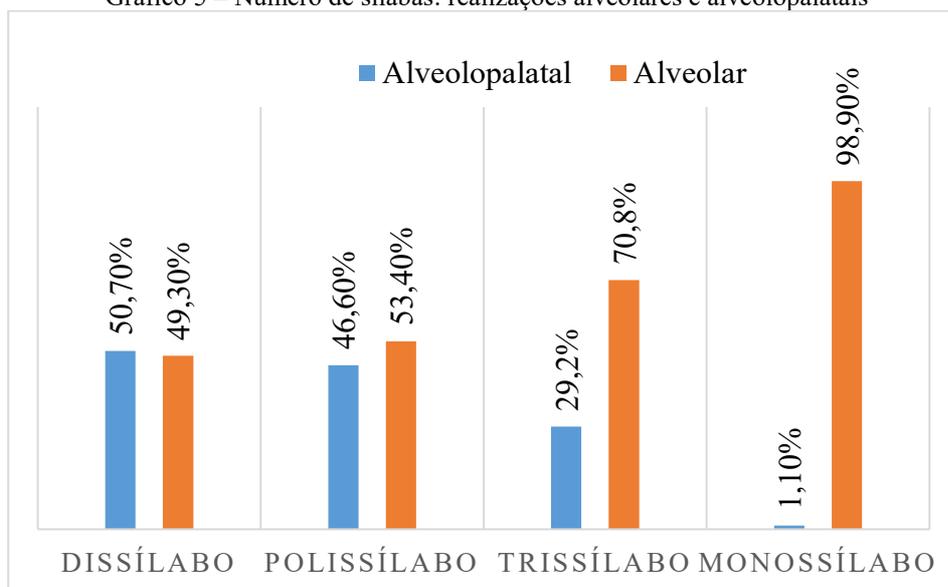
Significância: 0.003

Os resultados explicitados na Tabela 4 apontam os fatores monossílabos e trissílabos como inibidores do processo de palatalização do /S/, uma vez que alcançaram, respectivamente, os pesos 0,04 e 0,48. É importante sublinhar que o número de ocorrências de palavras monossílabas é o menor entre todas as outras classificações; entretanto, as palavras trissílabas registraram o maior número de ocorrências e, mesmo assim, atingiram um peso que revela seu desfavorecimento ao fenômeno. Logo, seguindo esse raciocínio, não podemos atribuir o baixo peso relativo alcançado pelos monossílabos ao número de ocorrências do /s/ nesse contexto. Enquanto isso, as palavras polissílabas atingiram um peso neutro de 0,50, o que significa que elas não favorecem nem desfavorecem o fenômeno em estudo.

Como podemos observar, as palavras dissílabas alcançaram um peso relativo de 0,81, resultado que demonstra que esse fator atua como um condicionador da palatalização do /S/ nesse dialeto. Em vista disso, inferimos que, nesta comunidade de fala, a palatalização é favorecida pelas palavras dissílabas e inibida pelas monossílabas e trissílabas, enquanto as polissílabas se revelam indiferentes ao processo.

Os pesos relativos revelados na Tabela 4 evidenciaram os fatores favoráveis, desfavoráveis e neutros para a produção da variante alveolopalatal [ʃ]. Contudo, consideramos oportuno discutir a produção das variantes alveolar e alveolopalatal em função dessa variável. Para tanto, expomos as aplicações em um gráfico.

Gráfico 5 – Número de sílabas: realizações alveolares e alveolopalatais



Fonte: Autoria própria (2023).

Os dados expostos neste gráfico apontam que as palavras monossílabas são responsáveis pela maior discrepância entre o número de realizações alveolares e alveolopalatais. Isso fica explícito pelo fato de apenas 1,1% dos monossílabos terem sido realizados com a variante [ʃ] e 98,9% com a variante alveolar [s]. Outra disparidade se concretiza entre as trissílabas, uma vez que a alveolopalatal é responsável por somente 29,2% das realizações, enquanto as alveolares correspondem a 70,8% delas. Os resultados demonstram, ainda, que há um certo equilíbrio entre as ocorrências das palavras dissílabas e polissílabas, com variações em torno de 1% e 7%, respectivamente. Por meio dos dados percentuais, podemos perceber que a maior aplicação da variante [ʃ] se encontra nas palavras dissílabas, com registro de 50,7%. Além disso, esse foi o único grupo em que a aplicação da variante alveolopalatal foi superior à da alveolar. Podemos identificar essa aplicação nos exemplos a seguir:

1 - *E tinha toda aquela que[ʃ]tão do medo.*

2 - *Com sacolas no ro[ʃ]to.*

3 - *Na época que tava os te[ʃ]tes iniciais.* Participante 2, (gênero masculino, faixa etária I, ensino fundamental).

É importante registrar que não podemos afirmar que a aplicação da variante [ʃ] cresce com o aumento do número de sílabas das palavras, visto que a menor aplicação ocorre com o menor número de sílabas, mas a maior ocorre nas palavras dissílabas e não nas polissílabas.

Esses resultados corroboram parcialmente os de Scherre e Macedo (2000), que também selecionaram a variável número de sílabas como relevante para a palatalização do /S/. A parcialidade reside na quantidade de sílabas das palavras que se mostraram favorecedoras. Nos resultados de Scherre e Macedo, as polissílabas se destacaram como as mais favoráveis, enquanto, neste estudo, as dissílabas assumiram o posto de mais favorecedoras do processo, ao alcançar o peso relativo mais alto.

Os resultados confirmam também, em parte, os de Bassi (2011). Nesse estudo, o número de sílabas se revelou um influenciador do fenômeno; entretanto, o fator mais favorecedor dessa variável foram as trissílabas, com aplicação de 84,1%, enquanto as monossílabas atingiram um percentual de 83,3% e as dissílabas, 72,1%. Esses resultados endossam também os de Hora (2016), em que a variável foi a quarta selecionada como relevante.

5.3.5 Variável posição da fricativa em relação à sílaba tônica

Por influência de resultados alcançados em algumas pesquisas sobre a palatalização do /S/ em comunidades de fala brasileiras, construímos a hipótese de que a posição pretônica da fricativa favorece a palatalização do /S/. A relevância desse fator já foi constatada em várias pesquisas sobre esse tema. Antes de discutirmos os dados, consideramos importante relembrar que esse foi um dos grupos de fatores que apresentou nocaute. Como havia a necessidade de analisar os pesos relativos, foi necessário excluir o fator que o gerou.

Esse grupo era subdividido em três fatores, a saber: tônico, pretônico e postônico. O fator postônico apresentou 100% das realizações alveolares, ou seja, das 74 ocorrências em que o /s/ estava localizado depois da sílaba tônica, todas foram realizadas com a variante [s]. Isso nos proporciona segurança para afirmar que a posição postônica inibe a palatalização do /S/ na comunidade de fala de Barro Duro – PI. Como demonstração dessas aplicações, expomos alguns exemplos a seguir:

- 1- *Minha rotina ante[s] da pandemia*. Participante 2 (gênero masculino, faixa etária I, ensino fundamental).
- 2- *O víru[s] da covid*. Participante 3 (gênero feminino, faixa etária I, ensino médio).
- 2- *Mai[s] ou meno[s]*. Participante 9 (gênero feminino, faixa etária II, ensino médio).

Observamos que os /s/ nessas palavras, além de se encontrarem na posição postônica, também estão em posição de coda final, um ambiente que se revelou, nesta pesquisa, como desfavorável à produção alveolopalatal.

Os resultados confirmaram a hipótese adotada, dado que a posição pretônica alcançou um peso relativo que demonstra sua significância para o processo, enquanto a posição tônica revelou o contrário. Essas informações estão distribuídas na Tabela 5.

Tabela 5 – A influência da tonicidade na palatalização do /S/

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Pretônica	784	288	36,7%	0,60
Go[ʃ]tei				
Fe[ʃ]tiva				
Tônica	258	85	32,9%	0,22
Vi[ʃ]ta				
Tri[ʃ]te				
Total	1042	373	35,8%	-

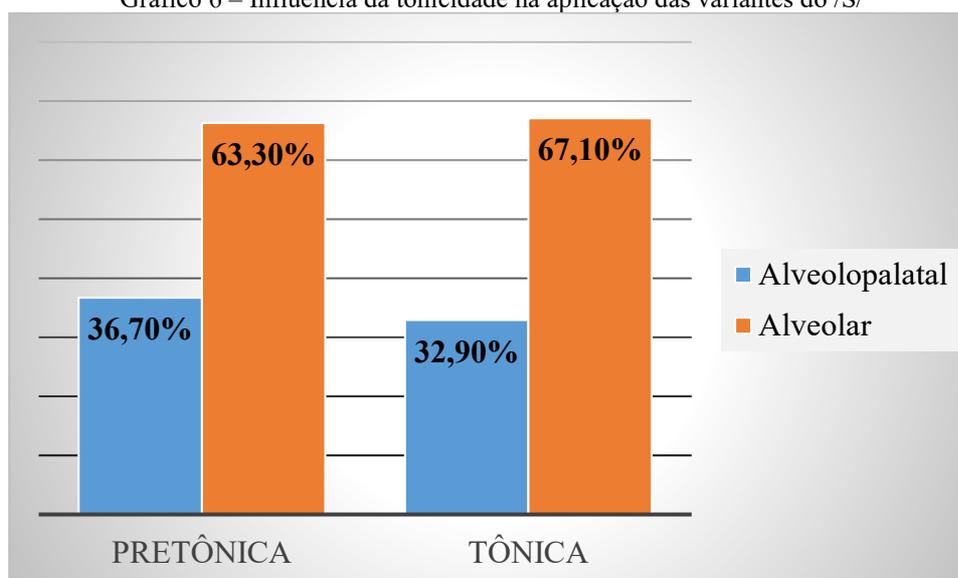
Input:0.190

Significância: 0.003

Os dados da Tabela 5 revelam que a tonicidade não exerce influência na realização da variante alveolopalatal [ʃ]. Como podemos observar, a posição tônica registrou um peso relativo de 0,22, valor que torna explícito que esse fator desfavorece a palatalização do /S/. Enquanto isso, a posição pretônica, ao atingir um peso de 0,60, se destaca como favorecedora do processo em estudo. Os resultados apontam que, nessa comunidade de fala, a variante alveolopalatal é inibida pelos fatores tônicos e postônicos e é condicionada pela posição pretônica. Não podemos afirmar que o número de ocorrências da variante nas posições pretônica e tônica tenha exercido influência nesse resultado.

A percentagem de aplicação da alveolopalatal nas posições tônica e pretônica demonstra um certo equilíbrio, dado que se distinguem por apenas 3,8%, com predomínio da posição pretônica. Tais informações estão explicitadas no Gráfico 6.

Gráfico 6 – Influência da tonicidade na aplicação das variantes do /S/



Fonte: Autoria própria (2023).

Os dados revelam que, na posição pretônica, a produção alveolopalatal apresenta um registro de 36,7%, enquanto a produção alveolar é responsável por 63,3% das produções. Já na posição tônica, a variante alveolopalatal é responsável por 32,9% e a variante alveolar por 67,1%. É conclusivo que não há uma grande discrepância na aplicação das variantes em relação a essa variável, visto que a alveolar registra, nessas posições, percentuais em torno de 63% e 67%, e a alveolopalatal, 32% e 36%.

Esses resultados corroboram os de Brescancini (1996), Bassi (2011) e Lima (2017), nos quais a posição pretônica se destacou como a mais favorável ao processo. Por outro lado, divergem dos resultados de Macedo (2004) e Monteiro (2009), visto que nessas pesquisas essa variável foi considerada irrelevante.

As comparações entre os resultados dessas pesquisas nos levam a presumir que, dentre todas as posições que a fricativa pode ocupar em relação à sílaba tônica, a postônica é a que mais inibe a aplicação da variante [ʃ].

5.3.6 Variável contexto fonológico antecedente

O contexto fonológico antecedente é apontado em muitas pesquisas como capaz de exercer influência na realização da alveolopalatal [ʃ]. Foi com base nesses resultados que o elegemos como variável independente nesta investigação. Partimos da hipótese de que as vogais labiais, como contexto antecedente, são as que mais favorecem a palatalização do /S/.

Os resultados confirmaram a hipótese adotada, uma vez que a produção da alveolopalatal [ʃ] com o contexto antecedente labial alcançou um peso relativo de 0,70, o maior entre todos os fatores do grupo. Os pesos relativos alcançados por cada um dos fatores podem ser observados na Tabela 6:

Tabela 6 – Contexto antecedente e realização da variante [ʃ]

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Labial	139	68	48,9%	0,70
Aco[ʃ]tumado				
Go[ʃ]tei				
Dorsal	134	56	41,8%	0,56
Pa[ʃ]ta				
Pa[ʃ]tel				
Coronal	845	249	29,5%	0,45
Pi[ʃ]ta				
E[ʃ]tudava				
Total	1118	373	33,5 %	-

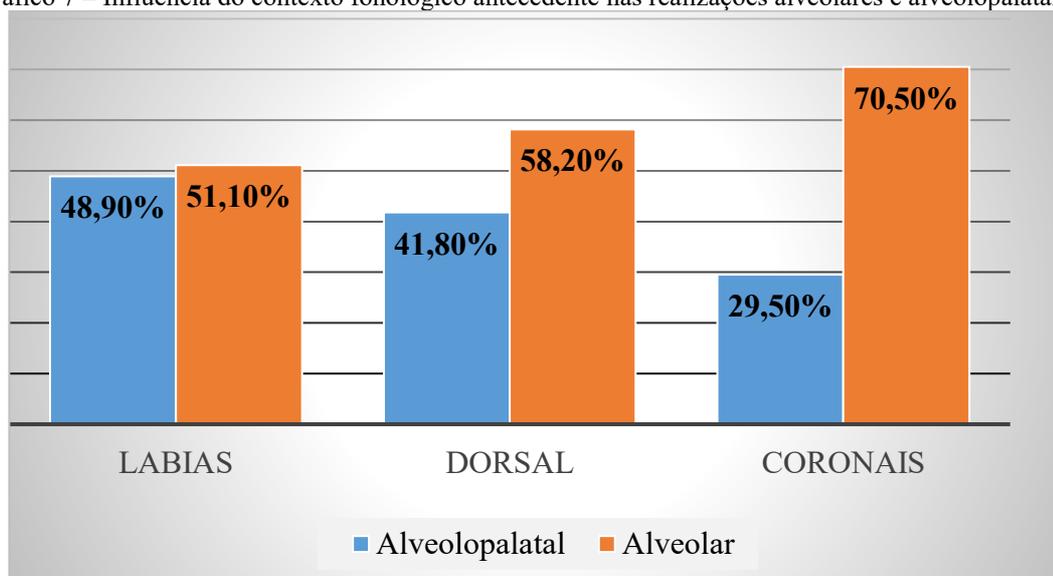
Input: 0.190

Significância: 0.003

Com base nos pesos relativos explícitos na Tabela 6, inferimos que as vogais coronais, ao atingirem um peso relativo de 0,45, demonstram não favorecer nem desfavorecer o fenômeno em questão, visto que esse peso é considerado neutro. Enquanto isso, a vogal dorsal, ao alcançar um peso de 0,56, e as labiais, ao atingirem um peso relativo de 0,70, se revelam como fatores favoráveis à palatalização do /S/. Esses resultados nos permitem afirmar ainda que o fator labial é um forte condicionador da variante [ʃ] nessa comunidade de fala.

Ao observarmos os resultados, identificamos que em nenhum dos contextos vocálicos, seja ele labial, coronal ou dorsal, predomina a realização da variante [ʃ]. Nesse sentido, expomos os registros percentuais das variantes alveolar e alveolopalatal.

Gráfico 7 – Influência do contexto fonológico antecedente nas realizações alveolares e alveolopalatais



Fonte: Autoria própria (2023).

Identificamos, no Gráfico 7, que as vogais labiais são o contexto precedente responsável pelo maior percentual de produção da variante alveolopalatal [ʃ], a qual atingiu quase 49% das realizações, com uma diferença de aplicação de uma variante para outra de apenas 2,2%. Já no contexto dorsal, a diferença nos percentuais de produção entre as variantes é de 16,4%, o que demonstra uma maior discrepância nesse contexto em comparação com o labial. Contudo, o contexto coronal apresenta o maior desequilíbrio na aplicação dessas variantes, no qual a variante alveolar ultrapassa a aplicação da alveolopalatal em mais de 40%. Assim, é válido destacar que em nenhum dos três contextos vocálicos as alveolopalatais atingiram 50% das realizações. Já quando se trata das alveolares, nos três ambientes elas alcançaram mais de 51% das aplicações. Para efeito de ilustração, expomos algumas dessas produções:

1 - *Eu jogava, assi[ʃ]tia filme.*

2 - *Aconteceu ba[ʃ]tante, até dentro da minha casa.*

3 - *Tinha que mo[ʃ]trar, tinha que falar. Participante 6 (Gênero masculino, faixa etária I, ensino superior).*

Com esses exemplos, é possível notar que o mesmo participante palataliza com os três contextos antecedentes distintos, realidade que demonstra que, ao menos para ele, nenhuma das três articulações do segmento vocálico é capaz de impedir o processo de palatalização.

Esses resultados confirmam os de Monteiro (2009) e Lima (2017), nos quais as vogais labiais se destacaram como o contexto antecedente mais favorável ao processo, e convergem parcialmente com a pesquisa de Brescancini (1996). Nesse estudo, a vogal dorsal se revelou como o contexto vocálico mais favorável, e as labiais foram identificadas como o segundo grupo vocálico condicionador da variante alveolopalatal. Divergem, portanto, dos resultados de Scherre e Macedo (2000), em que a coronal alta [i] se destacou como a mais favorecedora do processo, e de Bassi (2011), no qual as coronais foram consideradas as vogais favorecedoras da palatalização do /S/.

O cotejamento dos resultados dessas pesquisas nos conduz à conclusão de que não existe uma definição quanto ao contexto fonológico antecedente favorável à palatalização do /S/, visto que, em dialetos diferentes, esse processo é condicionado por grupos vocálicos distintos. Esta constatação corrobora as ideias de Brescancini (2003), uma vez que, para a autora, o processo de palatalização do /S/ ocorre por indução de contextos variados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo viés da Teoria da Variação, buscamos analisar o processo de palatalização do /S/ na fala de Barro Duro – PI, de maneira restrita às variantes alveolar surda [s] e alveolopalatal surda [ʃ]. A análise do fenômeno explicitou os aspectos linguísticos e extralinguísticos condicionantes e não condicionantes da produção da variante alveolopalatal [ʃ]. Os resultados revelados aqui guardam semelhanças com alguns estudos realizados com esse objeto em outras comunidades de fala brasileiras; entretanto, também apresentaram singularidades.

O cotejamento dos resultados alcançados nesta pesquisa com os de outras que endossaram a discussão do fenômeno nos permite afirmar que o processo de palatalização do /S/, no que se refere à produção da variante [ʃ], é condicionado, na maioria das vezes, pelas mesmas variáveis independentes. Contudo, os fatores das variáveis que se destacam como favoráveis nem sempre são os mesmos. Por exemplo, em alguns dialetos, a posição pretônica avulta como condicionante e, em outros, é a posição tônica. Ademais, foi possível concluir, ainda, que os fatores linguísticos se sobrepõem aos extralinguísticos no favorecimento desse fenômeno.

Ao analisar o dialeto de Barro Duro – PI, no tocante à produção dessas variantes, nos deparamos com um cenário de desequilíbrio nas realizações, dado que a produção alveolar registrou um percentual de 66,6% (1.118), enquanto a alveolopalatal apenas 34,4% (1.118) de todas as produções.

Os resultados apontaram que a variante alveolopalatal, nessa comunidade de fala, é condicionada, predominantemente, por fatores linguísticos, assim como também foi constatado em algumas das pesquisas discutidas nessa investigação, dentre as quais destacamos as de Brescancini (1996), Monteiro (2009), Bassi (2011) e Lima (2017).

Desse modo, sublinhamos que, no dialeto barrodureense, a palatalização do /S/ é condicionada pelas variáveis linguísticas:

- Contexto fonológico seguinte;
- Posição da fricativa na palavra;
- Número de sílabas;
- Posição da fricativa em relação à sílaba tônica.
- Contexto fonológico antecedente;

O contexto seguinte foi a primeira variável selecionada como relevante, apresentando mais de 95% das aplicações da variante com o contexto seguinte constituído pela coronal /t/.

Esse fator foi o que alcançou o maior peso entre todos os fatores das variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas nesta pesquisa. Esse resultado evidencia a influência da articulação coronal do segmento seguinte na realização do fenômeno, ao mesmo tempo que explicita o status categórico da alveolopalatal /ʃ/ nesse contexto, sendo ele o condicionador que mais favorece a palatalização do /S/ nessa comunidade de fala. Desse modo, a hipótese básica da pesquisa foi comprovada. Ao mesmo tempo, esses dados mostram que, nesse aspecto, a variante se manifesta nesse dialeto de maneira semelhante ao que ocorre em outras comunidades de fala do país, como é o caso do dialeto paraibano, no qual Hora (2016) constatou a influência desse fator na produção da alveolopalatal [ʃ], e no dialeto de São José do Mipibu, em que Sales e Cunha (2020) concluíram que a coronal /t/ era o contexto seguinte que mais favorecia o processo em voga.

A análise da variável posição da fricativa na palavra revelou que a posição de coda medial é o segundo fator que mais favorece a produção da variante alveolopalatal [ʃ]. Isso ficou comprovado pelo peso relativo alcançado, o segundo mais alto de todos, ficando atrás somente do fator contexto seguinte constituído pela coronal /t/. Desse modo, confirmamos a hipótese quanto à produção da palatalização do /S/ nesse contexto. Esse resultado não nos surpreende, pois esse fator se destacou como favorável ao processo em 6 das 10 pesquisas discutidas neste trabalho, a saber: Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Macedo (2004), Monteiro (2009), Bassi (2011) e Lima (2017). Por outro lado, a aplicação muito baixa na posição de coda final nos permite afirmar que esse fator é um inibidor exímio da palatalização do /S/ no dialeto de Barro Duro – PI.

Dos fatores que compunham a variável número de sílabas, somente o fator dissílabo se revelou favorável à produção da alveolopalatal [ʃ], e a aplicação da variante nesse contexto alcançou o peso relativo mais alto. É o terceiro maior valor, ultrapassado pelos fatores contexto fonológico seguinte e posição da fricativa na palavra. A análise dessa variável apontou as palavras monossílabas como as que mais inibem esse fenômeno, visto que atingiram um peso relativo muito baixo. Esse resultado refutou a hipótese adotada, pois acreditávamos que o papel de maior favorecedor da palatalização do /S/ seria desempenhado pelas palavras trissílabas. O cotejamento deste resultado com os resultados de outras pesquisas explicita que, nesse dialeto, a variável se comportou de maneira distinta dos outros dialetos, dado que, até mesmo nos que ela foi selecionada como relevante, o fator que mais favoreceu não foi o dissílabo, e sim o polissílabo e o trissílabo, respectivamente, em Scherre e Macedo (2000) e Bassi (2011).

A análise da variável posição da fricativa em relação à sílaba tônica apontou a posição pretônica como condicionadora da variante alveolopalatal, ao atingir o peso relativo mais alto. Revelou, ainda, um contexto com elevado grau de inibição, o postônico, que não registrou nenhuma manifestação da variante. Enquanto isso, o contextoônico também se mostrou desfavorável ao processo, visto que alcançou peso relativo inferior ao peso considerado neutro. Esses resultados confirmam a hipótese adotada para essa variável e não causam surpresa, uma vez que nas pesquisas discutidas aqui, quando essa variável foi considerada relevante, o fator que mais se destacou como favorável foi o pretônico.

A variável contexto fonológico antecedente foi a última selecionada como relevante. O fator labial, ao alcançar o peso relativo mais alto, se destacou como o mais favorável à realização do fenômeno. Entretanto, não foi o único, visto que o fator dorsal também alcançou um peso que o revelou como mais um condicionador do fenômeno. Levando-se em consideração esses aspectos, entendemos que a articulação labial, assim como a dorsal, favorece a variante alveolopalatal [ʃ]. Concluímos ainda, com a análise dessa variável, que nenhum contexto vocálico atua como inibidor do processo em discussão, uma vez que as coronais alcançaram peso que exprime neutralidade. Assim sendo, o comportamento dessa variável em relação ao fenômeno não pode ser considerado uma surpresa, dada a frequência com que é selecionada como relevante ao processo em outros dialetos, tais como o de Macapá – AP e Caravelas – BA.

O papel das variáveis extralinguísticas na produção da variante alveolopalatal [ʃ], nesse dialeto, pode ser considerado a grande surpresa desta pesquisa. O que nos surpreendeu foi o fato de que as variáveis gênero, faixa etária e escolaridade não foram selecionadas como relevantes, diferentemente do que ocorreu na maioria das pesquisas realizadas com esse objeto em outras comunidades de fala, como as de Brescancini (1996), Macedo (2004) e Lima (2017). A variável instrumento foi a única do grupo das extralinguísticas selecionada como relevante. A análise dessa variável apontou que a entrevista de experiência pessoal, ao alcançar peso relativo alto, atua como um forte condicionador do processo de palatalização do /S/ nessa comunidade, enquanto o fator lista de palavras, ao atingir peso relativo baixo, inibe o surgimento da variante em questão.

Portanto, o fato de a variante alveolopalatal emergir em maior número em situação de menor monitoramento, ou seja, em um estilo de fala menos formal, é um forte indício de que, para essa comunidade de fala, essa variante não é a mais prestigiada.

Pretendemos, com esta pesquisa, contribuir para o avanço na descrição do fenômeno da palatalização do /S/ em posição de coda nos falares piauienses, o que pode servir como suporte para pesquisas posteriores. Contudo, apontamos a importância de investigar, simultaneamente, as variantes [s], [z], [ʃ] e [ʒ], além de explorar um número maior de participantes, para, com isso, obtermos um panorama mais completo do comportamento desse fenômeno linguístico no dialeto de Barro Duro – PI.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Robério Bôto de A; GOMES, José Roberto de Carvalho. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea, estado do Piauí:** diagnóstico do município de Barro Duro. Organização do texto [por] Robério Bôto de Aguiar [e] José Roberto de Carvalho Gomes. ³/₄ Fortaleza: CPRM - Serviço Geológico do Brasil, 2004.
- ALKMIM, Maria Tânia. Sociolinguística. *In*: BENTES, Ana Cristina; MUSSALIM, Fernanda. **Introdução à linguística – volume 1:** domínios e fronteira. 9. ed. Ceará: Cortez, 2017. p. 21-47.
- ALMEIDA, Jailma da Guarda. **O /S/ em coda silábica no português falado nas comunidades rurais afro-brasileiras de Cinzento – BA e Sapé – BA:** uma análise sociolinguística. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia, Salvador – BA, 2019.
- BASSI, Alessandra. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca:** uma abordagem fonêmica Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC. 2011.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. *In*: FIORIN, José Luiz. (org.). **Introdução à linguística:** I objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020.p. 121-140.
- BISOL, Leda. A sílaba e seus constituintes. *In*: ABAURRE, Maria Bernadete M. **A construção fonológica das palavras.** São Paulo: Contexto, 2013.p. 21-52.
- BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro.** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Manual de sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis - uma abordagem não linear.** 1996a. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis - SC, 1996.
- BRESCANCINI, Cláudia Regina. A Representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Revista Letras**, v. 61, dez. 2003b. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/2893>. Acesso em: 28 set. 2023.
- CAGLIARI, Luíz Carlos. **Elementos de fonética do português brasileiro.** Campinas, 1981. Tese (Livre Docência) – UNICAMP.

CALLOU, Dinah; MORAIS, João Antônio de; LEITE, Ione. Consoantes em coda silábica: /s, r/ l/. *In*: ABAURRE, Maria Bernadete M. **A construção fonológica da palavra**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 1970.

CEZARIO, Maria Maura; VOTRE, Sebastião. Sociolinguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 141-155.

CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. *In*: FIORIN, José Luiz. (org.). **Introdução à linguística: I objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2020. p. 141-163.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morais. **The sound pattern of English**. New York: Harper and Row, 1968.

CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth V. The internal organization of speech sounds. *In*: GLODSMITH, John A. **The Handbook of Phonological Theory**. Oxford: Blackwell Publishing, 1995. p. 3-71. Disponível em: <https://pt.scribd.com/home>. Acesso em: 02 fev. 2023.

COELHO, Izete Lehmkuhl *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. 1.ed. São Paulo: Contexto, 2021.

CUNHA, Carla Maria; SALES, Gabriel. Produção do /S/ pós-vocálico em São José do Mipibú- RN. **Revista do GELNE**, v. 22, n. 2, p. 78-92, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne>. Acesso em: 05 mai. 2023.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de linguística**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

ENGELBERT, Ana Paula Petriu Ferreira. **Fonética e fonologia da língua portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUY, Gregory R.; ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HERNANDORENA, Carmem Lúcia Matzenauer. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. **Letras De Hoje**. V.29, n. 4, p. 159-167, 1994. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/15779>. Acesso em 01 set. 2023.

HORA, Demerval da. Processo de palatalização das fricativas da língua portuguesa. **Revista do GELNE**, v. 1, n. 2, p. 34-36, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9256>. Acesso em: 28 jan. 2023.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Cidades IBGE. 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/barro-duro/panorama>. Acesso em: 01 abr. 2023.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, Christina Bratt; TUCKER, Richard (Orgs). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003, p. 234 - 250.

LIMA, Jares Gomes. **O jogo na comunidade de Caravelas – BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória -ES, 2017.

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife - PE, 2004.

MADRUGA, Magnun Roche. **Fonética e fonologia da língua portuguesa**. 1. ed. Londrina: Editora e Distribuidora S.A, 2018.

MATZENAUER, Carmem Lúcia. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.p. 11-81.

MIRANDA, Reginaldo. **Aldeamento dos Acoroás**. 2. ed. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2012.

MOLLICA, Cecília Maria. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, Cecília Maria; BRAGA, Maria Luíza. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

MONTEIRO, Renata Conceição Neves. **A produção palato-alveolar de /s / nas vozes do Amapá**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade federal da Paraíba, João Pessoa - PB, 2009.

NARO, Anthony Julius. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, Cecília Maria; BRAGA, Maria Luíza. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021.p. 15-25.

NUNES, Odilon. **Pesquisas para a história do Piauí**. vol. 2. ed. Rio: Artenova, 1975.

OLIVEIRA, Almir Almeida. Palatalização progressiva das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em contexto anterior na cidade de Maceió. **Caderno estudos linguísticos**,

Campinas, v. 60, n. 3, p. 630-646, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8650713>. Acesso em: 01 fev. 2023.

PAIVA, Maria Conceição de. A variável gênero/sexo. *In*: MOLLICA, Cecília Maria; BRAGA, Maria Luíza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

PEDROSA, Juliane Lopes Ribeiro; LUCENA, Rubens Marques. Palatalização do /s/ em coda silábica em Tejucupapo (PE): confrontando as análises estatísticas dos dados. *In*: HORA, Demerval da; MATZENAUER, Carmen (org.). **Linguagem**: variação e estrutura da língua. São Paulo: Pontes editores, 2021. p. 71-93.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Restrições fonética-fonológica e lexicais: o s- pós-vocálico no Rio de Janeiro. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; MERTELOTTA, Mario Eduardo (org.). **Análises linguísticas**: as contribuições de Macedo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. Departamento de linguística e filologia. Programa de Pós-graduação em letras, 2000.

SEARA, Christine Izabel; NUNES, Vanessa Gonzaga; VOLCÃO, Cristiane Lazarotto. **Para conhecer fonética e fonologia do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015.

SILVA, Thaís Cristófar da. **Fonética e fonologia do português**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

TARALLO, Fernando. **Pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. Tradução de Celso Cunha. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

VERNEY, L. A. **O Verdadeiro Método de Estudar**. v. 1, Valença: Oficina de Antonio Balle, 1746.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. *In*: MOLLICA, Cecília Maria; BRAGA, Maria Luíza. (org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021. p. 50-57

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

WETZELS, W. L. Mid Vowel Neutralization In Brazilian Portuguese. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 23, p. 19–55, 2012. DOI: 10.20396/cel.v23i0.8636844. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636844>. Acesso em: 5 fev. 2023.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a) senhor (a).

Esta pesquisa intitulada “A palatalização do /S/ em posição de coda no falar barrodurense”, está sendo desenvolvida por Carliane Barbosa dos Santos Silva, pesquisadora responsável, aluna do Curso de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, sob a orientação da Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva, pesquisadora principal.

A pesquisa é relevante, pois produzirá conhecimento sobre a fala dos barrodurense e assim contribuirá com o avanço da ciência. A qual tem como objetivo principal analisar como os moradores de Barro Duro produzem o som do /s/ em sua fala, quando esse se encontra no final de sílaba. A sua participação na pesquisa consiste em preencher uma ficha de identificação social com suas informações gerais, dá uma entrevista sobre os impactos da Covid -19 na sua comunidade e ler uma lista de palavras. Os dados obtidos serão utilizados nesta pesquisa e ficarão armazenados para serem utilizados em trabalhos futuros.

O convidado a participar da pesquisa tem liberdade total de se recusar, e caso aceite participar poderá a qualquer fase da pesquisa retirar o consentimento, tendo a certeza de que não sofrerá nenhuma penalidade. Em nenhuma fase da pesquisa a identidade do participante será revelada, cada participante será identificado por um código criado pelo pesquisador, estratégia utilizada para garantir o anonimato do participante.

Este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, uma delas ficará em poder do pesquisador responsável e a outra com você, participante dessa pesquisa, o participante e o pesquisador devem rubricar cada página do documento e assinar a última página do termo.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador (a) responsável

O pesquisador assegura ao participante e seu acompanhante o ressarcimento dos gastos decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso o participante se sinta lesado por sua

participação na pesquisa terá direito a indenização pelos danos sofridos. Cabendo a ele o direito de pedido de indenização por danos eventuais.

Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar os participantes. Após o término da pesquisa, os resultados serão publicados em uma dissertação de mestrado e em revistas científicas da área de Letras.

As informações fornecidas pelos participantes da pesquisa estarão sob responsabilidade da pesquisadora Carliane Barbosa dos Santos e poderão ser destruídas somente após 5 anos.

Riscos: O único desconforto que essa pesquisa pode oferecer ao participante, é o constrangimento em expor acontecimentos pessoais, que pode ser potencializado pela situação de entrevista gravada. Para tentar diminuir o constrangimento a entrevista será em um local reservado, indicado pelo participante, onde estarão presentes somente o pesquisador e o participante. O pesquisador agirá de forma mais espontânea possível para que o participante se sinta mais confortável para se expressar.

Benefícios: Os conhecimentos produzidos na pesquisa contribuirão com o avanço da ciência, sobretudo na área de pesquisa Sociolinguística, os quais poderão ser acessados de forma online por qualquer cidadão que se interesse pelo estudo. Podendo servir de fundamentação para estudos posteriores.

Consentimento de participação na pesquisa

Eu, _____, li e concordo participar do estudo como participante da pesquisa. Fui informado e esclarecido pela pesquisadora Carliane Barbosa dos Santos Silva sobre a pesquisa e sobre os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento da pesquisa sem nenhum prejuízo para mim.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador(a) responsável

Informações relevantes:

Ao participante é garantido o acesso a cada etapa da pesquisa. Poderá fazer contato

livremente com os pesquisadores: Carliane Barbosa dos Santos Silva, email: carlianeb11@gmail.com e Ailma do Nascimento Silva, email: ailmanascimento@uespi.br. Caso tenha dúvidas sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual do Piauí, através do contato: (86) 3221-6658, email: comitedeeticauespi@uespi.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador(a) responsável

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador(a) responsável

Teresina – Piauí, ____ / ____ /2023



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS



APÊNDICE B - Termo de assentimento livre e esclarecido

O que significa assentimento?

Assentimento significa concordância. Portanto, esse termo só deve ser assinado por você, adolescente convidado a participar da pesquisa, caso tenha compreendido as informações dadas pelo pesquisador e concorde participar dela. Na pesquisa serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações com uma linguagem de fácil compreensão. Pode ser que este documento contenha palavras que você não entenda. Caso isso venha a ocorrer, por favor, peça ao responsável pela pesquisa para esclarecer essas informações.

Você está sendo **convidado** para participar da pesquisa intitulada “A palatalização do /S/ em posição de coda no falar barrodurense”, desenvolvida por Carliane Barbosa dos Santos Silva, pesquisadora responsável, aluna do Curso de Pós-graduação em Letras, da Universidade Estadual do Piauí – UESPI, sob a orientação da Profa. Dra. Ailma do Nascimento Silva, pesquisadora principal. Os jovens que irão participar dessa pesquisa têm entre 14 e 17 anos.

Essa pesquisa é importante, pois produzirá conhecimento sobre a fala dos barrodurense e assim contribuirá com o avanço da ciência. A qual tem como objetivo principal analisar como os moradores de Barro Duro produzem o som do /s/ em sua fala, quando esse se encontra no final de sílaba. A sua participação na pesquisa consiste em preencher uma ficha de identificação social com suas informações gerais, dá uma entrevista sobre os impactos da Covid -19 na sua comunidade e ler uma lista de palavras. Os dados obtidos serão utilizados nesta pesquisa e ficarão armazenados para serem utilizados em trabalhos futuros.

Este Termo de Assentimento Livre e Esclarecido é feito em duas vias, uma delas ficará em poder do pesquisador responsável e a outra com você, participante dessa pesquisa, o participante e o pesquisador devem rubricar cada página do documento e assinar a última página do termo.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador (a) responsável

Você como **convidado** a participar da pesquisa tem liberdade total de não aceitar e caso aceite participar poderá a qualquer momento da pesquisa retirar o consentimento, tendo a certeza de que não será prejudicado. Em nenhuma fase da pesquisa o seu nome será revelado.

Riscos: O único desconforto que essa pesquisa pode oferecer ao participante, é o constrangimento em expor acontecimentos pessoais, que pode se tornar maior por estarem sendo gravados. Para tentar diminuir o constrangimento a entrevista será em um local reservado, indicado por você, onde estarão presentes somente o pesquisador e o participante. O pesquisador agirá de forma mais espontânea possível para que o participante se sinta mais confortável para se expressar.

Benefícios: Os conhecimentos produzidos na pesquisa contribuirão com o avanço da ciência, sobretudo na área de pesquisa Sociolinguística, os quais poderão ser acessados de forma online por qualquer cidadão que se interesse pelo estudo. Podendo servir de fundamentação para estudos posteriores.

O pesquisador assegura ao participante e seu acompanhante o ressarcimento dos gastos decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso o participante se sinta lesado por sua participação na pesquisa terá direito a indenização pelos danos sofridos. Cabendo a ele o direito de pedido de indenização por danos eventuais.

Os resultados da pesquisa serão publicados, mas sem identificar identificação participantes. Após o término da pesquisa, os resultados serão publicados em uma dissertação de mestrado e em revistas científicas da área de Letras.

As informações fornecidas pelos participantes da pesquisa estarão sob responsabilidade da pesquisadora Carliane Barbosa dos Santos e poderão ser destruídas somente após 5 anos.

Assentimento de participação na pesquisa

Eu, _____, li e concordo participar do estudo como participante da pesquisa.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador (a) responsável

Informações relevantes:

Ao participante é garantido o acesso a cada etapa da pesquisa. Poderá fazer contato livremente com os pesquisadores: Carliane Barbosa dos Santos Silva, email: carlianeb11@gmail.com e Ailma do Nascimento Silva, email: ailmanascimento@uespi.br. Caso tenha dúvidas sobre a ética da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade Estadual do Piauí, através do contato: (86) 3221-6658, email: comitedeeticauespi@uespi.

Rubrica do participante

Rubrica do pesquisador(a) responsável

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador(a) responsável

Teresina – Piauí, ____/____/____ de 2023

APÊNDICE C – Ficha de identificação social

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO SOCIAL

1. Nome: _____

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Idade: _____

4. Nasceu em Barro Duro? _____

Já morou fora de Barro Duro? _____

Por quanto tempo? _____

5. Já morou fora do estado do Piauí? _____

Por quanto tempo? _____

6. Qual o seu grau de escolaridade?

7. Qual sua profissão? _____

APÊNDICE D – Questionário: entrevista sociolinguística

ENTREVISTA SOCIOLINGUÍSTICA

Pergunta 1: Qual a frequência e por quais motivos você saía de casa durante o período de isolamento social imposto pela pandemia?

Pergunta 2: O que mudou na sua rotina e na rotina de sua família durante o período de isolamento social? Explique.

Pergunta 3: Como funcionou o atendimento médico na sua cidade durante a pandemia? Tinha médico todos os dias? Houve mudança nos horários de atendimento?

Pergunta 4: Qual a sua opinião sobre a vacina contra a Covid -19? Sentiu medo de tomar a vacina?

Pergunta 5: Na sua cidade demorou a chegar vacina? Quando chegou foi em quantidades suficientes ou as vezes faltava?

Pergunta 6: Quais as mudanças ocorridas no ensino durante a pandemia? Como funcionava as aulas em sua cidade? Descreva essas mudanças.

Pergunta 7: Como a pandemia afetou sua renda e de sua família? Fale um pouco sobre o valor dos produtos durante o período mais crítico da pandemia.

Pergunta 8: Quando você assistia aos boletins sobre o número de casos e mortes por Covid - 19 nos jornais, o que sentia? Em algum momento da pandemia você se recusou a assistir jornal? Por quê?

Pergunta 09: Você sentiu dificuldades em usar máscaras? Chegou a faltar máscaras para vender em sua cidade? Quando você se sentiu seguro(a) para tirar a máscara?

Pergunta 10: Você conhece alguém que teve Covid – 19 e faleceu? Conte como foi?

APÊNDICE E - Lista de palavras

LISTA DE PALAVRAS

1-Escolher, 2- esquiar, 3- espalhar, 4- estudar, 5- pesquisar, 6- escovar, 7- escalar, 8- espiar, 9- dois, 10- três, 11- óculos, 12- bônus, 13- lápis, 14- biscoito, 15- pastel, 16- pastilha, 17- biscate, 18- pista, 19- escama- 20 asco, 21- ostra, 22- páscoa, 23- poste, 24- besteira, 25- espada, 26- espelho, 27- estilo, 28-espiga, 29- pasta, 30- estralar, 31- estrela, 32 – espuma, 33- esparro, 34- esparramar, 35- espirro, 36- desfilar, 37- desfecho 38- disfarce, 39- desfocar 40- desfile, 41 - esforço, 42-asfixia, 43- esfumaçar

ANEXO

ANEXO A - Parecer Consubstanciado do CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: A PALATALIZAÇÃO DO /S/ EM POSIÇÃO DE CODA NO FALAR BARRODURENSE

Pesquisador: CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 67993623.9.0000.5209

Instituição Proponente: Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.998.238

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo quantitativo e qualitativo com 16 moradores, estratificados por sexo/gênero, escolaridade e faixa etária, da cidade de Barro Duro - Piauí.

Critério de Inclusão: Ser natural de Barro Duro, morar em Barro Duro, ter entre 15 e 56 anos de idade e possuir no mínimo o ensino fundamental completo. **Critério de Exclusão:**

Não ser natural de Barro Duro, não ter concluído o ensino fundamental e ter idade inferior a 15 anos ou superior a 56 anos.

A coleta de dados será por meio de entrevista individual gravada e lista de palavras. Depois de coletados, os dados serão transcritos, codificados e submetidos ao programa computacional Goldvarb X.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar o processo fonológico de palatalização do /S/ em posição de coda no falar barrodurense.

Objetivo Secundário:

- Descrever a palatalização do /S/ evocada na posição de coda, considerando a evidência empírica de que este é um fenômeno categórico no dialeto diante de determinados contextos consonantais.
- Identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que favorecem e as que desfavorecem a palatalização do /S/ em posição de coda;
- Verificar a proeminência dos articuladores do segmento seguinte no processo de palatalização do /s/ em posição de coda;
- Cotejar diferenças, em termos de frequência, entre os resultados de nossa pesquisa com outras que apresentam a mesma variação do segmento nesta posição.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:**Riscos:**

O único desconforto que essa pesquisa pode oferecer ao participante, é o constrangimento em expor acontecimentos pessoais, que pode ser potencializado pela situação de entrevista gravada. Para tentar diminuir o constrangimento a entrevista será em um local reservado, indicado pelo participante, onde estarão presentes somente o pesquisador e o participante. O pesquisador agirá de forma mais espontânea possível para que o participante se sinta mais confortável para se expressar.

Benefícios:

Os conhecimentos produzidos na pesquisa contribuirão com o avanço da ciência, sobretudo na área de pesquisa Sociolinguística, os quais poderão ser acessados de forma online por qualquer cidadão que se interesse pelo estudo. Podendo servir de fundamentação para estudos posteriores.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa viável e de grande alcance social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados:

- Folha de Rosto preenchida, assinada, carimbada e datada.
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em linguagem clara e objetiva com todos os aspectos metodológicos a serem executados e/ou Termo de Assentimento (para menor de idade ou incapaz);
- Declaração da Instituição e Infra-estrutura em papel timbrado da instituição, carimbada, datada e assinada;
- Projeto de pesquisa na íntegra (word/pdf);
- Instrumento de coleta de dados EM ARQUIVO SEPARADO (questionário/entrevista/formulário/roteiro);
- Termo de Consentimento da Utilização de Dados (TCUD).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

De acordo com a análise, conforme a Resolução CNS/MS N°466/12 e seus complementares, o presente projeto de pesquisa apresenta o parecer APROVADO por apresentar todas as solicitações indicadas na versão anterior.

As alterações realizadas foram:

O endosso foi retirado do TCLE e TALE

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMACOES_BASICAS_DOP_ROJETO_2098564.pdf	08/04/2023 16:35:12		Aceito

Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto.docx	08/04/2023 16:34:43	CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	08/04/2023 16:33:02	CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	08/04/2023 16:32:40	CARLIANE BARBOSA DOS SANTOS SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	11/03/2023 10:55:49	CARLIANE BARBOSA DOS	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 12 de Abril de 2023

**Assinado por: LUCIANA SARAIVA E SILVA
(Coordenador(a))**